

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**ALBERTINA NVIDI SIMÃO**

**A MOBILIZAÇÃO PARA APRENDER NO ENSINO SUPERIOR:  
Um olhar sobre a relação com o saber de estudantes de Pedagogia  
do IV ano face à formação universitária.**

Belo Horizonte

2014

**ALBERTINA NVIDI SIMÃO**

**A MOBILIZAÇÃO PARA APRENDER NO ENSINO SUPERIOR:  
Um olhar sobre a relação com o saber do estudante de Pedagogia do IV  
ano, face à formação universitária.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, na Linha de pesquisa: Educação, Cultura, Movimentos Sociais e Ações Coletivas.

Orientadora: Profa. Shirley Aparecida de Miranda

Faculdade de Educação da UFMG

Belo Horizonte/2015

ALBERTINA NVIDI SIMÃO

A MOBILIZAÇÃO PARA APRENDER NO ENSINO SUPERIOR  
Um olhar sobre a relação com o saber do estudante de Pedagogia do IV ano,  
face à formação universitária

BANCA EXAMINADORA

---

Professora Doutora. Shirley Aparecida de Miranda (FaE/UFMG. Orientadora)

---

Professor Doutor. José Manuel Sita Gomes (ISCED/UON)

---

Professor Doutor. Rodrigo Edilson de Jesus (FaE/UFMG)

---

Professora Doutora. Margareth Dinis (ICHS/UFOP)

S588m

T

Simão, Albertina Nvidi, 1979-

A mobilização para aprender no ensino superior: um olhar sobre a relação com o saber do estudante de Pedagogia do IV ano, face à formação universitária / Albertina Nvidi Simão. - Belo Horizonte, 2015.

112 f., enc, il.

Dissertação - (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientadora: Shirley Aparecida de Miranda.

Bibliografia: f. 70-71.

Apêndices: f. 72-112.

1. Universidade 11 de Novembro -- Instituto Superior de Ciências da Educação -- Teses. 2. Educação -- Teses. 3. Ensino superior -- Angola -- Teses.

4. Professores -- Formação -- Angola -- Teses. 5. Motivação na educação -- Teses. 6. Angola -- Educação -- Teses.

I. Título. II. Miranda, Shirley Aparecida de. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 370.71

**Catálogo da Fonte: Biblioteca da FaE/UFMG**

## DEDICATÓRIA

Esta obra é dedicada à minha família, em especial ao meu marido, Francisco A. M. Chocolate e, aos meus filhos gêmeos Hélvio e Hélio que, se tornaram o Sol da minha vida.

## AGRADECIMENTOS

Em gesto de agradecimento por mais uma etapa da vida concluída com satisfação começo por agradecer a Deus em primeira instância, pelo dom da vida e por ter me abençoado com saúde permitindo que desse continuidade a este projeto, após vicissitudes e turbulências experimentadas no decorrer da realização deste projeto. Continuo agradecendo ao Senhor por permitir que ao meu lado pessoas de valor inestimável me apoiassem e me auxiliassem para o evoluir desta pesquisa.

Em seguida, agradeço a minha orientadora Professora Doutora Shirley Aparecida de Miranda que pacientemente e com perseverança, continuou dando-me atenção e orientação, apesar da minha quase desistência deste projeto, depositando em mim confiança e coragem para continuidade do mesmo. Palavras faltam para expressar o que me vai na alma quanto ao sentimento que me invade relativo a Shirley.

Louvados agradecimentos vão para o meu companheiro Francisco António Macongo Chocolate que, com jeito impar e persistente foi um dos primeiros impulsionadores para que emergisse nesta atividade acadêmica e sempre esteve ao meu dispor, apoiando-me naquilo que fosse necessário para o término desta pesquisa.

Aos meus familiares que souberam a seu jeito incondicional, apoiar-me nesta está empreitada.

Agradecimentos enaltecidos ao casal Professor Doutor José Manuel Sita Gomes e Prof<sup>a</sup>. Mestre Adriana do Nascimento Sita Gomes, que com o seu bem fazer impulsionaram e incentivaram-me para mais está escalada da atividade acadêmica.

À Universidade Onze de Novembro, na pessoa do Magnífico Reitor Prof.<sup>o</sup> Doutor Kianvu Tamo, pelo incentivo.

À Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Faculdade de Educação - FaE, pela - oportunidade cedida para o alcance deste almejado grau acadêmico.

Aos professores de mestrado, que de forma séria e cautelosa souberam conduzir-nos a imersão de reflexões sobre os fenômenos da educação brasileira e não só.

Não podia deixar de agradecer aos sujeitos entrevistados nesta pesquisa, que sempre se mostraram com grande satisfação na disponibilização dos dados que tornaram possível esta pesquisa, bem como aos professores do ISCED que contribuíram para o êxito da mesma.

Aos meus amigos, colegas de serviço, colegas de mestrado que souberam dar o seu braço amigo quando mais precisava.

Difícil está para mim encontrar a expressão adequada para saudar e agradecer o grupo de Angola (irmãos angolanos), que possibilitaram a troca e experimentação de experiências ímpares no decorrer da temporada passada em Minas Gerais - Belo Horizonte. Me resta apenas dizer, muito obrigada por todos os momentos proporcionados naquela temporada.

Os meus sinceros agradecimentos a todos.

## RESUMO

A presente pesquisa investigou elementos que estão na base da manifestação da relação com o saber de estudantes universitários e, nesse caso de estudantes de Pedagogia do IV ano, no curso de ciências da educação do Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED - Cabinda). Para essa análise partimos de observações realizadas pela pesquisadora e professores ISCED que destacaram estudantes com trajetória bem-sucedida em relação à mobilização para os estudos. Os estudantes identificados na primeira fase foram abordados através de questionário preliminar e seguidamente, foram selecionados para entrevistas não estruturadas. A partir das entrevistas focalizamos a ligação que os estudantes apresentam com a escola, o interesse às atividades desenroladas, as trajetórias e estratégias de estudo adotadas. Após um esforço para análise e compreensão do fenômeno em causa e, com base nas informações cedidas chegamos à conclusão de que a compreensão da manifestação da relação com o saber é composta a partir da realidade social em que ocorre o processo de ensino e aprendizagem e também decorrente da trajetória familiar, que pode impulsionar, mediar ou dificultar a mobilização para os estudos.

**Palavras-chave:** Relação com o saber; Mobilização; Ensino Superior.



## RESUMEN

Se investigó elementos que subyacen en la manifestación de la relación con el conocimiento de los estudiantes universitarios y, en el caso de estudiantes de pedagogía del cuarto año, en el curso de la educación científica del Instituto de Ciencias de la Educación (CINE - Cabinda). Para este análisis se partió de las observaciones de la investigadora y docente de la CINE que se destacaron los estudiantes con trayectoria exitosa en cuanto a la movilización de los estudios. Los estudiantes identificados en la primera fase se abordaron mediante cuestionario preliminar y luego fueron seleccionados para las entrevistas no estructuradas. Las entrevistas se centran en la conexión que tienen los estudiantes con la escuela, el interés por las actividades desarrollados, las rutas tomadas y estudiar estrategias. Después de un esfuerzo de análisis y comprensión del fenómeno en cuestión y, en base a la información transferida llegó a la conclusión de que la comprensión de la manifestación de la relación con el conocimiento se hace de la realidad social en que se produce el proceso de enseñanza y aprendizaje y también debido a la historia de la familia, que puede aumentar, mediar o impedir la movilización de los estudios.

Palabras-clave: Relación con el saber; Movilización; Educación

## CONTEÚDO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>09</b>
1.1 Trajetória para definição do grupo alvo de pesquisa.....	14
<b>CAPÍTULO II - CONTEXTUALIZAÇÃO DO SISTEMA DO ENSINO SUPERIOR EM ANGOLA</b> .....	<b>23</b>
2.1 - Situação Geo-Política de Angola .....	23
2.2 - Redimensionamento do Ensino Superior em Angola.....	25
2.3 - Surgimento da UON.....	30
2.4 - Caracterização do ISCED/Cabinda.....	32
2.4.1 - O Perfil de Entrada .....	33
2.4.2 – Perfil de Saída dos Estudantes.....	34
<b>CAPÍTULO III - A RELAÇÃO COM O SABER</b> .....	<b>35</b>
3.1 - A Relação com o Saber do Estudante Universitário .....	35
3.2 - Relação com o Saber e a questão da Identidade .....	39
3.3 - A escola e o Capital Cultural.....	44
3.4 - O Capital Cultural .....	46
<b>CAPÍTULO IV - ANÁLISE DAS ENTREVISTAS</b> .....	<b>49</b>
4.1 - Relação com a Família .....	50
4.2 - Trajectórias de Estudo .....	54
4.3 - Estratégias de Estudo.....	57
4.4 - Escolha pela profissão de Professor e pelo curso de Pedagogia .....	58
4.5. - Aspectos de mobilização para o estudo (estratégias, perspectivas).....	62
4.6. - As Relações de Gênero.....	63
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>67</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	<b>70</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>72</b>

## INTRODUÇÃO

No decorrer das nossas atividades estudantis nos deparamos com muitas situações que, ora de forma mais instigadora, ora de forma menos instigadora, suscitam indagações relativamente aos acontecimentos decorrentes do processo de ensino-aprendizagem, no que tange a relação pedagógica entre professor-aluno. Esses acontecimentos podem estar relacionados aos posicionamentos, tanto dos professores como dos alunos, aos conteúdos trabalhados no recinto escolar, à forma como se dá a relação com o saber dentro e fora do ambiente acadêmico.

No ano 2009, no trabalho de fim de curso de licenciatura em ciências da educação, curso de pedagogia, levamos a cabo uma pesquisa subordinada ao tema *“Desenvolvimento da capacidade investigativa em estudantes universitários à luz de alguns objetivos da criação da UAN<sup>1</sup>: Caso IV ano de pedagogia do ISCED<sup>2</sup> - Cabinda, ano letivo 2008”*. No âmbito desta pesquisa, concluímos, por um lado que 81% dos estudantes se motivava à investigação somente por ocasião dos trabalhos exigidos pelos docentes e apenas 4% dos mesmos se mobilizava para a investigação por iniciativa própria representando um pequeno grupo.

Por outro lado, atendendo as diferentes posturas que venho verificando nos estudantes do "Instituto Superior de Ciências da Educação" - ISCED - face a cultura académica, a partir da minha mais recente experiência como docente na mesma instituição, suscitou-me uma inquietude que me remete a este grupo de estudantes representado por 4% do total. Para abordar um pouco sobre essa questão relativa à cultura académica, nós apoiamos em alguns atores que com suas reflexões nos levam a ponderar sobre o assunto. A palavra cultura carrega consigo inúmeros significados ou sentidos pois como nos aponta Chauí citado por TEIXEIRA (2002:17) num sentido restrito, ela é referente ao

---

<sup>1</sup> Universidade Agostinho Neto, a primeira e a única universidade pública em Angola até o ano 2009, quando se deu o redimensionamento do ensino superior, com a criação de mais seis universidades públicas.

<sup>2</sup> Instituto Superior de Ciências da Educação, criada em Cabinda em 1998, está localizada no bairro Cabassango no município de Cabinda, tendo neste momento 7 cursos em funcionamento. A descrição mais analítica sobre o ISCED será abordada no capítulo II.

*“...cultivo ou cuidado do homem com a natureza, com os deuses, com a alma e o corpo, ou seja, com a educação e formação do espírito humano, o aperfeiçoamento e refinamento das qualidades naturais do homem”..... a cultura não se opõe à natureza, mas se constitui como uma segunda natureza na medida em que, através da educação e dos costumes, aperfeiçoa o que é inato em cada um, acrescentando-lhe algo”*

*E no sentido amplo*

*“..... trata a cultura como qualidade de uma coletividade, como sinônimo de civilização, significando os resultados da formação ou educação dos seres humanos expressos em obras, em ações e instituições”.*

Diante desta abordagem podemos concluir que ao falarmos de cultura estamos basicamente a nos referir àquele processo que envolve todo um conjunto de elementos que vão interferir na formação do carácter do sujeito, levando-o a sofrer mudanças significativas, sempre lhe acrescentando algo para além daquilo que o mesmo carrega por natureza. O que por sua vez evidencia-se em ações, obras e de acordo as instituições.

Podemos então afirmar que a cultura escolar deverá ser nem mais nem menos àquela verificada nas instituições de ensino, onde para além dos conhecimentos veicula sistemas de normas e valores, bem como o conteúdo dos programas anunciados nas instituições oficiais, tendo em conta que FORQUIN (1993: 17) nos aponta que:

*“Cultura escolar dotada de sua dinâmica própria e capaz de sair dos limites da escola para imprimir sua marca “didática” e “acadêmica” a toda espécie de outras atividades, sustentando assim com as outras dinâmicas culturais relações complexas e sempre sobredeterminadas, de nenhum modo redutíveis, em todo o caso, aos processos de simples reflexo ou de “repartição de tarefas”.*

Com base no que anteriormente expusemos, podemos então nos debruçar sobre a cultura acadêmica que a meu ver assemelha-se a cultura escolar no seu objeto,

diferenciando-se na abrangência e espaço de intervenção. Esta (a cultura acadêmica) é uma cultura que é verificada no âmbito do ensino superior uma vez que segundo o site <https://pt.wikipedia.org/wiki/Academia>, o termo *Academia* (do grego antigo *Ακαδημία*, transl. *Akadémeia*, derivação de *Ακάδημος*, transl. *Akádēmos*, "Academo") é o nome dado, no Ocidente, a várias instituições vocacionadas para o ensino superior e ensino universitário na promoção das suas atividades nomeadamente as artísticas, literárias, científicas e físicas, filosóficas, etc. Assim sendo a cultura acadêmica vai estar relacionada ao conjunto de normas, regras e regulamentos que regem as relações hierárquicas e sociais da comunidade estudantil no ensino superior.

Baseando-me nessa definição de cultura acadêmica, podemos então concluir que, entende-se por cultura acadêmica um conjunto de práticas com uma dinâmica característica de um grupo específico, na qual se fazem presentes relações complexas e de repartições de tarefas com vista a se permanecer dentro do que é socialmente aceite como acadêmico num período de tempo determinado.

Olhando-se na diferença do processo que incitava um grupo menor de estudantes a investigação relativamente ao maior grupo, leva-me a indagar sobre quais os motivos e causas que estariam na base da notável forma com que os mesmos se apresentavam em sala, no interesse pelo conhecimento em detrimento dos demais. Diante de tal observância surge o interesse em pesquisar a relação dos estudantes universitários com o saber, com o foco num grupo de estudantes do IV ano de pedagogia do ISCED, da Universidade Onze de Novembro (UON<sup>3</sup>).

Daí meu olhar continua vinculado às questões relativas ao desenvolvimento do "ofício de aluno", que se entende como "um gênero de determinado trabalho reconhecido ou tolerado pela sociedade, e com o qual podem ser angariados os meios de subsistência e ainda ocupação permanente que possui algumas características de ofício" PERRENOUD (1995:14) e, que orientaram minha pesquisa na monografia de licenciatura. Entende-se que o estudante no ensino superior deve apresentar um desempenho substancialmente superior ao de um aluno dos outros níveis de ensino apresentando formulações baseadas em suas concepções

---

<sup>3</sup> Universidade 11 de Novembro que surge com o redimensionamento do ensino superior público em Angola.

relativamente a determinado assunto ou tema, dada a natureza que caracteriza essas instituições.

Faço referência a este aspecto, pois minha intenção é explicar a razão da minha escolha e interesse no tema *"As concepções de estudantes universitários sobre a universidade: um olhar sobre a relação com o saber do estudante de pedagogia do IV ano, face à formação universitária"*, desenvolvido nesta dissertação. Bem, insisto em salientar este interesse advém de um acumulativo proveniente da pesquisa realizada no âmbito da graduação<sup>4</sup>. Meu interesse nesta pesquisa está também, em parte, vinculado a trajetória escolar vivenciada na graduação, onde experimentei com a turma que seguiu comigo os quatro anos de formação muitas práticas acadêmicas manifestadas de diversas maneiras e que, eram evidenciadas na forma como se dava a relação com o saber bem como na significação e sentido que cada um dava a sua interação com a formação universitária.

Meu olhar relativamente aos aspectos mencionados anteriormente ligados ao processo de ensino e aprendizagem mudou ligeiramente de ângulo quando passei de estudante universitária para professora universitária na mesma instituição, nesse caso no ISCED - Cabinda. Minha intenção, após me tornar professora, passou a ser a de compreender, com olhos de uma professora o fenômeno que serviu de base para a minha defesa na graduação, tentando levantar ou identificar aspectos que poderiam ter escapado enquanto visualizava o fenômeno com os olhos de estudante. Neste sentido, minhas indagações são motivadas pela observância da existência, de alguns estudantes nas instituições superiores (como é o caso do ISCED), que conseguem manter uma relação com o saber diferente dos demais, relação está identificada pelas atitudes e posicionamentos que os mesmos apresentam em sala de aula em relação às matérias estudadas e, diante dos posicionamentos que os mesmos apresentam em face de determinado assunto ou situação inquietante.

Após a transição de estudante para professora tive a oportunidade de descobrir elementos na atitude dos estudantes que contribuíram na mudança do meu olhar. Conseguia notar no decorrer das aulas de didática especial - disciplina ministrada

---

<sup>4</sup> A monografia em causa foi trabalhada em dupla com o co-autor Inácio da Ressurreição Mamboma Luemba.

por mim na altura - que existiam estudantes que mantinham uma relação com o saber diferente dos demais. Esta relação era identificada pelas atitudes e posicionamentos que os mesmos apresentam em sala de aula, em relação à matéria estudada.

Os estudantes em causa não se baseavam apenas no material que a professora deixava como apoio para as discussões dos temas constantes do programa, mas, conseguia-se notar que eles faziam leituras de outros autores com assuntos relacionados ao tema da aula, confrontavam os conteúdos e desta forma traziam outras questões relativas ao tema que, muitas vezes deixava-me intrigada. As questões levantadas por eles iam além daquilo que esperava ou solicitava. Diante de tal observância, concluía que os estudantes que apresentavam e persistiam com estas características podiam ser considerados como estudantes que estavam acima da média.

Essa atitude suscitava em mim uma preocupação extrema obrigando-me a ter a necessidade de ler um pouco mais, pesquisar um pouco mais e não apenas me basear no estatuído no programa uma vez que, nem sempre na aula e diante de situações referenciadas acima eu estava preparada para dar uma resposta satisfatória ao estudante. Assim trabalhar um pouco mais para além do que inicialmente havia planejado para a disciplina foi-me exigido para que as aulas decorressem da maneira mais salutar possível.

Isso me leva a questionar sobre os motivos e causas que estariam na base da notável forma com que um grupo pequeno de estudantes se denotava em sala, bem como, no interesse pelo conhecimento que manifestavam superior em relação dos demais. Diante de tal observância surge o interesse em pesquisar a relação dos estudantes universitários com o saber, com o foco num grupo de estudantes do IV ano de pedagogia do ISCED, da Universidade Onze de Novembro (UON). Pois, sabemos que a questão da mobilização do sujeito é precedida de questões relacionadas com o motivo que leva o sujeito a mobilizar-se e, pelo fim ou resultado para que o sujeito se mobilize, uma vez que segundo (CHARLOT 2001:19):

*... compreender como se opera a conexão entre um sujeito e um saber ou, mais genericamente, como se desencadeia um processo de*

*aprendizagem, uma entrada no aprender. Se o sujeito já está em atividade a questão é compreender o que sustenta a sua mobilização. De uma certa forma, pode-se dizer que toda a problemática da relação com o saber, assim como todo o estudo empírico inserido no quadro desta problemática, tem como objetivo elucidar as condições e as formas dessa mobilização é sempre a questão levantada.*

Desta forma observando este cenário propusemo-nos a pesquisar sobre o tema referenciado com o intuito de uma forma geral compreender os aspectos da relação com o saber de um grupo de estudantes do IV ano do ISCED, na UON e, para que conseguisse ter esta compreensão analisei a trajetória escolar dos sujeitos envolvidos descrevendo suas práticas escolares anteriores, descrevi as estratégias adotadas por esse grupo que estão na base de sua mobilização frente ao saber acadêmico, e busquei compreender os significados que o grupo escolhido dá ao seu papel enquanto estudantes universitários bem como compreender a influência da profissão exercida pelos estudantes e sua mobilização face ao saber acadêmico.

Entendo que a importância de se pesquisar sobre a relação com o saber de certos estudantes está em se compreender o fato de que as práticas docentes não atingem do mesmo modo a todos os estudantes. Ela tem uma relevância e tal para o sector educacional na nossa província uma vez que, compreendendo a forma como o grupo referenciado se mantém e desenvolve suas ações em termos de relacionamento com o saber poderemos conduzir nossas práticas em prol de um acolhimento diferenciado aos estudantes posteriores e principalmente reconduzir nossas práticas em função da compreensão do panorama que estes estudantes nos apresentarão.

### **1.1 Trajetórias para definição do grupo alvo de pesquisa**

O presente estudo caracteriza-se como uma abordagem qualitativa<sup>5</sup>. A escolha da abordagem qualitativa justifica-se pelo fato da mesma, “*considerar que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável*

---

<sup>5</sup> Segundo Severino (2007), quando se fala de pesquisa quantitativa ou qualitativa, e mesmo quando se fala de metodologia quantitativa ou qualitativa, apesar da liberdade de linguagem consagrada pelo uso acadêmico, não se está referindo a uma modalidade de metodologia particular. Daí ser preferível falar-se de abordagem quantitativa, de abordagem qualitativa, pois, com estas designações, cabe referir-se a conjuntos de metodologias, envolvendo, eventualmente, diversas referências epistemológicas.



*entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números*” (Silva, *et al*, 2001; Severino, 2007). Nesta abordagem, “*a tarefa do investigador não é descobrir leis, mas engajar-se numa compreensão interpretativa [...] das mentes daqueles que são parte da pesquisa*”. (Santos-Filho, 2001, p.27). Sendo assim, no decurso da pesquisa começamos por definir e selecionar o grupo de estudantes sujeitos de pesquisa, e para isso optei como primeira estratégia, em elaborar um questionário primário onde pude conhecer e fazer o levantamento de informações que me permitiu caracterizar de forma geral o perfil do grupo de estudantes que fazia parte da pesquisa, conforme apêndice A.

Estes dados estavam relacionados com as questões de gênero, idade, estado civil, profissão, trajetória escolar e condição sócio econômico e cultural que representam informações muito importantes para esta pesquisa, uma vez que tencionamos entender a relação destes estudantes com o saber e não se consegue compreender a questão em ênfase sem, no entanto, nos determos nestes aspectos. Como nos aponta Charlot (2000, p. 74) *para a compreensão da relação do indivíduo com o saber, é necessário que se leve em conta sua origem social, bem como a evolução do trabalho, do sistema escolar, das formas culturais, etc.*, sempre considerando que a relação com o saber está também impregnada pela trajetória do sujeito.

Este suporte metodológico é tido como fonte de recolha de dados e informações, pois com ele tive a possibilidade de aceder a elementos que me levaram ao objetivo da pesquisa. Para mim foi muito importante aplicar o questionário para levantamento de informações mais gerais sobre os estudantes, pois me permitiu fazer uma caracterização geral dos mesmos, dando-me elementos que serviram para definição de categorias para estudar e compreender o objeto de pesquisa. Digo isto porque foi com este primeiro contato que tive a oportunidade de perspectivar os possíveis indicadores para a realização e compreensão do estudo desencadeado, uma vez que pude mediante as informações que obtive iniciar o processo de interação com os sujeitos de pesquisa.

Infelizmente após meu regresso do Brasil à Angola (em 2013), com vista a dar continuidade ao trabalho de pesquisa tive o infortúnio de adoecer e em consequência de isso ficar hospitalizada, facilitando a vida dos inimigos da paz, neste caso os ladrões, que assaltaram a minha casa levando com eles toda a minha

documentação, material acadêmico todo incluindo os questionários primários que os estudantes preencheram. Deixando-me muito abalada, cheguei a desabafar que se pelo menos os ladrões tivessem abandonando os meus documentos e inclusive os meus questionários, eu até os agradeceria pelo ato, mesmo eles tendo me deixado na estaca zero relativamente a minha documentação e muitos outros pertences que eles levaram.

O passo a seguir foi manter contato com alguns professores da turma. Tomei esta medida com vista a fazer com que o processo de seleção dos entrevistados para esta pesquisa não fosse aleatório e também lidasse com os desafios da escolha. O fato de ter sido professora da turma em questão fez, por um lado, que a seleção e os contatos com os sujeitos de investigação fosse facilitado e por outro lado, colocou em questão meu olhar de investigadora. Para que esse olhar não fosse comprometido ou provocasse um viés na interpretação dos dados e informações apoiiei-me nas opiniões que os outros professores da turma forneceram em entrevista, com vista a contribuir na melhor seleção dos estudantes sujeitos de investigação.

Neste passo encontrei alguma dificuldade uma vez que houve alguma resistência por parte de duas professoras em ceder entrevista, dando-me sempre respostas de indisponibilidade para ceder informações, pelo que acabei desistindo de abordá-las. Fiquei apenas com dois professores que se mostraram totalmente abertos e disponíveis para o fornecimento de informações, que me permitiram avançar com a pesquisa. Assim, optei em manter contato com alguns professores da mesma turma que ministraram outras disciplinas fazendo uma entrevista semi-estruturada com eles, levantando a princípio uma questão chave, que permitisse uma melhor definição do grupo de estudantes a serem entrevistados e que fariam parte dos sujeitos de pesquisa. O motivo da questão era que os professores pudessem identificar os estudantes com melhor desempenho nas suas disciplinas, bem como saber deles a que elementos ou aspectos da atividade acadêmica eles estariam atribuindo esse melhor desempenho.

Adianto que usamos o pseudônimo para referenciar os entrevistados (tanto os professores como os estudantes) que se mostraram acessíveis em fornecer as informações para que a pesquisa se efetivasse. Optamos por esta via com vista a

salvaguardar a integridade moral dos entrevistados, evitando possíveis represálias aos sujeitos de pesquisa, pois que, pertenciam a instituição. É de realçar que obtemos dos entrevistados a devida autorização para o uso das informações concedidas para o desenrolar desta pesquisa, como mostra o apêndice B.

Desta forma e com vista a fazer uma melhor apresentação dos professores em causa trago as apresentações que me fizeram quando mantive contato com os mesmos. O professor Lourenço Puindi declarou que:

*Trabalho no ISCED de 2007 a 2010 como monitor das disciplinas pedagogia geral e desenvolvimento curricular. De 2011 a 2014 como docente das disciplinas desenvolvimento curricular e práticas pedagógicas nos cursos de pedagogia, psicologia, história, matemática, inglês 3 anos. Tenho orientado vários trabalhos de fim do curso. Técnico médio em biologia e química na escola de formação de professores, licenciado em pedagogia, opção gestão e inspeção escolar, Mestre em ciências da educação na especialidade em Pedagogia do Ensino Superior. Oito anos no ISCED, onde 4 como monitor e 4 como docente na categoria de assistente.*

Já o professor Pedro David afirma que:

*Sou docente há 5 cinco anos na Universidade Onze de Novembro e colocado no Instituto Superior de Ciências da Educação. Licenciado com média de quinze valores em ciências de educação, na opção Psicologia no Instituto supra citado. Atualmente sou mestrando em Filosofia contemporânea pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em Portugal. Leciono as cadeiras de Filosofia da Educação nos terceiros anos dos cursos do ISCED em regime de tronco comum, a Lógica Formal nos primeiros anos dos cursos do ISCED, exceto no curso de matemática, a cadeira de Diagnóstico Educativo no quarto ano do curso de pedagogia, na opção gestão inspeção escolar. Na minha atividade profissional, dedico-me prematuramente pela pesquisa em educação e filosofia, Linguagem e lógica no processo ensino aprendizagem. Acompanho de perto a evolução dos estudantes que mais mostram o interesse pela pesquisa em prol do país e tenho um olhar crítico sobre algumas políticas sociais e educativas do País.*

Com a questão de entrevista levantada pude fazer uma confrontação entre o que os professores estavam afirmando e aquilo que observei para daí poder selecionar a minha amostra ou nesse caso, o meu grupo alvo para a pesquisa. Desta forma pude confrontar que os estudantes mencionados por estes professores não divergiam tanto daqueles que haviam sido selecionados por mim, pois mostravam um desempenho acima da média, o que permitiu uma melhor determinação e identificação do grupo de estudantes que fizeram parte do grupo de informantes para esta pesquisa.

No intuito de obter informações relativas ao grupo alvo para esta pesquisa usei como terceira estratégica a entrevista que me permitiu uma interação próxima com os estudantes selecionados para esta pesquisa.

Após este percurso selecionei cinco estudantes que serviram de sujeitos de pesquisa para este trabalho, e que foram alvos de uma entrevista semi-estruturada, na qual puderam fazer uma narrativa sobre suas trajetórias de vida e estudantil, vindo a corroborar a afirmação de LUDKE (1986), segundo a qual:

*Uma das grandes vantagens deste instrumento é que se estabelece uma interação entre o pesquisador e o pesquisado, ao contrário de outros métodos, como a observação unidirecional, (...) onde se estabelece uma relação hierárquica entre ambos.*

Usei a entrevista semi-estruturada pois é tido como um dos métodos que permite ao pesquisador delimitar o volume de informações, bem como permite maior interação com o entrevistado levando-o a dar respostas mais espontâneas, visto que neste método “as questões são previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal” (LUDKE: 1986). Isso subentende a criação de um espaço de entrevista por parte do entrevistador onde congreguem condições favoráveis para que o entrevistado se sinta confortável e não sob julgamento. Ainda segundo LUDKE (1986) com este tipo de instrumento:

*Entrevistador tem a autonomia de, quando for necessário fazer perguntas adicionais e aclarar o entrevistado. Como uma das grandes vantagens deste instrumento é que se estabelece uma interação entre o pesquisador e o pesquisado, ao contrário de outros métodos, como a*

*observação unidirecional, por exemplo, onde se estabelece uma relação hierárquica entre ambos. Na área educacional, se aconselha grande flexibilidade na elaboração do questionário.*

Nesta conformidade este método ajudou-me com um aprofundamento de elementos da trajetória escolar dos estudantes, que permitiu tipificar a relação com o saber, bem como explorar as estratégias que eles utilizam na formação acadêmica e tentar captar o significado que eles atribuem ao ofício de estudante universitário.

Por se tratar da entrevista semiestruturada, para o efeito foi elaborado um roteiro de questões que conduziram a nossa pesquisa sem, no entanto, se fechar apenas nelas. O guião estabelecido para a realização da entrevista semiestruturada foi construído com base nos objetivos atrás. As questões iniciais do mesmo buscam trazer dados referentes à situação socioeconômica dos sujeitos envolvidos na pesquisa, ou seja, a caracterização dos sujeitos da pesquisa. As questões que se seguiram estavam todas ligadas as questões relativas as estratégias utilizadas pelos estudantes no processo de aprendizagem que os tornam diferentes dos outros. Finalmente agradece-se a colaboração do entrevistado e o seu contributo para a compreensão da pesquisa. Todas as entrevistas foram gravadas com o consentimento dos estudantes e professor e posteriormente transcritas. Os textos finais dessa transcrição encontram-se nos apêndices do trabalho.

Nas entrevistas realizadas, a interferência foi a menor possível, pois procuramos deixar que os próprios entrevistados organizassem as suas falas, em relação aos temas que eram propostos no decorrer do diálogo, tendo em conta os objetivos do trabalho. Com isso, nossa tarefa foi mais evidente no momento em que vamos nos basear da fala dos nossos entrevistados para a análise que se impõe.

Fiquei surpreendida quando verificava que no decorrer das entrevistas, os estudantes apresentavam um cenário em termos de mobilização muito satisfatório para o ambiente acadêmico característico. Sua persistência e esforços para se manterem no ambiente acadêmico foram notáveis por um lado. Por outro lado, pude verificar que em suas famílias, embora se fizesse presente o incentivo de forma geral nota-se que, em termos de continuidade acadêmica, as mulheres não acompanhavam o ritmo por interferência no seu percurso estudantil verificada pela

concepção social ainda persistente na realidade angolana, de que as mulheres estão focalizadas para o ambiente caseiro.

Abordando os dois professores que passaram pela mesma turma, relativamente sobre a que características verificadas nos estudantes eles estariam atribuindo bom desempenho acadêmico, que critérios eles apontavam para o sucesso acadêmico, bem como, outra questão relacionada as dificuldades que os estudantes ultrapassavam ao longo de sua formação, temos o seguinte: O professor Pedro David

*"Verifiquei exatamente essa atitude por causa da própria iniciativa destes estudantes, por causa da procura de um alvo bibliográfico fora daquilo que apresentava a nível das aulas, tinham um espírito de criatividade e de investigação, notava-se neles e faziam questões concretas e muito pontuais naquilo que é ciências de educação no âmbito da própria formação em ciências de educação. Acho que a criatividade, a própria iniciativa, a própria socialização destes estudantes é que de fato fazem deles bons acadêmicos até e profissionais no âmbito de ciências da educação. É mais ou menos isso que notei quer dizer não se cingem apenas no saber por causa da nota ou da passagem de ano, mas, noto nesses alunos uma tendência, uma capacidade de querer conhecer também para a vida."*

O Professor Lourenço Puindi diz que:

*"Bem o primeiro critério que nós temos que ter em conta para o sucesso acadêmico dos estudantes é a capacidade de adaptação ou a capacidade de reajustamento. O estudante ao longo do curso, ele vai desenvolver certas habilidades e que lhe vai permitir se ajustar em função a cada metodologia ou procedimento didático de cada professor e, acima de tudo nos melhores estudantes que eu notei uma tendência muito forte do perfil de entrada, o percurso de formação, ter influenciado muito no seu aproveitamento, no seu rendimento escolar como também na questão de engajamento do próprio estudante como é o caso do Casimiro, João, C e D. Eles têm um perfil de entrada proveniente da escolas de formação de professores e certamente que alguns assuntos que são abordados nestas instituições do ensino*

*superior são assuntos que nestas escolas de base de professores já tem sido tratados, naturalmente que aparecem com um pé de avanço em relação por exemplo do caso da estudante Filomena que fez PUNIV mas, que conseguiu entrar no ISCED, que em termos de seleção da própria instituição, a política é para as escolas de formação, têm maior percentagem as escolas de formação de professores e menor percentagem para as escolas técnicas e sociais etc. então vê-se que há uma questão de perfil de entrada. E também há outra questão da estudante Filomena que é vontade e adaptação. Ela (a estudante Filomena) tem vocação para o professorado, mas não tem uma formação inicial nas escolas de formação de professores ela adaptou-se. Claro que ela teve por exemplo, não só ela como todos os que estiveram aqui, tiveram desafios institucionais. Desafios ligados, ligados ao curso, desafios ligados ao relacionamento com os professores, mas, eles em função do próprio contexto souberam se reajustar, se readaptar face as novas exigências do ensino superior. E outra questão que lhes leva a se destacarem na minha disciplina é o interesse que o próprio estudante tem para superar as suas dificuldades, superar os seus tabus acima de tudo e ter um engajamento forte em termo de relacionamento com o professor - conteúdo - objetivo e associar aquilo que não se fala, não se lê e não se ouve falar em sala de aula com leituras na livraria, na biblioteca, etc."*

Verificamos que, segundo os dois professores melhor desempenho acadêmico é atribuído a inúmeros aspectos ou características específicas verificadas nestes estudantes de forma mais evidenciada. Pelas palavras acima nota-se que os professores acreditam, por um lado que a capacidade que alguns alunos manifestam na busca por outros assuntos ligados a conteúdos das ciências de educação, área de formação dos mesmos faz destes bons académicos, uma vez que passam a cultivar em si o espírito crítico, criativo e a capacidade de investigação. Por outro lado, apontam que para o sucesso académico três fatores são fundamentais: a capacidade de adaptação e de reajustamento, o perfil de entrada adequado com a instituição de formação superior e a capacidade de vencer os desafios institucionais. Quanto aos desafios institucionais relatados pelos professores, os mesmos são apresentados como sendo as principais dificuldades que os estudantes passaram ao

longo da formação ligadas a diferentes fatores. Para estes os estudantes enfrentam diversas situações ligadas ao curso, no relacionamento com os professores que necessariamente precisam vencer para terminarem com êxito a formação.

Para além da parte introdutória onde caracterizamos a pesquisa apresentando sua importância e justificação, ela estrutura-se em quatro capítulos. No capítulo I, centramos nossas forças em descrever as motivações da nossa indagação a respeito do tema em pesquisa, demonstrando a trajetória traçada para definição do objeto de estudo, bem como, referenciamos sobre os objetivos que se pretendia atingir com esta pesquisa e a metodologia usada para a efetivação da mesma.

No capítulo II, contextualizamos o sistema de ensino em Angola, abordando sobre o redimensionamento do ensino superior que deu origem a UON, bem como, debruçamos sobre o perfil de entrada e saída dos estudantes do ISCED.

No capítulo III, temos então o suporte teórico onde trazemos os conceitos fundamentais da pesquisa, descrevendo os aspectos envolvidos, tendo como base diversas teorias e bibliografias que trazem aspectos retratados por nós nesta pesquisa.

No capítulo IV temos a apresentação das entrevistas aos estudantes, que nos permitiu a aquisição de informações que depois de analisadas e interpretadas nos auxiliou na elaboração das considerações finais desta pesquisa.

No final, encontramos as considerações finais sobre a pesquisa em causa e as referências bibliográficas que serviram de suporte para a mesma.

Com esta pesquisa podemos trazer à luz alguns dos elementos que estão na base da mobilização de um grupo de estudantes universitários para com a formação universitária, podendo de esta forma contribuir para melhor compreensão (por parte das instituições superiores, dos professores e dos próprios estudantes) dos fenómenos que em muitos casos influenciam na determinação, entrega e apropriação, para que a relação com o saber nos estudantes ocorra de uma forma mais significativa.



## CAPÍTULO II

### CONTEXTUALIZAÇÃO DO SISTEMA DE ENSINO SUPERIOR EM ANGOLA

#### 2.1 - Situação Geo-Política de Angola

É de extrema importância trazer nesta pesquisa uma breve panorâmica do país onde se desenrola a mesma, a fim de percebermos melhor as movimentações em que os nossos estudantes sujeitos de pesquisa estiveram envolvidos. Assim, em gesto de uma singela apresentação, começamos por afirmar que Angola é um país da África subsaariana, mais concretamente da costa ocidental de África. O seu território principal é circunscrito a norte e a nordeste pela República Democrática do Congo, a leste pela Zâmbia, a sul pela Namíbia e a oeste pelo Oceano Atlântico. Encontra-se dividido em 18 Províncias (Estados). É um país que apresenta uma grande diversidade de recursos naturais e, possui um grande potencial ao nível agrícola, mineral, piscatório e florestal. É um país plurilinguístico onde o português é considerado a língua oficial e de comunicação entre os angolanos, apesar de existirem outras línguas nacionais como, por exemplo: Umbundu, Kimbundu, Kikongo, Tchokwe e N'gangela. O ensino formal é feito em língua portuguesa, no entanto existem a nível governamental discussões sobre a possibilidade da inclusão de línguas nacionais no currículo.

Quase nenhum ou poucos são os países que passaram pelo que Angola passou. Quarenta anos de guerra quase contínua devastaram os serviços básicos de educação e saúde, contribuíram para uma das piores taxas de mortalidade infantil do mundo, paralisaram as capacidades e a produtividade e destruíram o tecido económico e social nacional. Quase metade das crianças angolanas não frequentavam a escola, 45% das mesmas sofriam de subnutrição crónica e um quarto das crianças morria antes de completar cinco anos, os jovens e os adolescentes eram obrigados muitas das vezes a se esconderem dentro das casas por um longo período de tempo com o risco de serem levados para servir o exército. Esta era a realidade de um povo até o ano de 2002, período que se observou o calar das armas e a assinatura dos acordos de paz.

Nele está incluído também o enclave de Cabinda, o qual faz fronteira com a República do Congo, a norte conforme ilustração abaixo.

Figura 1- Mapa de Angola



Fonte: Disponível em: <<http://www.africa-turismo.com/mapas/angola.htm>>. Acesso em: 18/07/2014

No Século XV, os portugueses estiveram em alguns pontos do território angolano saqueando através do tráfico de pessoas para escravidão, colonização, apropriação de recursos do país, principalmente com os povos que moravam no litoral. Essa presença se estendeu até o século XX. Em 1975, Angola alcançou a independência

do domínio português depois de uma guerra de libertação que teve início no dia 04 de fevereiro do mesmo ano.

Após a independência, Angola vivenciou uma forte guerra civil desde 1975 a 2002, principalmente entre o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA).

O processo histórico de Angola dos últimos 50 anos foi configurado por três formas de Governo e por três sistemas político-partidários. Uma forma de Governo fascista, que correspondeu ao período colonial do Estado Novo dos governos de Oliveira Salazar e de Marcelo Caetano, e que terminou a 11 de Novembro de 1975 com a proclamação da independência de Angola. Uma forma de Governo leninista, sob as Presidências de Agostinho Neto (1975-1979) e de José Eduardo dos Santos, que vigorou de 1975 até 1992, e a sua forma atual de Governo representativo, que foi estabelecida a partir de 1992. Esta forma de Governo sob a liderança do Presidente da República José Eduardo dos Santos, é a consequência direta da realização das primeiras eleições democráticas e corresponde ao período de implantação da democracia representativa.

Tal como se observa, a guerra em Angola foi sempre uma constante desestabilizadora e provocadora de um empobrecimento cada vez maior do Estado, das populações e da já escassa rede escolar e de assistência social. Em consequência disso, um número considerado da população dirigiu-se para as áreas e ou cidades menos afetadas pela guerra e consideradas como as mais seguras, aumentando desse modo o número de populares nestas cidades, nomeadamente, Lubango, Benguela, e principalmente Luanda.

## **2.2 - Redimensionamento do Ensino Superior em Angola**

Para fazer-se uma caracterização da instituição onde se desenrolou a pesquisa, nesse caso o ISCED, é de extrema importância que possamos trazer um pouco da origem da mesma. Assim importa-nos relatar de forma breve os acontecimentos que estiveram na base do surgimento do ensino superior em Angola e mais concretamente em Cabinda.

Angola alcançou a independência em 1975, pelo Movimento Popular de Libertação Angolana (MPLA), mas ainda permaneceu num clima de guerra civil por mais 27 anos.

Necessitando fazer um recuo para abordar sobre o surgimento do ensino superior importa-nos afirmar que em Angola<sup>6</sup> o ensino superior surgiu nos meados do século passado, com a constituição da Universidade Portuguesa (EGU) em 1962. Após o alcance da independência deu-se a criação em 1985 da Universidade Agostinho Neto (UAN) e, no primeiro decênio do século atual, surgiram várias Universidades Privadas, a Secretaria de Estado para Ensino Superior (SEES) em 2007, a Rede de Instituições de Ensino Superior (IES) e procedeu-se ao re-ordenamento da UAN em 2009.

O ensino superior em Angola teve dois momentos de desenvolvimento, muito importantes e marcantes verificados pela criação do Ministério de Ensino Superior, Ciência e Tecnologia (MESCT) em 2010 e do Ministério de Ensino Superior em 2012.

Todo este processo visou o desenvolvimento do país tendo como ferramenta chave a organização acadêmica das Instituições de ensino superior, permitindo uma abrangência por todo o país, bem como, a formação do corpo docente.

O subsistema de ensino superior é o conjunto de órgãos, instituições, disposições e recursos que visam a formação de quadros de alto nível para os diferentes ramos de atividade económica e social do País, assegurando-lhe uma sólida preparação científica, técnica, cultural e humana, bem como a promoção da investigação científica e a prestação de serviços à comunidade.

São objetivos do subsistema do ensino superior:

- Preparar os quadros de nível superior com formação científico-técnica, cultural num ramo ou especialidade correspondente a uma determinada área do conhecimento;

---

<sup>6</sup> Pretendemos melhor a descrição e análise da reforma educativa no nosso país muito brevemente acrescentando assim, indicadores mais profundos relativos a reforma educativa em Angola.

- Realizar a formação em estreita ligação com a investigação científica, orientada para a solução dos problemas postos em cada momento pelo desenvolvimento do País e inserida no processo dos progressos da ciência, da técnica e da tecnologia;
- Preparar e assegurar o exercício da reflexão crítica e da participação na produção;
- Realizar cursos de pós-graduação ou especialização para a superação científico-técnica dos quadros do nível superior em exercício nos distintos ramos e sectores da sociedade;
- Promover a pesquisa e a divulgação dos seus resultados para o enriquecimento e o desenvolvimento multifacético do país.

#### Princípios do Subsistema de Ensino Superior

##### Princípios específicos

Sem prejuízo dos princípios enunciados na Lei de Bases do Sistema de Educação (LBSE) são princípios específicos do subsistema de ensino superior os seguintes:

- a) Papel reitor do Estado;
- b) Autonomia das instituições de ensino superior;
- c) Liberdade académica;
- d) Gestão democrática;
- e) Qualidade de serviços;
- f) Equilíbrio da rede de instituições de ensino superior.

O subsistema de ensino superior estrutura-se em:

- a) Graduação;
- b) Pós-graduação.

## Graduação

A graduação estrutura-se em:

- a) Bacharelato;
- b) Licenciatura.

O bacharelato corresponde a cursos de ciclo curto com a duração de três anos e tem por objetivo permitir ao estudante a aquisição de conhecimentos científicos fundamentais para o exercício de uma atividade prática no domínio profissional respectivo de uma atividade prática no domínio profissional respectivo, em áreas a determinar, com carácter terminal.

A licenciatura corresponde a cursos de ciclo longo com a duração de quatro a seis anos e tem como objetivo a aquisição de conhecimentos, habilidades e práticas fundamentais dentro do ramo do conhecimento respectivo e a subsequente formação profissional ou académica específica.

## Pós-graduação

A pós-graduação tem duas categorias:

- a) Pós-graduação académica;
- b) Pós-graduação profissional.

A pós-graduação académica tem dois níveis:

- a) Mestrado;
- b) Doutoramento.

A pós-graduação profissional compreende a especialização.

O mestrado, com a duração de dois a três anos, tem como objetivo essencial o enriquecimento da competência técnico-profissional dos licenciados.

A especialização corresponde a cursos de duração mínima de 1 ano e tem por objetivo o aperfeiçoamento técnico-profissional do licenciado.

O doutoramento, com a duração de quatro a cinco anos, visa proporcionar formação científica, tecnológica ou humanista, ampla e profunda aos candidatos diplomados em curso de licenciatura e /ou mestrado.

De acordo ao Artigo 12.º do Decreto n.º 90/09 de 15 de Dezembro do Conselho de Ministros da Republica de Angola todas as atividades exercidas pelas instituições do Ensino superior são regidas pelo Estado. Assim, sem prejuízo do estabelecido na Lei de Bases do Sistema de Educação, são atribuições do Governo no domínio do ensino superior as seguintes:

- a) Definir e orientar a execução da política nacional do Estado para o ensino superior;
- b) Garantir o cumprimento dos objetivos específicos do subsistema de ensino superior, bem como a aplicação dos seus princípios;
- c) Criar instituições de ensino superior públicas;
- d) Autorizar a criação de instituições de ensino superior público-privadas e privadas;
- e) Aprovar os estatutos das instituições de ensino superior;
- f) Garantir um elevado nível de qualidade nos domínios pedagógico, científico, tecnológico e cultural das instituições de ensino superior;
- g) Nomear e empossar os titulares dos órgãos de gestão das universidades e academias públicas, sob proposta do titular do órgão de tutela, com base nos três candidatos eleitos pelas assembleias das respectivas instituições;
- h) Suspender e exonerar os titulares dos órgãos de gestão das universidades e academias públicas, sob proposta do titular do órgão de tutela, nos termos do presente diploma;
- i) Definir as taxas e os emolumentos a que se obriguem as atividades das instituições de ensino superior;

- j) Apoiar os investimentos e iniciativas que promovam a melhoria da qualidade do ensino superior;
- k) Financiar o funcionamento e o desenvolvimento das instituições de ensino superior públicas;
- l) Comparticipar no financiamento do funcionamento e no desenvolvimento das instituições de ensino superior público/privadas;
- m) Comparticipar em projetos de desenvolvimento das instituições de ensino superior privadas, sempre no interesse do Estado;
- n) Autorizar a alienação de bens móveis e imóveis das instituições de ensino superior públicas, sujeitos a registo;
- o) Assegurar a participação dos professores, investigadores, estudantes, trabalhadores e sociedade civil na gestão do subsistema de ensino superior;
- p) Garantir o equilíbrio da rede das instituições de ensino superior, tendo em conta os planos estratégicos de desenvolvimento do País.

### **2.3 - Surgimento da UON**

O surgimento da UON foi constituído oficialmente pelo Decreto Ministerial nº 7/09, de 12 de Maio de 2009 e seus Estatutos Orgânicos foram aprovados pelo Decreto Ministerial nº 245/11, de 8 de Setembro de 2011. O artigo 7 deste último Decreto estabelece que:

*Art. 7 - A UON é uma instituição de ensino superior pública vocacionada para a promoção do ensino e investigação científica, bem como para a criação da ciência e da tecnologia, em prol da comunidade.*

Sua constituição se fez a partir da transformação do Centro Universitário de Cabinda (que comportava os Núcleos de Economia, Direito e o Instituto Superior de Ciências de Educação) pertencente à então Universidade Agostinho Neto (UAN), e a inclusão da Faculdade de Medicina, do Instituto Superior Politécnico de Cabinda e da Escola Superior Politécnica do Zaire.



Hoje a UON tem impulsionado a atividade de investigação científica e pós-graduação obedecendo aos seus objetivos de ser uma universidade comprometida com o desenvolvimento do País, em áreas de fim supremo que é a de elevar a qualidade dos graduados que fornece à sociedade. É constituída por várias unidades orgânicas, num total de seis, a saber: Faculdade de Direito (FD), Faculdade de Economia (FE), Faculdade de Medicina (FM), Instituto Superior Politécnico de Cabinda (ISPC), Instituto Superior de Ciências de Educação (ISCED) e Escola Superior Politécnica de Zaire (ESPZ) (localizada nos Municípios de M´Banza Congo e Soyo).

A UON põe à disposição dos estudantes uma quantidade de cursos que importa referenciar. Assim, temos que a Faculdade de Economia até o ano passado (2014) teve um universo de 1534 estudantes matriculados, ministra três cursos de graduação (licenciatura), nomeadamente: Gestão de Empresas, Economia e Contabilidade e Auditoria. Na Faculdade de Direito é ministrado somente um curso de graduação (que corresponde a licenciatura) com um total de 747 estudantes matriculados. Na Faculdade de Medicina ministra-se somente o curso graduação em Medicina (que corresponde a licenciatura), no qual estão matriculados 367 estudantes.

No Instituto Superior Politécnico de Cabinda, a UON conta com dois cursos de graduação, Enfermagem e Psicologia Clínica, e com um total de 482 estudantes matriculados. O ISCED tido como o núcleo central de formação de professores da UON, ministra atualmente sete cursos de graduação (o equivalente a licenciatura), nomeadamente: Ensino de Biologia, Ensino de História, Ensino de Língua Inglesa, Ensino de Língua Portuguesa, Ensino de Matemática, Ensino de Pedagogia e Ensino de Psicologia. Tem um universo de 2720 estudantes matriculados e é a maior unidade orgânica da UON.

A Escola Superior Politécnica de Zaire (ESPZ) tem a sua sede na capital da província do Zaire, isto é em Mbanza Congo e está, repartida em dois municípios, nomeadamente o M´Banza Congo e Soyo. Em M´Banza Congo, a ESPZ ministra cinco cursos que são: Ensino de Psicologia, Ensino de Matemática, Ensino de

Física, Ensino de Química, e Gestão de Empresas. Estavam matriculados, até o ano 2014, um total de 1.371 estudantes.

Já no município do Soyo, a mesma tem em funcionamento seis cursos, nomeadamente: Engenharia Informática, Engenharia Mecânica, Engenharia em Manutenção Industrial Ensino de Pedagogia e Ensino de Matemática. No ano académico 2014 tinham matriculado 1.359 estudantes.

Importa ainda realçar que para o ingresso na UON, os candidatos à universidade são submetidos a um exame de seleção. Neste exame o candidato sujeita-se a realização de uma prova escrita em que, para além dos conteúdos específicos do curso que pretende frequentar são avaliados simultaneamente conteúdos relacionados à cultura geral e a capacidade de escrita e síntese por meio de uma redação. As vagas são preenchidas pelo critério da maior nota em função ao número disponível.

#### **2.4 - Caracterização do ISCED/Cabinda**

O Instituto Superior de Ciências da Educação ISCED - Cabinda localiza-se a Oeste da cidade capital da província, concretamente no bairro Cabassango. Importa salientar que esta Instituição do Ensino Superior Público não possui instalações próprias estando neste momento a funcionar em paralelo com o Instituto Médio de Economia de Cabinda, que é detentor do espaço físico. No Cabassango, o ISCED possui um espaço físico com dois pavilhões onde funciona com uma biblioteca, uma sala de informática e 14 salas de aulas para além de gabinetes para as áreas administrativas.

Antes uma Unidade orgânica do Centro Universitário de Cabinda, adstrita a Universidade Agostinho Neto (UAN), sendo a única Universidade pública até o ano 2009 no país. No âmbito do redimensionamento do subsistema de Ensino Superior em Angola, o Conselho de Ministros cria as Regiões Acadêmicas (I, II, III, IV, V, VI e VII), Decreto 02/09 de 12 de Maio, cria mais VI Universidades Públicas por meio do Decreto n.º. 07/09 de 12 de Maio.

O ISCED – Cabinda é consequência do ISCED – Lubango (ISCED mãe), criado na base do Decreto n.º 95/80, de 30 de Agosto e nos termos das disposições

combinadas da alínea c) do artigo 7º e da alínea i) do artigo 11º ambos do Decreto n.º 2/95 após parecer favorável do Senado Universitário e fundamenta-se na DELIBERAÇÃO N.º 001/AU/2001 da Assembleia da Universidade Agostinho Neto.

Constituem objetivos fundamentais do Instituto Superior de Ciências da Educação, a formação de pessoal qualificado necessário ao correto funcionamento do ensino de base, médio e superior, a habilitação de especialistas de Educação e a promoção de investigação científica e técnica.

Esta instituição ministra cursos superiores no nível de licenciatura em: Ensino de Psicologia; Pedagogia; Ensino de História; Ensino de Matemática; Ensino de Biologia; Ensino da Língua portuguesa e Língua inglesa. Cada um destes cursos está integrado em nível dos Departamentos ligados ao Ensino e Investigação dos respectivos cursos, nomeadamente Ciências Sociais, Ciências Exatas e Ciências da Educação. Conta com um universo de 2.720 estudantes matriculados no ano Acadêmico 2014, repartidos em dois turnos regular e pós-laboral.

O ISCED goza de autonomia financeira, administrativa e acadêmica, podendo abrir outros cursos desde que as condições sejam criadas de acordo com as exigências da sociedade, da realidade regional e com os avanços da ciência e da técnica.

Anteriormente, a frequência as aulas e outros trabalhos pedagógicos nesta instituição eram feitos apenas no período diurno. A partir do ano acadêmico 2005/2006, tendo em atenção à pressão social em presença, foi aberto o processo de aulas pós-laboral vigoradas em muitas unidades orgânicas da Universidade Agostinho Neto.

#### **2.4.1 O Perfil de Entrada**

O perfil de entrada no ISCED atualmente é variável tendo em conta os diferentes cursos médios existentes na província. Terminado o ensino médio qualquer pessoa está em condições de se inscrever no ISCED, mediante um dos cursos ali existentes.

Ainda não se verifica em nível do ISCED uma preferência no ato da seleção dos candidatos, pelos estudantes que frequentaram um curso médio com especialidade

na formação de professores. Esta situação deve-se a carência de cursos superiores ofertados na província para atender a demanda de estudantes que terminam o ensino médio nos diferentes cursos. Entram no ISCED todos os candidatos que aprovam nos exames de seleção independentemente da região de proveniência, podendo neste caso pertencer às distintas zonas do país. A idade dos candidatos não é levada em consideração, desde que o mesmo apresente capacidades intelectuais para frequentar o ensino superior e, é claro, desde que tenha o ensino médio concluído comprovado mediante documentos oficiais das instituições de proveniência. Assim jovens com idades compreendidas entre 17 anos de idade até adultos com 60 anos de idade são admitidos no ISCED se alcançarem aprovação nos testes. As vagas são preenchidas pelo critério da maior nota em função ao número disponível.

#### **2.4.2 – Perfil de Saída dos Estudantes**

Durante a frequência as aulas, a par da formação acadêmica e técnica, virados a docência o estudante é levado paulatinamente a inserir-se no processo docente-educativo, através da prática docente que lhe permitirá estabelecer uma relação dos conhecimentos teóricos e a realidade educativa nas escolas do ensino geral e médio.

Nesta perspectiva, os quadros formados no ISCED têm os seguintes escalões:

- Concluído o terceiro Ano, tem a equivalência de Bacharel.
- Com a elaboração de um trabalho de fim de curso e a conseqüente defesa do mesmo torna-se Licenciado em Ciências da Educação com a correspondente opção (Pedagogia, Psicologia, História, Matemática e Biologia).

Em relação ao Curso de Pedagogia ministrado pelo ISCED - Cabinda, o mesmo tem como objetivo formar profissionais em nível superior, habilitados a atuar no ensino, na organização e na gestão de sistemas, em unidades e projetos educacionais, na organização do trabalho educativo e na produção e difusão do conhecimento e em diversas áreas da educação.

## CAPÍTULO III

### A RELAÇÃO COM O SABER<sup>7</sup>

#### 3.1 - A Relação com o Saber do Estudante Universitário

Para falar sobre este ponto gostaria de trazer para reflexão a questão que é levantada no decorrer desta pesquisa e que traz consigo a essência da mesma. Porque alguns estudantes se mobilizam mais que os outros no ato de aprender? A fim de percebermos melhor sobre esta questão vamos rapidamente nos debruçar sobre o que caracteriza o estudante universitário.

O estudante universitário é caracterizado como um indivíduo carregado de experiências escolares e educacionais provenientes dos níveis anteriores. Na medida em que o nível de escolaridade avança, o aluno vai experimentando novos ambientes escolares e novas formas de ressignificação do trabalho escolar. Parte-se do pressuposto de que na escola o aluno está diante da educação escolar, que nesse caso faz com que a possibilidade de acúmulo de práticas escolares e aquisição de habilidades sejam evidentes, pois como nos elucida Forquin (1993, p, 10):

*(...) se toda educação é sempre educação de alguém por alguém, ela supõe sempre também, necessariamente a comunicação, a transmissão, a aquisição de alguma coisa: conhecimentos, competências, crenças, hábitos, valores, que constituem o que se chama precisamente de conteúdo da educação. (FORQUIN, 1993, p. 10).*

Sendo assim, compreende-se que os estudantes apresentem características correspondentes às diferentes etapas do já transcorrido percurso escolar.

Na transição de um nível a outro, (nesse caso do nível médio ao nível superior), o estudante carrega consigo uma cultura escolar vivenciada e aprendida a partir de outros níveis e predominantemente do nível médio, o que me leva a considerar que

---

<sup>7</sup> Tenho conhecimento de outras concepções sobre a relação com o saber. Adotei apenas uma mas estou aberta a incluir outras concepções no trabalho se for necessário.

o mesmo, baseando-se nesta cultura ingressa no ensino superior com um sentido definido e incorporado sobre as práticas escolares. Estando na universidade e mediante a socialização de novas práticas escolares dá-se outra vez, mediante a transmissão (a partir de todo um conjunto de práticas existentes no seio da universidade) e apropriação de novas práticas, uma nova aquisição de valores, competências, crenças, hábitos, conhecimentos, nesse caso referente ao estudante universitário do IV ano de pedagogia, mediante sua trajetória na universidade.

Neste âmbito, para que o estudante responda aos objetivos que UON se propõe produzir e se adapte à nova realidade, depende de alguns elementos intrínsecos e extrínsecos que o conduzirão a desenvoltura e integração à nova realidade e exigências referentes ao nível superior. No entanto, é importante considerar que tais características não dependem simplesmente da intencionalidade da educação escolar, mas também do interesse individual do aluno para a incorporação destes princípios, uma vez que, como nos indica Charlot (2000:54), *a educação é produção de si por si mesmo... uma educação é impossível se o sujeito a ser educado não investe pessoalmente no processo que o educa.*

Daí importa-nos realçar que o estudante que ingressa no ensino superior carrega consigo um “modus vivendus” que é fruto das experiências que traz a partir da posição social da família, das condições de apropriação de um saber, do conjunto das relações que o mesmo mantém com outros jovens e adultos bem como das trajetórias escolares anteriores que o mesmo apropriou ao longo do anterior período. Pois, sabemos que ao realizarmos uma pesquisa sobre a *relação com o saber* induz-nos também, a procurar perceber como estas trajetórias encaminham os estudantes para uma transformação de si como pessoa, pois como nos aponta Charlot (2005:41)

*"Realizar pesquisa sobre a relação com o saber é buscar compreender como o sujeito aprende o mundo e, com isso, como se constrói e transforma a si próprio: um sujeito indissociavelmente humano, social e singular".*

Desta forma, perante este panorama trazemos as questões da prática como suporte para ir em busca do entendimento sobre o que move o grupo de estudantes referenciado. A ligação que os mesmos apresentam com a escola, o interesse nas

atividades desenroladas, a aproximação relacional com o saber relativamente aos demais constitui o foco de nossa pesquisa.

Importa-me realçar ainda e com maior ênfase, o que venho observando nos estudantes do ensino superior que é característico de práticas nos estudantes do ensino médio hoje: tenho notado nos estudantes do ensino médio uma grande tendência de só aprovar de classe, independentemente das condições que o mesmo reúne para tal; ao fim do semestre e principalmente do último semestre, as movimentações, negociações e as suplicações são notáveis por parte dos alunos, bem como a facilitação por parte de muitos professores para que o processo de aprovação se efetive.

O mesmo ou algo semelhante nota-se nalguns estudantes do ensino superior, que independentemente de sua preparação não querem “deixar disciplinas para trás”, ou seja, ficar a dever disciplinas do currículo, o que impede a sua progressão natural no curso e a matrícula em outros anos ficando até a aprovação nas disciplinas pendentes e seguir em frente. Muitos recorrem ao uso de práticas não características a qualquer estudante, o uso de fraudes acadêmicas (o uso de cábulas ou colagem), a existência do nepotismo por parte dos estudantes (que usam o fato de ser familiar de alguém ligado a instituição para fazerem seus pedidos ou ainda o fato de pertencerem a instituição como trabalhadores administrativos), práticas estas que no meu entender deveriam atingir outras dimensões levando em consideração o nível de escolaridade que o mesmo detém. O fato de estar do outro lado em oposição aos estudantes despertou em mim maior curiosidade em verificar, compreender e analisar a questão daqueles que conservam o saber fazer bem do “ofício de aluno”, uma vez que nalguns destes estudantes se verificava o que Charlot (2005) definiu como *relação com o saber*, isto é, “*uma relação de sentido, e, portanto, de valor, entre um indivíduo (ou um grupo) e os processos ou produtos do saber*” (CHARLOT et al. 1992).

A partir destes pressupostos entende-se que a transformação que se espera do estudante relativo ao rompimento de culturas do ensino médio para uma nova postura face a formação está ligada não só as estratégias políticas institucionais encontradas, uma vez que, segundo Teixeira e Porto (apud TEIXEIRA 2002:40) “sendo a escola, instituição socialmente destinada a criar e a reproduzir o saber e a

cultura, torna-se o espaço privilegiado de reapropriação e reinterpretação da cultura”. Portanto, a instituição de ensino superior tem por missão proporcionar através de suas políticas, situações que levem os estudantes a transformação e apropriação da cultura universitária, mas também intrinsecamente ligada com a forma como o estudante se revê como pertencente à cultura da universidade mediante seus métodos de apropriação da nova realidade, o que conduz para este efeito a tomada de posições condizentes à exigência do ensino superior.

Neste sentido, minhas indagações são motivadas pela observância da existência de alguns estudantes nas instituições superiores (como é o caso do ISCED) que conseguem manter uma relação com o saber diferente dos demais, identificados pelas atitudes e posicionamentos que os mesmos apresentam em sala de aula em relação às matérias estudadas e diante dos posicionamentos que os mesmos apresentam face a determinado assunto ou situação inquietante em detrimento daqueles se mantêm ligados a culturas não características a qualquer estudante que se preze e se dedica a manter uma relação com o saber digna do seu ofício de aluno como, por exemplo, o caso do uso da fraude acadêmica, o desinteresse ou desmotivação pelas iniciativas científicas, no modo de relacionar-se com a busca do saber, etc., práticas essas que no nosso entender, não são típicas do estudante no ensino superior e não só.

Para debruçar mais detalhadamente sobre a questão da *relação com o saber*, nós apoiamos em Charlot que contribuiu na questão do saber entre os jovens, como nos ilustra a sua obra *Os jovens e o saber* (2005).

A questão sobre a relação com o saber pode ser colocada pois segundo Charlot (2001:15), *quando se constata que certos indivíduos, jovens ou adultos, têm desejo de aprender, enquanto outros não manifestam esse mesmo desejo*, o que coincidentemente foi o que constatamos na atuação como professora. Com esta observação de Charlot nos permitimos voltar a questão inicialmente posta no início deste ponto, tentando buscar uma reflexão sobre o porquê desta diferenciação entre os estudantes.

O existir desta mobilização neste grupo entendia-se que uma força diferente dos demais os movia para tal proceder, uma vez que segundo, Charlot (2000, p.55),



*mobilizar-se é também engajar-se em uma atividade originada por móveis, porque existem “boas razões” para fazê-lo.*

Importa-nos realçar a necessidade de se fazer uma descrição e análise da relação existente entre a profissão que o grupo dos estudantes selecionados exerce (e isso no caso do estudante em causa ter uma profissão) e a mobilização para aprender, pois objetiva-se compreender a influência que a mesma possui na mobilização para o saber acadêmico. Sendo o ISCED uma instituição voltada a formação de professores verifica-se que a maior parte dos estudantes em formação na instituição trabalham na educação como professores. Partindo da idéia de que um professor é o mediador da produção do conhecimento nas escolas e visando buscar diretrizes para que a sua função de professor se efetue da melhor maneira e com ele resultados satisfatórios justifica-se a meu ver a procura por uma formação superior de professores visando capacitá-lo para a sua atuação. Logo, fazer um levantamento no meio do grupo de estudantes relativamente a profissão que exerce é de extrema importância para se tentar compreender a mobilização/motivação que os mesmos apresentam em relação ao saber, pois segundo Tardif (2012, p.36) *pode-se chamar de saberes profissionais o conjunto de saberes transmitidos pelas instituições de formação de professores.*

Verificado o fato de que nem todos os estudantes sujeitos desta pesquisa tinham como primeira ambição ser professores é importante não nos abdicarmos ao levantamento de elementos que possam interferir na relação com o saber, para além da inspiração inicial como é o caso das questões que têm a ver com a identidade do sujeito.

### **3.2 - Relação com o Saber e a questão da Identidade**

A questão da relação com o saber é muito antiga. Como nos aponta Charlot (2005), a mesma aparece em primeira instância com a história da filosofia clássica, surgindo também na vertente epistemológica de Bachelard, trabalhada bem mais ainda nos anos 60 e 70 por psicanalistas, sociólogos bem como, com os didáticos da época. Somente na década de 1980 foi que se problematizou a questão da relação com o saber e, na década de 1990 esta questão foi confrontada com dados escolares.

Diante das várias definições e conceitos que vimos a ter contato com a prática escolar, um dos elementos que nos leva a refletir sobre o assunto é a questão da relação que o estudante mantém com o saber. Em 1982, Charlot definia a relação com o saber como:

*o conjunto de imagens, expectativas e julgamentos que se referem ao mesmo tempo ao sentido e à função social do saber e da escola, à disciplina ensinada, à situação de aprendizagem e a relação em si mesma (CHARLOT, 1982).*

Muito trabalhada por Charlot, ele começa nos apontando que esta é uma questão que tem início desde o nascimento do homem a partir do pressuposto de que *nascer significa estar submetido a obrigação de aprender* Charlot (2000: 51). O ser humano ao nascer incorpora-se no mundo, onde será submetido à obrigação de aprender e esse aprendizado é condição para que o sujeito se transforme em ser social, a partir da apropriação do mundo, uma vez que segundo Charlot (2001, p. 25) *ele se transforma em sujeito humano por apropriação do humano já presente no mundo onde ele chega*. Segundo Miranda (2008: 39) esse processo constitui-se de *um triplo movimento de humanização, socialização e singularização que CHARLOT (2001:25) designa de educação e no qual emerge o sujeito que “é a sua relação com o mundo”*.

No entanto é importante ressaltar que para que a atividade de aprender se efetue é necessário levar-se em consideração que o aprendiz é ao mesmo tempo mediado e mediador da aprendizagem, evidenciando o que nos traz Charlot (2001: 26): *aprender é um movimento interior que não pode existir sem o exterior... e reciprocamente a ação de ensinar só poderá ter êxitos se encontrar um movimento interior do sujeito*. Logo, toda essa lógica leva-nos a acreditar que a predisposição e as condições psico-sociais no indivíduo têm uma extrema importância para o processo da aprendizagem, remetendo-nos ao que podemos chamar de motivação e mobilização do sujeito para determinada atividade.

Para entendermos este ponto, não vamos nos conter na questão relativa ao fato de que alguns alunos aprendem e outros não, uma vez que como nos aponta Miranda (2008, p. 40) *“...com base na premissa do aprender como constitutivo da essência humana, supõe-se de que, de alguma forma todos aprendem”*, mas sim, vamos nos

deter na questão do porquê alguns alunos mobilizam-se para o aprender de maneira predominante e os outros não. Entende-se que, para que o aluno aprenda, e para que esse aprender se desenvolva em termos de uma apropriação dos saberes levando-o a uma intensidade relacional com o saber é necessário que os processos de motivação e mobilização se verifiquem.

Importa realçar que estes dois termos têm grande importância para que os processos de aprender, apropriação e relação com o saber se efetivem, mas, com maior predominância para a mobilização. Essa maior relevância que se dá à mobilização é evidenciada, uma vez que, Charlot (2000, p.55) diferencia os dois termos, nos mostrando que a motivação refere-se à ação de que se é motivado por alguém ou por algo de fora, ação está que pode não funcionar ou não ter um impacto considerável, se o sujeito não estiver mobilizado, enquanto a mobilização vai subentender a ação que o sujeito realiza a partir do movimento que o mesmo faz de dentro para fora, ou seja, em, *“reunir suas forças, para fazer uso de si próprio como recurso”*.

Por outro lado, evidencia-se que a essência do homem é constituída por material inacabado tanto de ordem biológica e de ordem subjetiva. E como nos aponta Charlot, teorizá-la requer compreensão do sujeito em causa nas suas variadas vertentes desde a sua epistemologia à sua relação social. Entendemos que para que haja a aprendizagem é necessário que o ser humano esteja disponível para o aprendizado. Partindo do pressuposto de que aprender subentende a aquisição de uma prática, habilidade ou mesmo um saber.

Estudos recentes sobre a temática da relação com o saber nas instituições de ensino superior são notáveis. Após debruçar-se sobre a temática da relação com o saber numa instituição de ensino superior privada (Universidade Vale do Rio Doce – Univale) Bicalho (2004), apresenta em sua pesquisa, como centro de sua problemática, as questões da prática particularmente relacionadas com as dificuldades para o desenvolvimento da docência.

Assim, em sua pesquisa a autora aponta como uma das principais questões problemáticas a questão da identidade, ou seja, o termo adotado por Charlot para exprimir aquilo que é uma das facetas da questão da relação com o saber, à

identitária. Desta forma a autora conclui que *a identidade é construída na relação dialética entre indivíduo e sociedade e através do processo de aprender* (BICALHO, 2004, p. 39).

De acordo com o cenário acadêmico que se verifica na UON, caracterizado pela estruturação de políticas funcionais e de lançamento, a pesquisa apresentada aproxima-se da pesquisa que apresento uma vez que se julga necessário apurar a questão de identidade nos sujeitos da UON, relacionando essa questão a partir da relação do que se aprende e o sentido que o mesmo dá ao aprendido<sup>8</sup>.

Ousamos ainda frisar que, um dos elementos que nos importa realçar tem a ver com o falar da relação com o saber tendo em conta o sujeito, é trazer esta questão pondo em relevância a constituição social do mesmo, pondo em questão sua posição social ou ainda a posição social que seus progenitores ocupam na sociedade. Isso é importante porque na análise desta situação surgem os elementos intrínsecos e extrínsecos que os movimentam para o sucesso ou fracasso escolar, como nos aponta Charlot (2005, p. 49)

*Por que é necessário levar em conta o sujeito? Porque a posição que uma criança ocupa na sociedade ou, mais exatamente, a posição que seus pais ocupam não determina diretamente seu sucesso ou fracasso escolar. Ela produz efeitos indiretos, e não determinantes, através da história do sujeito.*

Existe uma relação entre o meio social da criança e seu sucesso ou fracasso, mas que não deve ser vista como causa determinante, uma vez que existe crianças do meio popular com sucesso escolar bem como, existe crianças da classe média que fracassam nas escolas. Com isso, queremos dizer que é necessário levar-se em conta o objetivo e subjetivo social dos estudantes, como nos aponta Charlot (2005 p. 50), apresentando seus estudos realizados nas décadas de 1960 e 1970

*Há, com certeza, correlação estatística entre a origem social da criança e seu sucesso ou fracasso escolar. Não se pode negar essa correlação estabelecida pelos sociólogos. Correlação, porém,*

---

<sup>8</sup> Há uma necessidade de se trabalhar intensamente sobre os aspectos que caracterizam uma relação com o saber dos estudantes no ensino superior para desta forma retomar a análise dos dados que serão apresentados no próximo capítulo.

*determinismo causal. É suficiente apontar uma prova empírica: apesar dessa correlação, algumas crianças do meio popular têm sucesso e algumas crianças da classe média fracassam. Portanto, não basta conhecer a posição social dos pais para compreender a história escolar das crianças.*

*É preciso distinguir a posição social objetiva e a posição social subjetiva. A posição objetiva é aquela que o sociólogo identifica do exterior classificando os pais por uma escala de categorias sociais. A posição subjetiva é aquela que a criança ocupa em sua mente, em seu pensamento. A criança, de fato, interpreta sua posição social. Assim, há modos de ser filho de um operário, de imigrante, ou criança negra: pode-se ter vergonha, orgulho, resolver mostrar aos outros que se tem o mesmo valor que eles, querer vingar-se da sociedade, etc. Por serem sujeitos as crianças produzem uma interpretação de sua posição social, do que lhes acontece na escola, enfim elas produzem sentido do mundo. A sociedade não é somente um conjunto de posições, é também o lugar de produção de sentido e não se pode compreender esta produção de sentido a não ser em referência a um sujeito.*

Como se observa, apesar de Charlot (2005), ter admitido de que existe um determinismo entre a origem social dos indivíduos e sua relação com o sucesso e ou fracasso escolar dos estudantes, isso, por si só não se pode constituir em fator determinante para avaliar o empenho e desempenho dos mesmos. Na realidade escolar, o que se observa é totalmente o contrário. Para além da *posição social objetiva e a subjetiva* dos estudantes é importante nesse processo destacar o lugar das atividades na sociedade. De acordo com Charlot (2005, p. 50);

*A sociedade é também um lugar de atividades. A criança tem uma atividade no mundo e sobre o mundo, na escola e fora da escola. Não se pode compreender a história escolar, se não se levar em conta o que ela faz na escola. Ora, colocar a questão da atividade é, como mostraram Vygotsky e Leontiev, colocar a questão dos motivos e, portanto, também a questão do desejo e a da eficácia dessa atividade.*

A relação apresentada por Charlot (2005), sobre as atividades desenvolvidas pelas crianças no mundo em que se encontram mediante as relações que estabelecem com os outros na sociedade é de extrema importância para a compreensão dos fatores que estão na base de alguns sujeitos vindos de classes sociais baixas se apresentarem com melhor aprendizagem em relação a aqueles que vem de classes sociais com maiores possibilidades. Um indivíduo que for levado desde muito cedo a estabelecer relações com o estudo, independente da sua condição social poderá interiorizar em si a importância dos estudos para a superação da sua condição social. Cientes da realidade em que se encontram, muitos destes indivíduos procuram se desempenhar o máximo nos estudos, pois acreditam de que sua condição de vida, a superação da situação de necessidades porque sua família passa, depende de uma boa formação que o levará, posteriormente a um emprego.

Além dos aspectos apresentados por Charlot, se quisermos entender essa relação é importante explorarmos um pouco os escritos de Pierre Bourdieu sobre a escola e o capital cultural. Para Bourdieu, a escola é um espaço de reprodução de estruturas sociais e de transferência de capitais de uma geração para outra. É nela que o legado econômico da família transforma-se em capital cultural. E este, segundo o sociólogo, está diretamente relacionado ao desempenho dos alunos na sala de aula. Eles tendem a ser julgados pela quantidade e pela qualidade do conhecimento que já trazem de casa, além de várias "heranças", como a postura corporal e a habilidade de falar em público. Os próprios estudantes mais pobres acabam encarando a trajetória dos bem-sucedidos como resultante de um esforço recompensado.

### **3.3 - A escola e o capital cultural.**

No decorrer da primeira metade do século XX, em função dos avanços registrados no domínio social e, pelas sucessivas conquistas observadas no mundo das ciências naturais e sociais, predominava nessa época a visão de que a escola tinha um papel fundamental na edificação de uma nova sociedade, justa, moderna, aberta e democrática, onde a escola pública, gratuita e obrigatória serviria como mecanismo que garantiria o acesso à educação, e, por conseguinte, possibilitaria a oportunidade à igualdade de oportunidades a todos, com isso permitindo que todos os indivíduos tivessem as mesmas oportunidades de escolha.

Foi, entretanto, no contexto da democratização do acesso à escola fundamental e do prolongamento da escolaridade obrigatória que se tornou evidente o problema das desigualdades de escolarização entre os grupos sociais. O otimismo marcante do período anterior foi substituído por uma postura de cunho mais pessimista, embasada na influência da origem social nos resultados escolares, ou seja, a forte relação existente entre desempenho escolar e origem social (classe, etnia, sexo, local de moradia, entre outros). Nas palavras de Pierre Bourdieu:

Não há dúvida de que os julgamentos que pretendem aplicar-se a pessoas em seu todo levam em conta não somente a aparência física propriamente dita, que é sempre socialmente marcada (através de índices como corpulência, cor, forma do rosto), mas também o corpo socialmente tratado (com a roupa, os adereços, a cosmética e, principalmente, as maneiras e a conduta) (1998, p. 193).

Em seus escritos sobre a educação e a escola, Pierre Bourdieu (1960), apresenta uma nova maneira de analisar e compreender a educação e a escola, passando está a ser vista como uma das principais Instituições responsável pelo processo da legitimação dos privilégios social ao contrario duque anteriormente se pensava da mesma. Até então, pensava-se que a escola era uma instituição que atuava de maneira imparcial sendo que para o ingresso na mesma, todas as classes sociais detinham de mesmas possibilidades.

Segundo Nogueira e Nogueira (2002), a nova maneira ou concepção de se pensar a escola veio “desmistifica a ideia platônica de escola, vista como uma instituição isenta de qualquer parcialidade, que disseminaria um conhecimento lógico e prático para selecionar seus alunos, fundamentando-se sempre em critérios racionais”. Como se pode ver, a concepção da escola como uma instituição imparcial, esconde dentro si vários elementos que até então não eram considerados na educação. A não consideração destes elementos no sistema de educação contribui em grande parte na definição dos percursos escolar dos alunos.

Na sua teoria, Bourdieu (1960) apud, Nogueira *et al*, entendia que as atividades dos diferentes agentes educativos deveriam ser analisadas a partir das “inter-relações entre suas produções simbólicas e suas estruturas de dominação social, devendo, sobretudo, ser analisadas a partir de suas origens e classificações sociais”. Para este, o meio em que o sujeito está inserido joga um papel direto em sua trajetória

escolar, podendo, desse modo, influenciar no êxito ou no fracasso escolar futuro deste. Igualmente, a origem social do indivíduo pode em certa medida, dificultar as possibilidades de acesso a níveis de escolarização mais elevados principalmente para aqueles considerados os mais desfavorecidos.

### **3.4 - O Capital Cultural.**

Desde o nascimento a pessoa começa com um processo de convivência e adaptação ao “novo” em comparação ao mundo “uterino”, comumente designado por socialização. Estamos a entender a socialização nesse caso particular, como o processo através do qual um indivíduo se torna membro funcional de uma comunidade, assimilando a cultura que lhe é própria. O mesmo decorre sobre o prisma inicialmente micro (seio familiar) e posteriormente macro (sociedade e todos os grupos primários e secundários).

Independente da condição social da pessoa, cada um no decorrer do processo da socialização poderá vir a acumular, por meio do ambiente em que vive das pessoas com quem se relaciona das práticas sociais que realiza, dentre outras experiências, o que Bourdieu (1960) apud Nogueira (2002), denominou de capital cultural. O capital cultural aqui é entendido como o conjunto dos instrumentos de apropriação dos bens simbólicos. São todos os instrumentos que constitui sua história e seus modos de viver, estes são os bens simbólicos, e este conjunto forma o seu patrimônio cultural, ou seja, o seu capital cultural. Por meio deste, o mesmo, entende e acredita que o nível socioeconômico as relações que o indivíduo estabelece com os demais membros, o seu grupo de origem e pertença pode ser fundamental para a compreensão da trajetória escolar do indivíduo e, por meio deste, pode se inferir no aproveitamento escolar, ou seja, bons resultados educacionais e, concomitantemente nas escolhas feitas por este.

Conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de interconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis (Bourdieu, 1998, p. 28)



O capital cultural passa a ser incorporado pelo indivíduo como herança cultural e social, transmitida por sua família ao longo da trajetória de vida dele.

Segundo Nogueira e Nogueira (2002),

O processo de incorporação da herança cultural e social pelo indivíduo é explicado por Bourdieu através do conceito de *habitus*. Esse conceito faz referência às predisposições duráveis do modo de agir, pensar, viver e portar-se dos indivíduos. O hábito é adquirido pelo convívio social, de modo que “os gostos mais íntimos, as preferências, as aptidões, as posturas corporais, a entonação de voz, as aspirações relativas ao futuro profissional, tudo seria socialmente constituído” (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2002, P. 19).

Emprestado da economia, o termo *capital cultural* tem um papel nodal para o pensamento sociológico de Pierre Bourdieu, cujos estudos acentuaram a dimensão de que a origem social dos alunos se constitui em desigualdades escolares. Em outras palavras, o capital cultural é o que pode designar o sucesso ou o fracasso de cada aluno.

O capital cultural pode existir sob três formas: incorporado, objetivado e institucionalizado. Na primeira modalidade, o capital cultural, supõe um processo de interiorização nos marcos do processo de ensino e aprendizagem, que implica, pois, um investimento de tempo. Desse modo, o capital cultural incorporado constitui-se parte integrante da pessoa, não podendo, justamente por isso, ser trocado instantaneamente, tendo em vista que está vinculado à singularidade até mesmo biológica do indivíduo. Constitui, uma base da herança cultural familiar que atua de forma mais marcante na definição do futuro escolar dos descendentes, uma vez que as referências culturais, os conhecimentos considerados apropriados e legítimos e o domínio maior ou menor da língua culta trazida de casa (herança familiar) facilitam o aprendizado dos conteúdos e dos códigos escolares, funcionando como uma ponte entre o mundo da família e da escola. Nesse sentido, está sujeito a uma transmissão hereditária que se produz sempre de forma quase imperceptível. Segundo Bourdieu (1997, p. 86).

No estado objetivado o capital cultural existe sob a forma de bens culturais, tais como esculturas, pinturas, livros, o cinema etc. Nesse estado o capital cultural está inseparavelmente ligado ao capital econômico, pois para possuir os bens econômicos na sua materialidade é necessário ter o capital econômico, o que se evidencia na compra de livros, por exemplo. No entanto, para apropriar-se simbolicamente desses bens é necessário possuir capital cultural no estado incorporado. Sob forma institucionalizado, o Capital cultural se apresenta sob forma de documentos legitimados pelas instituições, como os Diplomas e outros documentos que conferem ao seu portador um valor convencional, constante e juridicamente garantido no que diz respeito à cultura, a alquimia social produz uma forma de capital cultural que tem uma autonomia relativa em relação ao seu portador e, até mesmo em relação ao capital cultural que ele possui, efetivamente, em um dado momento histórico.

Para Bourdieu o indivíduo é um ator socialmente configurado em seus mínimos detalhes. Os gostos mais íntimos, as preferências, as aptidões, as posturas corporais, a entonação de voz, as aspirações relativas ao futuro profissional, tudo seria socialmente constituído. Pelos argumentos acima apresentados, é possível observar claramente que Bourdieu defende que não existe um ser abstrato, individual e dono de si mesmo, como nos faz crer algumas teorias, capaz de decidir por si só sobre o seu destino. Os teóricos dessa teoria apresentam o sujeito como sendo historicamente condicionado e, dependente do capital cultural que o mesmo foi acumulando ao longo da sua vivência com os seus pares.

A vivência na infância e na adolescência como momentos fundamentais de constituição do ser se consideram como fases fundamentais para que o sujeito. Nestas fases, para ambas correntes a cultura vivida e internalizada nos diversos âmbitos se sintetiza de maneira diferenciada e singular em cada história pessoal e seu contexto. Cada indivíduo e grupo configuram sua identidade de maneira complexa no marco das próprias condições sociais, econômicas e históricas, e os significados que definem sua cultura local e global, ou seja, por meio desses elementos o indivíduo incorpora em si os elementos da cultura transmitidos no seio da família e, com isso, desenvolver seu modo de pensar e agir no mundo.

## **CAPÍTULO IV**

### **ANÁLISE DAS ENTREVISTAS**

Para a elaboração desta pesquisa contamos com os estudantes do IV ano do curso de pedagogia do ISCED - Cabinda, referente ao ano letivo 2013, como principais sujeitos de pesquisa e dois (2) professores do ISCED que passaram pela turma alvo. Estes concederam-nos informações a partir do questionário e entrevista semi estruturadas aplicadas, que serviram de elementos de análise para a efetivação da mesma. São jovens de idades compreendidas entre 24 a 44 anos, sendo quatro (04) do gênero masculino e apenas uma (01) do gênero feminino. Os mesmos são provenientes de três extremos geográficos da província de Cabinda, integrando três dos municípios da mesma num total de quatro, como é o caso do Casimiro que é do Norte (referenciando Belize), do Augusto e Filomena que são do Sul da província (falando da cidade de Cabinda), e do João e Edgar oriundos do centro sul (referenciando Malembo e Tando Zinze respectivamente).

Tendo todo um vínculo laboral exercendo a profissão de professores, as suas estruturas familiares são diferenciadas. Na totalidade de cinco estudantes, três vivem com os seus cônjuges, filhos e outros membros da família (como por exemplo, irmãos e outros).

Relativamente à estrutura familiar começamos por Casimiro que é um estudante de 28 anos de idade, solteiro vivendo com os pais, que cresceu na maior parte da juventude fora de Angola - Cabinda. Filho de pais casados vem de uma família de sete irmãos (onde três são meninas e quatro rapazes).

O Edgar, filho de pais camponeses vem de uma família composta por oito irmãos, onde cinco são do gênero feminino e três masculinos. Tem 44 anos de idade, é casado há 23 anos e tem seis filhos.

A Filomena vivendo maritalmente há dois anos, é mãe de um filho e tem 24 anos de idade. Proveniente de uma família composta de nove filhos, ela é a quinta filha dos pais.

Já o João é um estudante com 40 anos de idade, solteiro e vive sozinho. Tem dois filhos e é filho de pais separados.

E por fim, o Augusto está com 38 anos, vive maritalmente e tem dois filhos. Filho de pais camponeses é proveniente de uma família com cinco filhos sendo ele o quarto filho e o único do sexo masculino.

### Quadro ilustrativo dos entrevistados

	Nome	Idade	Moradia	Profissão	Profissão/Pais
Prof	Lourenço Puindi	31	Cabinda	-----	-----
	Pedro David	33	Cabinda	-----	-----
Est.	Casimiro	28	Cabinda	Professor	Professor/Médica
	Augusto	38	Cabinda	Professor	Camponeses
	Filomena	24	Cabinda	Professora	Pastores
	João	40	Cabinda	Professor	Professores
	Edgar	44	Cabinda	Professor	Camponeses

#### 4.1 - Relação com a Família

O grupo de estudantes é natural da província de Cabinda, onde se desenrolou a pesquisa. Dentre os seus progenitores, três têm uma posição subordinada no campo das classes sociais e os outros dois têm uma posição social e econômica superior relativamente aos outros três. Relativamente às suas origens familiares verifica-se que têm uma diferença em termos de posição social como podemos verificar em seus relatos. Edgar nos relata que é proveniente de uma família cujos pais são camponeses, mas, que apesar de não frequentarem a escola tinham uma visão sobre a importância dos estudos que tentavam a seu jeito passar aos filhos. Edgar afirma na sua fala que:

*"..Evidentemente que naquela altura já havia um certo desenvolvimento aparecia pessoas professores que davam, e geralmente explicavam a importância de colocar pessoas na escola e sabiam que alguém estudando é que poderão segurar este país, não estudando é difícil e compromete a vida e geralmente tiveram aquela concepção dos pais de que colocar o filho na escola é como se fosse alguém que está cultivar algo que ele poderá produzir*

*no futuro e este como se fosse alguém que está semear uma semente está semente e está vai germinar e depois no fim dará frutos. Foi sempre isso e nós tivemos essa exigência de entrarmos na escola e quando você não fosse a escola o pai quando viesse você tinha que apanhar se você não fosse a escola você apanha mesmo, porque é que você não foi a escola? e graças a Deus aquilo nos rendeu bastante. Aquela era a concepção que eles tinham que estudando um dia você poderá ser alguém no futuro esses são sempre os conselhos que eles nos davam.... Esta é a razão que nós temos quase todos os irmãos quase todos sabem escrever. Agora há irmão que saem sempre malandros que o pai pode falar naquela altura você ia a escola o ensino era autoritário o professor ficava ai se você não souber você tinha que apanhar, vara ai soava na sala aquilo era decorar sempre a tabuada, você tinha que decorar certas lições e se você não decorar a tabuada, não decorar as lições, a matemática e se ... há momentos que eu sai pela janela, varras, alguns paus que chamavam de pau fere lubota, pegava aquilo e aquilo as vezes cortava-se no corpo e através daquilo levava certos alunos a fugirem da escola evidentemente alguns alunos fugiam mas aqueles que perseveravam terminavam o ano que fosse mesmo que evitavam as brincadeiras acabavam por transitar".*

Podemos verificar na fala do Edgar, que seus progenitores tiveram grande influência para sua frequência à escola. Nota-se que apesar da condição social possuíam um olhar diferenciado em relação à escola, dando a ela a devida importância fazendo com que seus filhos a aderissem com zelo e dedicação.

Augusto também pertence a uma família de pais camponeses. Dedicando-se somente ao campo, seus pais sabiam da importância do incentivar os filhos aos estudos como podemos observar na fala de Augusto quando questionado sobre a profissão dos pais:

*"...Lá como estávamos exilados porque era a questão da guerra era um simples camponês, realizava trabalho de campo e assim ia sustentado os estudos, porque lá no ensino dos zairenses, era por sistema de propinas. Cada mês os pais tinham que pagar as propinas, mas, houve um pequeno desequilíbrio depois do pai falecer a mãe teve que assumir a responsabilidade, mas nem com isso conseguimos superar o que era necessário.*

Já os progenitores da Filomena dedicavam-se a vida da profecia, sendo pastores da igreja há muitos anos. Apesar do grau acadêmico não avançado, nota-se que a atividade exercida os leva a lidar com muita leitura ainda que a mesma seja uma leitura litúrgica. Vejamos o que Filomena afirma sobre os pais:

*"...Na altura que vivia como os pais ele sempre teve um espaço para passar uma mensagem bíblica aos filhos e indicasse alguém para orar, aquilo foi muito positivo. Na parte familiar o pai sempre apoiou, tanto faz na parte financeira sempre deu apoio... Graças a Deus, o incentivo foi sempre positivo, que tinha de continuar a estudar, e sempre que precisasse algo se não estivesse ao alcance, ele fazia de tudo, ele te mandava aguardar enquanto ele não estivesse ao alcance as vezes eu mesma ia nos tios mais próximo, para ajudar porque nem sempre ele se disponibilizava em dar -me os valores monetários que precisasse para satisfazer algumas necessidades escolares".*

Os pais de João eram os dois professores. Como nos relata o João:

*"....bem o pai só fez o....como é que se chama o 4º ano, agora a mãe também já é licenciada em pedagogia, e por sinal diretora de uma escola em Luanda.... eu agora não sei como fazer uma equivalência. Mas acredito que era um nível aceitável naquela altura..... O incentivo não partiu muito bem da parte do pai, é mais por parte da mãe - a mãe já me dizia que ela já tem a formação superior e também como filho já devia ter é o meu primeiro filho, mas não é muito por aí porque eu nunca vivi com a minha mãe. O maior incentivo foi mesmo de saber que os meus irmãos menores já estavam a fazer o ensino superior e eu ainda tinha o ensino médio, então eu não queria ficar para atrás. O meu irmão o meu primeiro irmão menor de mim já fechou o direito e depois veio outro a fechar a gestão e eu não queria ficar de trás aquilo foi um grande incentivo sem querer eu já estava sem querer ter aquele espírito de... a tendência era de invejar ou de tentar ignorar portanto a única coisa porque o bom homem é aquele que imita boas coisas, não é, o grande desafio para o homem é fazer as boas coisas para se viver na sociedade, e é assim que eu achei por bem também seguir a licenciatura, porque eu estava a ver que os meus irmãos menores já estavam adiantados e eu estava sempre a ficar atrás já estava a ser ultrapassado quando fui o primeiro a me inserir no mercado de trabalho no mercado da formação e então eu achei por bem fazer melhor fazer aquilo que os meus irmãos estavam a fazer e não só a nível do trabalho também no nosso sector, hoje no nosso sector de educação hoje em dia já ninguém quer ser chamado apenas de técnico médio porque se ontem, quem tivesse a 8ª era considerado depois considerou-se o técnico médio acho que daqui mais alguns anos o técnico médio também vai ficar ultrapassado então eu não quero ser ultrapassado eu quero inovações, não é. Eu fui sensibilizando a mim próprio que o ensino superior faz falta e como já estou a ter ambição agora de dar sequência porque não é suficiente então quem tem quer mais, então é por aí mas o maior incentivo também partiu por parte dos colegas também é por causa disso eu fui vendo os colegas ali eu quero deixar transparecer, não é que eu só falei por falar é assim eu gosto de ser objetivo e transparente. É a questão de salário também, essa parte aqui não deixo de dizer hoje em dia sabe-se que ganha-se mais no nosso ministério quem tem mais nível, não é então se ganha-se mais quem tem mais nível então porque é que eu também não posso ter esse nível para*

*ganhar o que dá para o meu autossustento e então posso fazer o mesmo porque realmente o salário que tenho agora são setenta e cinco mil kwanzas e eu posso revelar não tem problema não é suficiente para as minhas atividades e minhas necessidades não é, não consigo satisfazer todas, eu por exemplo tenho agora o rapaz que tenho de pagar sempre o colégio não é, preciso sustentar uma viatura que eu tenho, pagar a renda porque só agora é que eu já entrei em obras, preciso pagar a renda e depois temos outras coisas que são pagamentos de sinal, saldo e estas coisas todas e então o meu salário não é compatível eu tenho que me virar para ver qual é a forma que eu consigo inverter a situação e quando digo me virar estou a falar de garimpo eu vi que havia necessidade de ter uma outra formação que tivesse a ver com a sala de aula que não foge muito a sala de aula mas que seria num outro ramo. É assim que eu vou para Luanda fazer um curso de instrutor auto e assim eu colaboro numa escola de condução onde eu tiro qualquer coisa para ver se adiciono naquilo que eu recebo na educação para tentar inverter o quadro, é por aí".*

Por fim, temos os pais de Casimiro que apresentavam uma posição mais avantajada sendo um professor e o outro médico. Sua trajetória estudantil não foi só marcada pela presença dos pais, mas também pela presença dos tios com os quais Casimiro passou uma boa temporada no decorrer do seu percurso estudantil.

*"Em relação a família bem meu pai é casado, nós somos sete no total, três meninas e quatro rapazes. Portanto o pai é professor, até cá continua a trabalhar e a mãe é médica. O incentivo para a área de orientação escolar partiu desde já com os meus tios, porque eu vivi muito com os tios em relação ao pai e a mãe. Eu estive mais dedicado com os tios e todos os tios na sua maioria tenho três tios, são mestrados e doutorados. Então naquela mesma base da realidade passada deles academicamente então foram incentivando, apertando a gente até ganhar a motivação de estudar. E eu comecei meus estudos em Libreville. Naquela altura já tinha parece quando eu fui em Libreville tinha dez anos e o tio era embaixador naquele país, representando Angola".*

Entre os pais dos entrevistados verifica-se que na sua maioria tinham o hábito de leitura excetuando os pais de João e de Casimiro, que dada a profissão e o nível de ensino que apresentavam fazia-se presente em suas vidas a questão da leitura. O que eu achei interessante nesta análise das redes familiares dos entrevistados é que independentemente da posição mais avantajada ou menos avantajada dos progenitores, deu-se a verificação da interferência de todos os pais na questão do desenvolvimento e encorajamento aos seus filhos, quanto a questão dos estudos.

## 4.2 - Trajetórias de Estudo

Detendo uma trajetória de estudos diversificada, verificamos que cada um dos entrevistados carregou consigo uma característica. A sua maioria (nesse caso três deles) teve no seu repertório experiências de vida vivenciadas noutros países por ocasião da sua formação primária, secundária e até do ensino médio. O estudante Augusto, por exemplo, fez os seus estudos primários na República do Congo Democrático por sinal república vizinha de Angola. Já o estudante Casimiro fez os seus estudos primários em Libreville, capital de Gabão. João começou seus estudos primários em Angola, tendo terminando-os em Cuba. Tal fato sucedeu, pois, o mesmo havia beneficiado de uma bolsa que o fez deslocar-se a Cuba para dar continuidade aos seus estudos tendo frequentado o ensino secundário e o ensino médio.

No caso do Augusto, fez os seus estudos primários no Congo Democrático, e isto se deve pelo fato de que é o país que faz fronteira com Angola por intermédio de Cabinda, e que acolhia os irmãos refugiados provenientes de Cabinda. Regressando em Cabinda o mesmo teve de passar por reenquadramento no sistema de ensino de Angola, que subtendia o ajuste em termos de equivalência de estudo fazendo com o que o mesmo, recuasse um pouco mais para poder continuar seus estudos. Ilustrando esse cenário trazemos o discurso de Augusto que nos relata que:

*É aquilo que vinha dizendo no início, que todo o ensino primário passei no Congo e uma parte do ensino secundário, porque eu vim já com a oitava classe mas, como a equivalência só se faz de um processo específico e então tive de repetir de novo a sexta classe na escola de Lombo-Lombo e então recuei para sexta classe, passei para sétima, a oitava e depois para a nona classe. Como antigamente já nos anos 80 e 96/97 para se ingressar no ensino médio era sujeito a uma prova que garantisse lugar para o ensino médio, então como não tive vaga na atual escola de formação de professores que antigamente se chamada IMNE, então tive que me deslocar para Lândana<sup>9</sup> no município de Cacongo, sem família fiz lá um ano, quase nove meses onde frequentei a nona classe.*

Com o intuito de continuar seus estudos, deslocou-se para Lândana, pois tinha esse lugar como sendo a única oportunidade para poder continuar seus estudos onde frequentou a nona classe para posteriormente conseguir vaga no Instituto Médio

---

<sup>9</sup> Da cidade de Cabinda a Lândana existe uma distância de 47 Kilómetros.



Normal de Educação IMNE, fazendo desta feita o ensino médio. Após dois anos sem estudar ingressou no ISCED para a sua formação superior.

Casimiro teve outra trajetória, iniciou seus estudos fora de Angola, neste caso em Libreville onde vivia com o tio que era o embaixador de Angola em Libreville. Tendo no início algumas dificuldades de adaptação, enquadrou-se muito rapidamente pois, tinha em seu redor pessoas que se expressavam em língua francesa apenas, fazendo-o esforçar-se e enquadrar-se. Estudou no sistema francófono até atingir a décima classe aprendendo tudo em francês. Voltou para Cabinda com a 12ª classe concluída, mas na realidade francófona. Logo, precisou fazer uma equivalência e como a mesma tardava para ser estabelecida resolveu fazer o IMNE em Lândana em 2006.

João teve um percurso longo pois iniciou seus estudos primários em Cabinda, na comuna do Malembo<sup>10</sup> onde vivia com os avós. Após o falecimento dos mesmos deslocou-se a Lândana<sup>11</sup> onde fez a 5ª classe. Em 1987, o Governo angolano adotou uma medida na qual os melhores estudantes de cada escola beneficiavam-se de uma bolsa de estudo para Cuba, em que o mesmo foi abrangido. Desta forma deu continuidade à conclusão dos estudos primários em Cuba. Na escola nº 47, chamada Hermenegildo Ramiro Baptista fez os seus estudos secundários. Terminado o secundário deu continuidade fazendo o ensino médio na Escola Auxiliar Pedagógica Carlos Manuel, na Ilha da Juventude, ainda em Cuba. Estando o país a passar por uma crise o estudante viu-se obrigado a regressar para Angola impedindo que desse continuidade aos estudos em nível superior, no qual só ingressou em 2010 com 37 anos de idade.

Já o Edgar fez os seus estudos primários na aldeia de proveniência chamada Tando Zinze<sup>12</sup>, mudou-se para a cidade de Cabinda por ocasião dos estudos. Na cidade, residiu na missão católica onde eram alojados jovens provenientes dos municípios de Cabinda que não tinham família na cidade. Chegando à cidade com doze anos não aguentou a pressão da cidade e após morte de seu pai regressou à aldeia. Após dois anos a mãe insistiu que ele voltasse à cidade. Desta feita ficou alojado na

---

<sup>10</sup> Malembo tem uma distância de 23 Kilómetros de Cabinda (município sede).

<sup>11</sup> De Malembo à Landâna percorre-se 24 Kilómetros.

<sup>12</sup> A aldeia Tando Zinze fica a 45 quilómetros da cidade de Cabinda.

missão evangélica, onde começou frequentando a sexta classe, seguindo depois para a escola Barão Puna e Escola Industrial onde concluiu o ensino secundário e o terceiro nível respectivamente. Após a conclusão do terceiro nível e por imperativo da guerra teve de cumprir a sua função de militar podendo dar sequência dos estudos apenas em 1988, terminando o ensino médio em 1993.

A trajetória escolar com a estudante Filomena foi mais tranquila uma vez que não teve deslocamentos de um sítio para outro, o que implicaria adaptação e enquadramento. Realizou seus estudos primários mesmo na cidade de Cabinda de onde é proveniente e esteve sempre presente o sonho de ser professora, pois tinha como modelo a professora de infância. Tendo se esforçado para concretizar este sonho tentou desesperadamente ingressar no IMNE para ter uma formação média na área desejada, mas, foi impossível. Esta impossibilidade verificou-se também pelo fato de não se ter dado a ela a possibilidade de pelo menos concorrer a um lugar, uma vez que segundo Filomena, na altura em que ela foi entregar o seu processo disseram-lhe que já tinham muitos candidatos e que ela tinha de se dirigir a outro estabelecimento escolar para conseguir uma vaga, e como não queria ficar sem estudar teve que fazer o curso pré-universitário (PUNIV) abdicando do seu sonho na altura.

*"...a princípio no IMNE não consegui porquê, fomos deixar os documentos, mas mesmo assim os nomes não foram, segundo as informações é que os nomes passaram para a industrial porque eles já não tinham vagas, nem o teste nos deixaram fazer, pelo menos lutássemos no teste. Saímos daí fui para a industrial eles também como haviam candidatado, outras pessoas outros processos disseram que não nós aqui já temos muitos processos não temos a necessidade de recrutar os processos que estão noutras escolas, então fiquei nesta encrenca e mais tarde o nome saio para o PUNIV. como tratava-se de uma tentativa tínhamos de deixar os documentos praticamente em todas as instituições só prá não ficar sem estudar e vi que já estava perder no IMNE já não havia oportunidade, já não havia chance para mim e na industrial estava a vacilar disseram que não talvez se houver vaga nós poderíamos vos chamar e no PUNIV as matrículas já estavam a ser encerradas porque eles foram os primeiros a publicar as listas e nesta situação toda não podia continuar a ficar assim, imagine que eu perdesse no PUNIV e na industrial o nome não saísse e eu ficaria em casa sem estudar. Então nessa esperança pego os processos vou fazer a matricula no PUNIV já não foi controlar se o nome saiu na industrial eu já havia me matriculado no PUNIV."*

Pelas palavras acima, observa-se que a estudante Filomena, passou por várias situações, em muitas delas angustiantes para o seu ingresso no ensino médio. Entre o sonho e as oportunidades de formação oferecidas no momento em que a mesma procurava um lugar para a formação média, podemos observar que a mesma teve que optar pela oportunidade, uma vez que pelo sonho, foi-lhe negado a possibilidade de se inscrever na escola em que poderia frequentar o curso de seu sonho, por alegada enchente de candidatos para o exame de seleção. Assim, para não ficar sem estudar naquele ano, teve de ingressar no Centro Pré Universitário onde fez a sua formação média.

### **4.3 - Estratégias de Estudo.**

Para que suas funções como estudantes se dessem com algum destaque, os estudantes em causa traçaram algumas estratégias de apoio no processo de aprender. Assim começando por Augusto pode-se dizer que o mesmo definiu prioridades para atingir a intenção de terminar em tempo recorde a sua formação. Assim, como estratégia teve de abdicar-se de algumas atividades que lhe proporcionava gozo como é o caso de tomar algumas cervejas mesmo estando no ambiente acadêmico, fazendo-o apenas em momentos que esteja totalmente livre. Definiu programas de estudos, preferindo estar em casa fazendo seus trabalhos (acadêmicos e laborais) em detrimento dos passeios, pois aproveita o fato de não ter muitos filhos tendo em colaboração a mulher, que a seu pedido diz que o marido não está em casa se alguém vem o visitar quando estiver a trabalhar ou a estudar.

Para Filomena superar-se sempre que possível era prioritário. Verifica-se que, como primeira estratégia ela reservava maior parte do tempo para os estudos. Para isso teve dedicação exclusiva para os estudos, abdicando muitas vezes da companhia do filho para participar em grupos de estudos e leituras bibliográficas de apoio ao curso. Para isso, teve o apoio de sua sogra que muito a apoiava cuidando do seu filho sempre que fosse necessário, como nos mostra a fala abaixo:

*".....e mesmo assim vivendo nos quintais dos sogros é uma sogra também boa graças a Deus é uma sogra muito atenciosa, disponibiliza ela, dispensa os seus trabalhos só para ficar com o meu filho para eu ter como ir à escola, graças a Deus desde que tive o bebê, não tive motivos eu ainda não tive de deixar de ir à escola por não ter onde deixar a criança, nunca encontrei esses*

*motivos. Ela disponibilizou-se, ela praticamente passa mais tempo com a criança em relação a mim"*

Assim, para além do grupo de estudo formal ela participava em outros subgrupos constituídos entre colegas próximos e ainda estudava com mais uma colega em particular. Fora disso fazia exercícios sozinha para superar suas dificuldades.

Quanto a este ponto Edgar tinha o sacrifício como a chave para vencer os obstáculos que a formação lhe impunha. Apegar-se a leituras, empenhar-se nos grupos de estudo, sacrificar as horas de sono para estudar, apoiar-se em colegas para entender o que não compreendeste em sala, era as principais estratégias usadas.

#### **4.4 - Escolha pela profissão de Professor e pelo curso de Pedagogia**

Para a escolha da profissão e pelo curso de pedagogia nota-se que as motivações foram diferentes. Cada um dos estudantes teve seu percurso para atingir o gosto pela profissão, mas, nota-se ainda que a escolha pelo curso esteve relacionada com a escolha da profissão.

Abordando mais detalhadamente sobre isso temos que o estudante Augusto não tinha o professorado como aspiração uma vez que, quando jovem sonhava em ser outro profissional na sociedade em detrimento do professorado que surgiu em sua vida em funções das circunstâncias.

*"....de fato eu tive uma emoção talvez foi minha vocação, foi meu dom porque eu a minha intenção era de ser padre. Há momentos que eu pegava panos da mãe e me equipava como se fosse padre e fazia aqueles sermões de padre. Então eu estava naquela emoção se não for padre então tenho de ser jornalista, se não for jornalista então tenho de ser eletricitista, mas, infelizmente que nenhuma das opções foi satisfeito, fui insatisfeito naquilo que eu estava a propor, mas o incentivo além dos pais, quer dizer que foi mesmo de minha parte também, porque eu já estava com aquele ânimo de querer ser padre ou jornalista ou eletricitista, estava comigo.*

Augusto aponta que um dos primeiros pontos que o fez vincular a profissão de professor foi o fato de regressarem ao país em 1992, afirmando ainda que se continuasse no Zaire ele poderia ser outra coisa na vida como por exemplo: ser jornalista, eletricitista ou ainda padre, mas, infelizmente não teve sucesso. Por intermédio de um primo, foi alertado que já poderia começar a dar aulas com a nona

classe feita, assim, começou a trabalhar com 19 anos de idade por imperativo de subsistência. Como na altura não havia concurso público, o seu primo fez os contatos necessários e ele começou a dar aulas mesmo sem guia de colocação, verificado nesta fala dele:

*"O primeiro ponto que criou essa desvinculação diria assim, é de regressarmos, porque se continuasse mais ou menos lá no ensino zairense, claro que umas das opções iriam ser satisfeitas. Mas em contra partida depois de regressarmos em 92 depois de terminar.... porque eu comecei a trabalhar já com a nona classe, depois de frequentar a nona classe ali já não havia mais outra saída a não ser que tinha de arranjar ou tinha de me ingressar a uma profissão. Bem tentei uma profissão ser carpinteiro saí insatisfeito com dezenove anos. Sai insatisfeito, não foi bem-sucedido, então havia aliás há um primo lá na aldeia e disse não você com a nona classe já pode ser professor na altura não havia concurso público, já pode ser professor. Então vai na sala de aulas, é por isso que eu perdi dois anos. Portanto fui para a sala de aula ele próprio fez tudo eu comecei a trabalhar quase um mês sem guia de colocação, então dali julgo que a desvinculação foi mesmo ali porque faltava da boa orientação, não tive boa orientação não tive acompanhamento.... mais mesmo assim eu depois de continuar o ensino médio, eu disse que não, eu vou fazer biologia-química, porque a qualquer momento posso ser engenheiro dos petróleos. Daí terminei o ensino médio, tentei fazer alguns contatos por falta mesmo de apoio, mas prontos tive de permanecer no professorado.*

Nota-se com essa trajetória que Augusto começa a dar aulas não por gosto, mas sim, como uma técnica de arranjar um emprego que o ajudasse a sustentar-se. Após terminar o ensino médio ainda fez outros contatos para arranjar outro emprego, mas, como não teve êxitos permaneceu no professorado.

Para Augusto o ISCED aparece não só como o complemento que o mesmo necessitava para sentir-se completo no exercício de sua profissão e a aprofundar os conhecimentos no ensino superior, mas também como o requisito que precisava para que com essa formação fazendo o curso de Pedagogia na opção gestão e inspeção pudesse perpetuar os conhecimentos adquiridos durante o tempo de professorado, pois beneficiou de uma formação virada para a formação de professores, pois o curso casava com a realidade dele, como nos aponta:

*"Bem, o ISCED aparece na minha vida no seguinte: antes do ISCED, lá na escola onde eu trabalho aqui na sagrada esperança fui selecionado para participar no curso dos formadores dos professores da sexta classe, já no âmbito da reforma educativa. Então fui para Luanda durante dois meses,*

*depois no regresso houve sessões de seminários começamos a formar outros professores para trabalhar com a quinta e sexta classe na mono docência e três meses depois fui selecionado para participar num outro curso de supervisores de professores do ensino primário".*

*"..então dali analisei isto para criar mais impacto ou criar mais equilíbrio na minha profissão pessoa tinha que seguir o ramo das ciências pedagógicas, o ramo das ciências pedagógicas que é no ISCED. Dali analisei na opção pedagogia, aliás analisei não podia continuar na biologia que já era uma pequena desvinculação porque já estava quase minimamente formado na área pedagógica então tinha que aprofundar os meus conhecimentos lá no ensino superior. Então dali optei para o curso de pedagogia na opção gestão e inspeção porque aí já há um casamento com a minha realidade.... É aquilo que eu dizia no início. Eu já tinha já bases no âmbito da formação pedagógica. Já fui selecionado para formar outros professores já participei num seminário da supervisão então para aprofundar esses conhecimentos tinha que pegar a área de gestão e inspeção, onde estamos a ver disciplinas relacionadas com a supervisão e ali estou tendo mais visão ampla".*

Casimiro começa a ganhar gosto pela profissão quando esteve em Lândana onde fez praticamente três anos e houve mesmo muito incentivo. Com o ritmo da ADPP<sup>13</sup>, eu comecei a ganhar muita inspiração e fui acabar gostando da profissão de ser professor.

*".....eu cheguei aqui já com 12ª feita mas na realidade francófona. Então quando chego aqui a equivalência estava a tardar muito para ser estabelecida, então me deram a proposta de fazer o IMNE e eu fui para a ADDP em Lândana, em 2006. Quando estive em Lândana e com a vida de internato praticamente eu me adaptei com toda a facilidade porque eu já tinha a dedicação, vontade de estudar, de ser formado, mas não era o meu sonho seguir o curso de pedagogia, em ser profissional em pedagogia, mas eu só queria ter uma formação. E quando chegamos na ADPP, fizemos lá praticamente três anos e houve mesmo muito incentivo, com o ritmo da ADPP e eu comecei a ganhar muita inspiração e fui acabar gostando da profissão de ser professor.*

Para aprofundar e dar continuidade ao aprendido no ADPP resolveu continuar os estudos atualizando-se sempre com novos conhecimentos. Daí a opção por pedagogia

Filomena é a estudante que tem no ISCED a formação que lhe possibilitaria concretizar o sonho de ser professora. Não desistindo de ser professora. Com

---

<sup>13</sup> A ADPP é uma escola de nível médio para a formação de professores. Sua sigla significa "Ajuda de Desenvolvimento de Povo para Povo".

incentivo do namorado Filomena após terminar o ensino médio, concorreu para ingressar no ISCED e conseguiu exatamente no curso que ela sempre desejou sentindo-se que estava na trilha certa para concretizar o sonho de ser professora. É um curso que fez com amor e carinho e teve que prestar muita atenção neste curso.

*"Tem uma professora que eu tanto gostava desde pequena o jeito dela de dar aula, era muito atenciosa e a partir daí criou-me essa paixão e, eu pensava em ser como ela, também estar aí a frente a explicar os outros, a dar a .... sim essa motivação partiu mesmo desde pequena".*

Por outro lado, Filomena tem por parte da família outro elemento que pode ter influenciado, no meu ponto de vista, na escolha da profissão. Esta referência é verificada pelo simples fato de que, seus progenitores dedicassem a vida na orientação dos jovens através do trabalho pastoral que os mesmos exercem e que se assemelha a profissão do professor que é a de indicar caminho para os jovens. Pode-se identificar isto na fala de Filomena, quando questionada sobre o que é que os pais lhes passavam relativamente a importância dos estudos ou da continuidade dos estudos:

*".....sim que temos que estudar prá vivermos bem na sociedade, se nós não estudarmos é complicado. A sociedade precisa e não somente a sociedade a família os pais em si precisam de nós, uma vez que eles estão indo na velhice então os filhos...e nós angolanos então, os filhos aguentam a velhice dos pais sustentar os pais, mas não somente a eles nós também não podemos confiar somente nos maridos porque nesta vida nem todos têm a sorte de ter marido e mesmo com o marido o teu pão sempre é importante para equilibrar as situações de casa".*

Edgar começou a trabalhar na educação em 1988, como colaborador durante um ano beneficiando de uma reciclagem<sup>14</sup> no ano seguinte. A posterior isto no ano 1989 foi enquadrado como homem do pessoal da educação, ou seja, foi enquadrado nos quadros do efetivo do pessoal da educação como professor. Terminou o seu ensino médio em 1993. Edgar justifica a escolha pelo curso de pedagogia pelo fato de exercer a profissão de professor e como não tencionava desviar-se preferiu um curso que lhe auxiliasse no exercício de sua profissão.

---

<sup>14</sup> Estamos a chamar de reciclagem os cursos de superação pedagógica, ou seja, os seminários de capacitação de que o mesmo beneficiou.

#### 4.5. - Aspectos de mobilização para o estudo (estratégias, perspectivas)

No âmbito da mobilização para o estudo, cada um com seu jeito procurou apegar-se a elementos que os ajudasse a superar suas dificuldades e situações de percalços para que o bom desempenho acadêmico se verificasse e também para que pudessem passar com êxito da posição em que se encontravam para outra mais confortável. Augusto, por exemplo, aponta como primeiro elemento que serviu de base para a sua mobilização foi o fato de ele achar que na família tinha de haver pessoas que sobressaíssem, abrindo chances para sair-se da classe em que se encontrava para outra classe superior. Por outra via com a formação a possibilidade de conseguir sustentar a profissão exercida e também para sentir-se membro do mundo atual que precisa de homens formados capazes de responder as necessidades atuais.

*"Elementos como tal, primeiro inserido na família, dentro da família tem de haver pessoas que sobressai isto é uma das motivações isto é para sairmos na classe baixa para ir pela classe média, isto é uma das motivações. A segunda motivação é para sustentar a minha própria profissão e terceira motivação é para me edificar porque o mundo atual já precisa de homens formados e se esse alguém não está formado é complicado, mesmo os teus contemporâneos esse tal fulano, ah esse não estudou, não fez nada logo já há uma pequena discriminação, então estamos todos em pé de igualdade, onde chega um outro também pode chegar, isso tudo são N fatores que me levam ou que motivam sobre a minha formação no superior".*

Após entrar para o ISCED determinou que faria o curso no tempo previsto para a conclusão e que não passaria do estatuído. Com essa determinação ganhou força para maior engajamento e aplicação. Interrogada por essa definição de cumprir apenas com o tempo estatuído, questionamo-lo sobre esta definição, pelo que o mesmo respondeu que:

*".....bem essa mobilização surge porque nós fomos para o ISCED cada um com o seu destino, mas, depois de chegarmos ali já criamos amizade e nós determinamos que viemos aqui com um tempo recorde, são 4 anos já não podemos passar dos 4 anos. Então dali tipo que nos abraçamos todos nos engajamos nos estudos, mais aplicação, criamos grupo de trabalho, grupo de trocas de experiência, aí para concretizarmos o nosso tempo recorde porque são 4 anos de formação no ensino superior, na licenciatura".*

Estrategicamente, Augusto traçou prioridades descartando algumas oportunidades de lazer e divertimento, como é o caso de nos tempos livres tomar uma cerveja e



divertir-se com os amigos no percurso da formação<sup>15</sup>. Tinha os fins de semana geralmente reservados para leituras e/ou para preparação de suas atividades laborais. Na maior parte do tempo ficava em casa a fazer seus trabalhos escolares e laborais, aproveitando o fato de não ter muitos filhos o que lhe dava a possibilidade de realizar suas atividades sem grandes interferências das crianças. Por outro lado, convencia a mulher a despistar quem viesse a sua procura nos momentos que ele reservava para essas tarefas.

Para Filomena a questão dos estudos era muito importante, pois estava impregnada em si a vontade de concretização de um sonho. Assim para superar suas dificuldades teve como princípios disponibilização de tempo, para os estudos, participando em grupos de estudos, perdia noites a elaborar fichas de estudo, fazia resumos confrontando sempre com os colegas e o material recepcionado na escola, frequentava a biblioteca. Pelo fato de ser filha de pais pastores é uma jovem que não tinha como hábito a frequência de ambientes de festas, estar com amigas, fruto de crescer num ambiente com uma rotina característica de casa-igreja-escola e vice-versa. Tem grande importância a aplicação nos estudos para que se consiga responder as exigências da sociedade aplicando os conhecimentos no momento certo, podendo desta forma minimizar as dificuldades que poderá encontrar em sala de aula e não só.

Quanto a esta questão, Edgar vê com a formação a possibilidade de reunir elementos que o ajudem a responder de forma aceitável às necessidades que a sociedade apresentar, servindo-se das capacidades intelectuais desenvolvidas com a formação superior.

#### **4.6. - As relações de Gênero**

Relativamente a questão das relações de gênero, verifica-se que há um certo relaxamento por parte dos mesmos quando se trata da formação da mulher, dentro da família. Noto que na maioria dos casos a importância dada ao gênero referente ao processo de aprendizagem ou de formação acadêmica é banalizada, tendo em conta que os encorajamentos e incentivos eram dados pelos pais de forma geral,

---

<sup>15</sup> Em Angola não há de uma forma legal a proibição de venda e consumo de bebidas alcoólicas no interior da instituição de ensino, pelo que alguns estudantes recorrem ao consumo de bebidas alcoólicas mesmo no decurso da atividade acadêmica.

mas, mais acentuado no aprendizado e formação do filho (homem), uma vez que, nos comentários dos homens entrevistados se faz sentir uma certa normalidade quanto a isso.

Quando interpelado sobre suas irmãs, Augusto enalteceu o fato de que suas irmãs tivessem pelo menos o ensino médio e sabiam escrever e que talvez ele por ser homem tem a formação superior. Justificando essa situação, ele revela que no seu pensar o fato de serem emantizadas (viver maritalmente) e viverem fora da cidade impedi-as de continuar os estudos.

Sente-se que Edgar ressalta com glamour a questão da formação dos irmãos ao passo que no caso das irmãs simplesmente diz que elas não tiveram acesso aos estudos sem grande emoção. Esta atitude de forma geral pode demonstrar uma certa tristeza, mas, em contrapartida vê-se nas suas palavras que é muito normal que assim seja, quando ele termina dizendo que elas ficaram naquela coisa do comodismo, arranjaram seus maridos, casaram-se e acabaram por ficar por aí.

*"Neste momento temos um irmão que é médico estava no ensino superior e as outras irmãs uma que é professora também, a outra também fez o ensino médio e por razões do casamento o marido proibiu que não pudesse estudar ficou aí, pronto isso é próprio e as outras por razões da guerra não conseguiram prosseguir os seus estudos sobretudo aqueles que abrangeram o momento da guerra, não foi possível esse esteve na tropa e acabou por ficar assim e não teve um nível muito aceitável, acabou por ficar com a quarta classe. E as outras duas irmãs não tiveram acesso de estudo, porque é aquela coisa quando refugiávamos para o Zaire, RDC e ficaram aquela coisa de não tiveram o acesso de continuar a estudar e arranjaram seus maridos casaram-se e acabaram por ficar assim".*

Sendo a única mulher no grupo dos estudantes selecionados, Filomena sabe que a mentalidade de que na nossa sociedade as mulheres ainda estão mais voltadas para atribuições femininas, como cumprir com os deveres de mulher dentro do casamento, procriando e cuidando da família deve ser mudada. Tem em mente de que chegou o momento de que as mulheres devem ir à luta não aceitando que a cultura de que o trabalho de mulher é somente o doméstico podendo fazer outros trabalhos.

O que a fez mudar de pensamento relativamente ao gênero é o fato de reconhecer que a sociedade é dinâmica e que os homens em geral devem acompanhar este

movimento. Para ela as mulheres devem ir à luta para minimizar os problemas e os conflitos em casa e na sociedade, pois com o seu próprio pão já consegue minimizar os problemas ao seu redor. Apesar de se casar reconhece que hoje o marido não satisfaz todas as necessidades da mulher, como podemos observar na sua fala:

*"...Muito positivo devemos mudar essa mentalidade de que a mulher depois de casar já não pode fazer nada não pode trabalhar, isso é naqueles tempos, nos tempos remotos não tinha muita visão. Agora a mulher deve ir à luta, a mulher luta pelos seus filhos e tanto o esposo. Não podemos mais aceitar nos ultrapassar, não podemos aceitar nos inculcar aquela cultura de que o nosso trabalho era somente os trabalhos domésticos, ir a lavara etc. hoje em dia a mulher é capaz de qualquer coisa. Tudo os que os homens fazem as mulheres também estão em condições de fazer, então temos de ir à luta mesmo o Senhor disse com o seu suor é que viveremos, então se nós não irmos à luta como é que viveremos, é difícil".*

Acrescenta ainda que:

*"....a sociedade é dinâmica, sabendo que é dinâmica nós os homens devemos acompanhar esse movimento. Se não acompanharmos paramos ficando praticamente ultrapassada. ....agora as mulheres devem ir à luta isto porquê para minimizar os problemas e os conflitos em casa e na sociedade, esperar somente do marido ou do irmão é muito complicado, você com o seu próprio pão já consegue minimizar os problemas ao seu redor, praticamente quando a pessoa é dependente sofre muito, mesmo estando na casa do marido por mais que o marido ter muito dinheiro sempre não estará disponível em qualquer hora e qualquer momento em satisfazer as suas necessidades. Cada um de nós tem as suas necessidades, os maridos têm as suas, a esposa também tem as suas. A tendência é de satisfazer as necessidades. Estamos numa sociedade e a sociedade é dinâmica hoje temos isso e amanhã já não quer e é preciso trocar e então é assim, não ir à luta é complicado mesmo sem trabalhar não podemos ficar a parar temos pequenos empreendimentos, inventa uma bancada qualquer, uma coisinha qualquer só para não faltar um dez kwanzas no bolso porque senão é muito complicado".*

A pesquisa sobre a mobilização para aprender no ensino superior: um olhar sobre a relação com o saber do estudante de pedagogia IV ano, face à formação universitária, nos levou a abordar sobre os aspectos intrínsecos e extrínsecos que cada estudante carrega consigo, pois estes elementos os levam a efetuarem um movimento para a realização de certas ações e o despertar de comportamentos e sentimentos relativos a determinadas situações individuais ou sociais, e isto muitas vezes ligadas a origem social dos mesmos. Importante é realçar que, verificamos nos estudantes objetos de estudo desta pesquisa similar origem social, o que dá

importância a este aspecto pois como nos aponta CHARLOT (2005:68) "*considerar a origem social é, portanto, importante, mas não como carência, e sim para entender esses processos de relacionamentos com o saber*".

Entende-se que a origem social nesta pesquisa teve uma grande importância, pois após análise das entrevistas verificou-se que foi um dos fatores determinantes e impulsionadores na construção da relação com o saber verificada nos estudantes objeto de pesquisa, pois se verificou uma similaridade nesta vertente neste grupo de estudantes. O desejo de melhoria ou garantia de uma posição social por parte dos estudantes é um elemento peculiar e presente em todas as famílias e, observado quase de igual maneira nas famílias dos estudantes objetos de estudo.

Revejo-me neste grupo de estudantes, pois, minha experiência como pertencente a uma família com igual situação social destes estudantes me leva a identificar-se com os mesmos, bem como, me leva a reviver meus anseios e horizontes enquanto estudante relembrando o alicerce de minhas motivações e mobilizações para determinadas posturas e ações desencadeadas em torno de minha relação com o saber, bem como, no interesse em desenrolar a pesquisa em causa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em gesto conclusivo e, levando em conta que no âmbito geral minha intenção era compreender os aspectos da relação com o saber para um grupo de estudantes do IV ano do ISCED, na UON, trago aqui as conclusões que tirei após resultados da pesquisa.

Após efetuar um percurso pela literatura que serviu de apoio a esta pesquisa pude constatar que a questão da relação com o saber, traz consigo inúmeros elementos subjetivos que devem ser levados em consideração, quando tencionamos compreender a forma como se dá a relação com o saber para os estudantes. Muitos indicadores devem ser levados em consideração como é o caso, de se observar jovens que querem e têm desejo de aprender e em contrapartida outros jovens não mostram esse desejo. Uns mostram-se sempre desejosos e expectantes relativamente a recepção de novos saberes e outros não mostram qualquer interesse denunciando assim um diferenciamento em termos comportamentais que intriga o observador que pode ser o professor.

Para nortear melhor minhas indagações preferi apegar-me no fato de que a relação com o saber deve ser tratada a partir de perguntas chaves permitindo a compreensão do caso em pesquisa. Assim, apoiando-me nas questões: Por que motivo? E para que fim? O sujeito se mobiliza, para que a relação com o saber seja notável e reconhecida, facilitou uma compreensão da observância do melhor desempenho que verifiquei nos estudantes sujeitos de pesquisa.

Sabendo que a questão da relação com o saber está intrinsecamente ligada com a ação de aprender, é importante que se centralize nossa energia nas fontes que propiciem a mobilização para aprendê-lo, bem como nos formatos que esta mobilização adquire. Assim, tornou-se imprescindível que pudéssemos identificar os elementos que de alguma forma alimentam ou contrariam a ação de aprender.

Tendo em conta as informações recolhidas dos entrevistados, podemos compreender que os mesmos tiveram uma trajetória escolar acidentada, mas que, no entanto, o fator determinante da sua mobilização diferencia para cada um,

portanto, só tendo em comum a superação. Nota-se que, na maior parte dos estudantes os estudos tiveram um desenrolar com muitas interrupções levando-os a um reajustamento e adequação que os mesmos muitas vezes com desânimo sujeitaram-se. Vimos que, mesmo tendo estas interrupções eles permaneceram firmes e regressavam às escolas sempre na tentativa de prosseguir, Vislumbrando um futuro acadêmico possível de acontecer como eles almejavam.

Relativamente às estratégias adotadas por eles pude notar que os estudantes optaram por abdicar momentos de lazer e euforia optando por entregar-se mais ao exercício do seu "ofício de aluno" e, para que isso se efetivasse apoiaram-se em atividades que promovesse suas experiências e adicionasse a cada um deles conhecimentos, hábitos e atitudes. O isolamento, a busca por apoio acadêmico entre colegas, a frequência em atividades de estudo, as leituras de bibliografias adicionais, a participação em sala no decorrer das aulas para elucidação de aspectos não compreendidos quando realizassem suas pesquisas individuais entre outras estratégias justifica a observância e denotação destes estudantes.

O grupo escolhido dá ao fato de serem estudantes universitários um significado abrangente pois, entendem que com a formação superior deverão estar capazes de responder a situações diversas que a sociedade nos impõe. Os mesmos entendem que, como estudantes universitários implica carregarem um repertório de informações que promoverá atitudes e posicionamentos distintos diante da sociedade em geral.

A profissão exercida pelos estudantes e, nesse caso, todos professores, constituiu a principal influência para a construção e desenvoltura que os mesmos tiveram com o saber. Com o intuito de que, a formação pudesse acrescentar neles subsídios que os ajudasse a desempenhar melhor o seu papel como professores, engajaram-se a fim de aproveitarem a oportunidade de se superarem profissionalmente, daí à observância externa da mobilização interna dos mesmos. Não obstante, essa mobilização e construção de uma relação com o saber, que se verifica por parte dos que exercem a profissão ela é extensiva para aqueles estudantes que exercem outras profissões.

Podemos então concluir que, apesar de que o grupo de estudantes serem oriundos de famílias com extratos sociais diversificados verifiquei que, independentemente de que alguns deles pertencem a família de pais escolarizados e outros pertencem a família de pais não escolarizados, tiveram todos em termos de incentivo e encorajamento para aquisição e desenvolvimento desta mobilidade uma base que era as palavras de encorajamento dos pais. Os seus progenitores passavam para os mesmos pensamentos e ideias que interferiram nos seus posicionamentos relativamente as suas atitudes perante o ato de aprender. Essa insistência dos pais tinha como base a ideia de que para que os mesmos saíssem da posição em que se encontravam precisavam apegar-se aos estudos de forma responsável.

Assim, temos que admitir, apesar de os sujeitos da pesquisa passarem, experimentarem e vivenciarem diferentes trajetórias sociais, estas acabaram por interferir em termos de atitudes e posicionamentos, mas, que não foi o único determinante para isso, tendo como determinante a questão da mobilização desenvolvida por eles com vista a atingirem patamares diferentes, daquele que os mesmos ostentavam no momento. E, tratando-se de compreender a forma como é construída a relação com o saber, importa-nos realçar que este estudo permitiu me apurar que a construção da relação com o saber destes estudantes teve a marca da origem social e, por conseguinte não foi determinada somente por essa origem.

No entanto uma vez que a UON se encontra nos seus primeiros anos de enraizamento como universidade, penso que é de extrema importância que, pesquisa do gênero se efetive, pois, sendo dentro da mesma, dada a necessidade de se entender seus estudantes para que suas políticas de acolhimento dos mesmos sejam de propiciar um ambiente acadêmico coeso, para que se desperte neles o interesse pelo saber tal como a universidade preconiza e espera. Desta forma, estudar a relação com o saber poderá propiciar elementos aos docentes, para que redimensionem suas estratégias de motivação, reconhecendo sempre os sujeitos mobilizados e os móveis que os atraem.

## BIBLIOGRAFIA

BICALHO, Maria Gabriela Parenti. *Ensino superior privado, relação com o saber e reconstrução identitária*. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2004.

BONI, V., QUARESMA, S. *Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais*. Em Tese, Local de publicação (editar no plugin de tradução o arquivo da citação ABNT), 2, Abr. 2010. Disponível em: <http://www.journal.usfc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>. Acesso em 23 Jul. 2012.

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de educação*. 13.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A., CATANI, A. (Org.) *Escritos de Educação*. 3 ed. Petrópolis:Vozes,2012.

CHARLOT, B. e tal. *Rapport au savoir et rapport à l'école dans les zones d'éducation prioritaires*. 1992. Tradução de Neide Luzia de Rezende.

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CHARLOT, Bernard. *Os jovens e o saber. Perspectivas mundiais*. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

CHARLOT, Bernard. *Relação com o saber, formação de professores e globalização. Questões para a educação hoje*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

Disponível em ATR Chagas – Administração on line, 2000 – fct. Unesp.br

Disponível em fonte: <http://www.queb.org/motivacion/La> - Piramide-de-Maslow

FORQUIN, Jean-Claude. *Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. 208p.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Copyright, 1973. 213p.

LUDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986. 99p. Disponível em M. Ludke. - 1986 – Enaberto.inep.gov.br

MIRANDA, Shirley Aparecida de. *Articulações do feminino em narrativas de mulheres dirigentes sindicais: saber - poder e gênero*. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008.

NOGUEIRA, M. A.; NOGUEIRA, C. M. M. Bourdieu e a educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.



PERRENOUD, Philippe. *Ofício de aluno e o sentido do trabalho escolar*. Porto: Porto, 1995.

TEIXEIRA, Lúcia Helena Gonçalves. *Cultura organizacional e projeto de mudança em escolas públicas*. LOCAL:EDITORA, 2002.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org). *Técnicas de ensino. Novos tempos, novas configurações*. São Paulo: Papyrus, 2006.

SANTOS-FILHO, J. C. dos. *Pesquisa quantitativa versus pesquisa qualitativa: o desafio paradigmático*. In: SANTOS-FILHO, J. C. dos; GAMBOA, S. S. Pesquisa educacional: quantidade-qualidade. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Edna Lúcia da. *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação*. In: Edna Lúcia da Silva, Estera Muszkat Menezes. 3ª. ed. rev. atual. – Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001. 121p.

SIMÃO, Albertina Nvidi e LUEMBA, Inácio da R. Mamboma. *O desenvolvimento da capacidade investigativa em estudantes universitários à luz de alguns objetivos da criação da UAN: caso IV ano de pedagogia do ISCED – Cabinda, ano letivo 2008*. Cabinda. 2009.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 13. ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 2012.

TEIXEIRA, Lucia Helena Gonçalves. *Cultura organizacional e projeto de mudança em escolas públicas*. Campinas, SP: Autores Associados, São Paulo, SP: UESP: ANPAE, 2002.

Disponível em fonte: <https://www.google.com.br/pt.wikipedia.org/wiki/Angola>. Acessado em 31 de 01 de 2015.

Disponível em fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Academia>. Acessado em 19 de 11 de 2015

## APÊNDICE

### Apêndice A - perfil dos estudantes

**Pesquisa: A mobilização para aprender no ensino superior: Um olhar sobre a relação com o saber do estudante de pedagogia do IV ano, face à formação universitária.**

Questionário dirigido ao grupo de estudantes de pedagogia.

Caro estudante,

Agradeço desde já sua amabilidade em participar do trabalho de pesquisa desenvolvido por mim com o fornecimento de informações que serão úteis para o mesmo.

A pesquisa em causa tem como tema “A mobilização para aprender no ensino superior. Um olhar sobre a relação com o saber do estudante do II ano de Pedagogia”. Este questionário visa recolher dados que me permitam conhecer um pouco mais de sua trajetória escolar bem como aspectos relacionados com o seu perfil.

#### 1. Caracterização pessoal:

##### 1.1 Sexo:

Masculino

Feminino

##### 1.2 Idade:

Até 20 anos

21 a 25 anos

26 a 30 anos

46 a 50 anos

31 a 35 anos

36 a 40 anos

40 ou mais.

1.3 Com quem mora: (se for o caso, aqui você pode marcar mais de uma alternativa)

- Amigos     Irmãos     Filhos     Outros parentes  
 Esposa/o, companheiro/a     Pais     Sozinho/a

1.4 – Cidade onde nasceu: \_\_\_\_\_

1.5 Cidade onde mora: \_\_\_\_\_

1.6 Sobre sua filiação, indique:

- a) Profissão do pai: \_\_\_\_\_  
b) Profissão da mãe: \_\_\_\_\_  
c) Escolaridade do pai: \_\_\_\_\_  
d) Escolaridade da mãe: \_\_\_\_\_

1.7 – Você tem filhos:  Sim.  Não.

1.8 – Se tiver filhos, indique o sexo e idade deles:

Sexo	Idade

2. Situação de trabalho:

2.1 Trabalha:  Sim                       Não

2.2 Se trabalha, indique:

- Profissão: \_\_\_\_\_

- Horário de trabalho: \_\_\_\_\_

2.3 – Qual é a sua renda pessoal mensal?

- De 01 a 02 salários mínimos     De 04 a 07 salários mínimos  
 De 02 a 04 salários mínimos     De 07 a 10 salários mínimos  
 Acima de 10 salários mínimos

2.4 – Qual é a renda mensal de sua família?

- De 02 a 04 salários mínimos     De 08 a 14 salários mínimos
- De 04 a 08 salários mínimos     De 14 a 18 salários mínimos
- Acima de 18 salários mínimos

### 3. Sobre a trajetória acadêmica:

#### 3.1 Ensino médio:

- Que curso médio frequentaste?

---

- Ano de início do ensino médio: \_\_\_\_\_

- Ano do fim do ensino médio: \_\_\_\_\_

#### 3.2 Ensino superior:

3.2.1 - Que opção está a fazer no ISCED:

- Ensino Primário     Gestão e Inspeção Escolar

3.2.2 Porque escolheu esse curso?

---



---



---

3.2.3 Entre as disciplinas do curso, quais as que você encontrou mais dificuldades (marque até 3 opções):

---



---



---

3.2. 4 Marque dois aspectos dificultadores das disciplinas do curso:

- Relacionamento com o professor
- Relacionamento com os colegas
- Falta de conhecimento prévio do assunto
- Falta de acesso a materiais bibliográficos
- Falta de acesso a fontes de informação

- Conteúdos desinteressantes
- Conteúdos sem aplicação prática
- Conteúdos muito extensos

3.2. 4 Cite a estratégia que você mais utiliza para resolver as dificuldades do curso.

---

---

---

3.2.5 Entre as disciplinas do curso, quais as que você considera mais fáceis (marque até 3 opções):

---

---

---

3.2.6 Na sua opinião, o que torna essas disciplinas mais acessíveis? (Indique pelo menos 2 características)

---

---

3.2.7 Como parte de sua formação acadêmica, o que você costuma ler? (Pode assinalar mais de um)

- Apostilas
- Artigos de livros
- Artigos de revista
- Cartas, ofícios, memorandos e e-mails
- Catálogos
- Cronogramas, agendas, calendários
- Livros
- Livros de literatura (infantil, poesia, romance, aventura, policial, etc.)
- Livros didáticos e informativos

- Livros técnicos ou especializados
- Manuais com instruções
- Relatórios
- Tabuletas e cartazes com instruções e avisos, etiquetas
- Textos capturados em meio virtual
- Outras. Quais? \_\_\_\_\_
- Não lê nenhum dos materiais anteriores

3.2.5 Como parte de sua formação acadêmica, o que você costuma escrever? (Pode assinalar mais de um)

- Artigos para revistas ou jornais
- Bilhetes e recados
- E-mails, blogs e outros textos em meio virtual
- Estudos dirigidos
- Folhetos de propaganda e folders
- Jornais institucionais, fanzines e boletins informativos
- Provas e outras avaliações
- Relatórios
- Trabalhos elaborados conforme indicação dos professores
- Outras. Quais? \_\_\_\_\_
- Não escreve em nenhum dos itens apontados anteriormente

3.2.8 Em suas atividades acadêmicas o que você costuma utilizar? (Pode assinalar mais de um)

- Computador
- Fotocopiadora (xerox)
- Filmadora, câmera fotográfica

- TV, vídeo e DVD
- Retroprojektor, projetor multimídia
- Aparelho de som e toca-CD
- Telefone celular
- Murais e expositores
- Livros e acervos de materiais impressos
- Outros. Quais? \_\_\_\_\_
- Não utiliza nenhum desses

## Apêndice B - Autorização para uso de informações cedidas

Eu, \_\_\_\_\_ declaro que concedi livre e espontaneamente, a entrevista para Albertina Nvidi Simão no dia\_\_\_\_ de \_\_\_\_ de 2013, as \_\_\_\_ horas, sobre o tema: A mobilização para aprender no ensino superior: um olhar sobre a relação com o saber do estudante de pedagogia do IV ano, face à formação universitária.

Declaro estar ciente de que a entrevista faz parte do plano de trabalho do projeto de mestrado da pesquisadora.

Declaro concordância com a utilização da entrevista concedida, na íntegra ou em parte, na dissertação de mestrado de Albertina Nvidi Simão.

Cabinda, aos \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013.

O entrevistado

---



## Apêndice: C – Entrevistas Realizadas com os estudantes.

### **Entrevista realizado com o estudante: AUGUSTO.**

*ALBERTINA: Antes de qualquer coisa eu agradeço muito a atenção que teve em vir, estou a ter muitos transtornos e contratempos com os outros estudantes para conseguir ora eu é que estou indisponível ora são eles então está, um corre-corre daqueles.*

*Agradeço muito a atenção e antes de qualquer coisa a minha orientadora pediu-me para passar aos estudantes todos, isso é uma mini declaração, onde vocês declaram que estão a ceder as informações espontaneamente, sem ninguém vos obrigar. Você vai ler e se concordar com o que está aqui então assina, se não, vamos ver onde você não concorda para nós retificarmos.*

*AUGUSTO: exatamente.*

*ALBERTINA: Leia primeiro e depois assine.*

*AUGUSTO: Concordo.*

*ALBERTINA: Então é só assinar aqui o vosso nome, aqui também por a data, aqui e aqui é onde preciso o vosso nome.*

*ALBERTINA: Obrigada Francisco para começar é isto.*

*ALBERTINA: A nossa entrevista vai ser uma entrevista não estruturada, as perguntas vão saindo a medida que nós vamos conversando. O que eu preciso nessa nossa entrevista é entender neste trabalho, como se dá a vossa relação com o saber. Dos estudantes que eu selecionei eram dez e depois decidimos para cinco estudantes, pois eram muitos para esta pesquisa, não houve critério nenhum para dizer que eu prefiro este ou aquele foi uma escolha aleatória, a minha orientadora pediu que tirasse uma estudante que era a única mulher no grupo, ela tinha que estar mesmo aqui a Natália e os outros foram selecionados a minha escolha, pois por isso eu selecionei os que eu mais conhecia que é o Bamóquina, você o Wilson, porque o Wilson é um que preencheu, dos questionários todos tinha um que dizia que não era professor, então a professora interessou-se por este caso pois é um dos elementos que não é professor, e a Natália não trabalha mas como é a menina já havia sido selecionada. Estava selecionada a Natália e este estudante que não era professor o resto eu selecionava a minha escolha. Então passei a selecionar o vosso nome, do Bamóquina e está a faltar mais um que eu ainda não sei bem vai ser, eu estou assim meio desorientada em termos de nomes porque os nossos questionários perderam-se todos infelizmente quando cheguei de viagem do Brasil uma semana depois fiquei internada no hospital e, internei na segunda-feira e num sábado assaltaram-me a casa.*

*Como eu tinha acabado de chegar de viagem, ainda não tinha desfeito as malas e pastas. Os ladrões levaram tudo.*

*AUGUSTO: Até papéis.*

*ALBERTINA: Levaram tudo, se me deitassem fora os meus papéis eu iria agradecer muito. Eu iria dizer bons ladrões, eu até ia agradecer por eles terem passado..., levaram os dois portáteis, as minhas bolsas as mochilas, minhas pendrives, documentos pessoais de licenciatura, tudo e os meus inquéritos que nós preenchemos foram-se todos. Não desfiz as malas, foi só uma semana e fiquei doente. E eles foram pegando as pastas que estavam no quarto então os meus inquéritos todos foram e então fiquei assim com alguma dificuldade dos nomes, os nomes que vieram primeiro é que foram selecionados. Está a faltar apenas mais um estudante pois a orientadora pediu cinco estudantes que já é suficiente para ter as informações que eu preciso recolher relativamente ao meu tema.*

*Então daí atrasei um pouquinho esse tempo todo que estive em Brasil não trabalhei e então, estou atrás de tempo para ver se consigo avançar.*

*A princípio o que eu quero da nossa conversa é o seguinte: que o Francisco fale de si, para mim entender a vossa relação com o saber em sala, o que verifiquei dos meus estudantes que mostraram uma relação com o saber diferenciada, eu preciso ir buscar no histórico da vossa vida, algo que vai*

*me fazer entender melhor e depois pegar as semelhanças entre vocês cinco, essas coisas todas vou levantando possíveis semelhanças e diferenças e entender a que se deve as vossas motivações para terem aquela relação com o saber. Então de princípio o que eu quero é que o Francisco me diga o vosso nome completo, idade e a profissão.*

*AUGUSTO: Eu chamo-me Francisco António Barros, tenho 38 anos, sou professor de profissão.*

*ALBERTINA: A quanto tempo dá aulas?*

*AUGUSTO: Estou a 17 anos.*

*ALBERTINA: 17 anos a dar aulas no mesmo nível?*

*AUGUSTO: Sim no mesmo nível.*

*ALBERTINA: É primário, secundário?*

*AUGUSTO: Trabalho com o primário, mas, quase com todas as classes como já é também a fase da reforma educativa, trabalho com todas as disciplinas.*

*ALBERTINA: Todas as disciplinas são da primeira a sexta classe, nesse caso?*

*AUGUSTO: Bem, isso varia consoante os anos, há anos que eu recebo uma quinta, há anos que recebo uma sexta, há anos que recebo uma quarta, quando há disponibilidade de vagas na escola.*

*ALBERTINA: De vagas na escola muito obrigada Francisco. Fala-me mais um pouquinho da sua vida trajetória de vida, quem é o Francisco, de onde vem o Francisco, composição da família pai e mãe, irmãos, o que poder me falar da sua vida pessoal.*

*AUGUSTO: Realmente falando da minha vida é uma trajetória muito longa, mas em poucas palavras resumidamente.*

*ALBERTINA: Pode ficar à vontade Francisco.*

*AUGUSTO: Sim eu sou filho de senhor José Maria de Assunção António que já é falecido, desde 87 no Congo Democrático e Pascoalina Bungo é a minha mãe. Sou o quinto filho na relação de maternidade, todas elas são meninas, sou o único homem no meio de meninas.*

*ALBERTINA: São cinco filhos nesse caso?*

*AUGUSTO: Sim somos cinco, então fiz os meus estudos primários no Congo Democrático, depois de 92 regressamos fui continuando batalhando consoante as possibilidades até chegar no nível onde já estou.*

*ALBERTINA: Os pais na altura, o falecido pai. Qual era a profissão dele? E da mãe?*

*AUGUSTO: Lá como estávamos exilados porque era a questão da guerra era simples camponês, realizava trabalho de campo e assim ia sustentado os estudos, porque lá no ensino dos zairenses, era por sistema de propinas. Cada mês os pais tinham que pagar as propinas, mas, houve um pequeno desequilíbrio depois do pai falecer a mãe teve que assumir a responsabilidade, mas nem com isso conseguimos superar o que era necessário.*

*ALBERTINA: Ok, quando é que vieram para cá, pra Cabinda?*

*AUGUSTO: Estamos desde 1992.*

*ALBERTINA: É o filho caçula dos cinco irmãos?*

*AUGUSTO: Bem eu sou o penúltimo.*

*ALBERTINA: Ah, são cinco irmãos e você o penúltimo, ainda tem uma depois de você. E relativamente a formação, estão todos formados ou não as tuas irmãs todas estudaram ou não?*

*AUGUSTO: Graças a Deus temos essa chance, minimamente todas têm a formação média, talvez eu por ser homem é que já tenho a formação superior.*

*ALBERTINA: As irmãs pararam no ensino médio?*

*AUGUSTO: Ensino médio sim, todas elas.*

*ALBERTINA: Muito bem Francisco. E quanto a trajetória estudantil poderia falar um pouco mais da sua trajetória estudantil, como é que foi para passar das fases estudou a primária até o ensino médio*

no Congo? Ou não? Como é que foi? Até que nível estudou lá no Congo e até que nível estudou aqui? Como é que foi essa trajetória estudantil?

*AUGUSTO: É aquilo que vinha dizendo no início, que todo o ensino primário passei no Congo e uma parte do ensino secundário, porque eu vim já com a oitava classe mas, como a equivalência só se faz de um processo específico e então tive de repetir de novo a sexta classe na escola de Lombo Lombo e então recuei para sexta classe, passei para sétima, a oitava e depois para a nona classe como antigamente já nos anos 80 e 96/97 para se ingressar no ensino médio era sujeito a uma prova que garantisse lugar para o ensino médio, então como não tive vaga na atual escola de formação de professores que antigamente se chamava IMNE, então tive que me deslocar para Lândana no município de Cacongo sem família fiz lá um ano, quase nove meses onde frequentei a nona classe.*

*ALBERTINA: E como é que você teve a ideia de ir para lá em Lândana?*

*AUGUSTO: Como é minha vocação mesmo de me formar eu não quis perder um ano inteiro e ficar só assim sem estudar, então contatei com alguns amigos e com alguns colegas e me disseram que a única oportunidade que está aqui é deslocar pra Lândana. E pensei para Lândana não tenho família, como me sustentar mas com ajuda de colegas com coragem e motivação dos colegas também, então fui pra lá frequentei a nona classe graças a Deus aprovei e então dali consegui a vaga para o IMNE, onde fiz a décima reprovei duas vezes na décima classe, fiz a décima primeira já na opção biologia química, na décima segunda aprovei e depois daí parei quase dois anos sem estudar, por questões financeiras assim posso dizer porque já eu próprio notava que havia um pequeno desequilíbrio então tive que criar mais outro reforço e então dali ingressei para o ISCED.*

*AUGUSTO: E quando pequenino, assim dentro da família de onde é que vocês buscavam inspiração uma vez que estavam noutro país não é, como exilados e o pai e a mãe não estudaram eram camponeses, é o que eu entendi não é...*

*AUGUSTO: Exatamente.*

*ALBERTINA: Então, de onde é que saiu aquela motivação aquele gosto pelo estudo, como é que era a relação da família relativamente a vossa formação? Como é que o pai e a mãe viam o facto de vocês estudarem ou não? O que é que os pais faziam em prol de vocês tomarem gosto pela leitura. O que é que acontecia lá na vossa família que vocês iam para a escola com essa vontade.*

*F: Bem praticamente o pai dizia o seguinte, bem eu como não estudei não quero que vocês também passassem na fase onde eu estou de todos os dias ir na lavra não, vocês devem estudar. E nós que lá no país dos outros talvez que o único ambiente que era favorável temos de ir à escola, se não fosse escola então ir a lavra. Então a motivação dos pais foram nos encorajando buscando recursos a partir dos produtos do campo, conseguiam alguns produtos no campo vendiam e iam sustentando os nossos estudos porque aí era mesmo... era um ritmo, era para todos.*

*ALBERTINA: para todos em casa. Dentre os irmãos todo o mundo acatou a ideia de ir para a escola e estudar.*

*AUGUSTO: Exatamente*

*ALBERTINA: Então vocês apegaram-se naquelas palavras que o vosso pai...*

*AUGUSTO: Tomamos já aquele gosto.*

*ALBERTINA: Então a vossa motivação para a escola vinha mesmo do incentivo dos pais, o que dizia relativamente a escola, porque ele não queria que vocês passassem, não é?*

*AUGUSTO: Exatamente.*

*ALBERTINA: E a mãe?*

*AUGUSTO: porque ele até dizia que o mundo de amanhã será diferente, se vocês não estudarem o que virá amanhã vocês não sabem, então é melhor vocês se formarem, vão estudando pouco a pouco e mesmo que eu não me beneficie do vosso dinheiro, mesmo que eu morra e a mãe morra, mas o importante é o meu nome que vai à frente, são filhos de tal fulano.*

*ALBERTINA: Está bom e mãe também concordava com o que o pai dizia ou...?*

*AUGUSTO: Exatamente, uma vez me recordei uma vez que eu fiz teimosia de não ir para escola apanhei cada vassourada não vale a pena (risos)*

*ALBERTINA: da parte da mãe (risos)?*

AUGUSTO: *exatamente (risos).*

ALBERTINA: *E o meio social lá no Congo, como é que era? O que tinha de diferente de anormal? Como é que era o ambiente onde vocês viviam no seu geral?*

AUGUSTO: *Em contrapartida estávamos num centro de refugiados.*

ALBERTINA: *Centro de refugiados.*

AUGUSTO: *Centro de refugiados onde todos os angolanos estavam, então o ensino era o seguinte: era uma fusão entre os congolenses e nós. Porque quando nos anos 80 há um patrocínio sim, eu até tive a chance de fazer a pré-primária, a primeira classe já no ensino de língua portuguesa. Mas depois da ONU quebrar o seu contrato passamos para o ensino dos zairenses. Ali éramos sujeitos a pagar propinas, mas ali o que reinava muito mais, não sei talvez foi um dom uma coragem para nós porque o que reinava mais ali é que certas vezes lá os colegas que eram donos do país tentavam criar aquelas diferenças, são angolanos são refugie...*

ALBERTINA: *Alguma discriminação?*

AUGUSTO: *Discriminação. Mas nem comisso havia boa relação na parte dos professores, direção da escola, tinha boas relações.*

ALBERTINA: *A vossa escola era mesmo lá no centro ou fora do campo?*

AUGUSTO: *Era no centro. O ensino primário estava lá no centro porque havia duas zonas, havia zona norte, zona sul então o ensino secundário é que estava na zona norte, já distanciava quase vinte quilômetros mas se você entra as sete horas obrigatoriamente tens que abandonar a cama lá pelas cinco e meia seis horas, ia caminhando mesmo a pé até chegar a escola.*

ALBERTINA: *Muito bem Francisco. Me fala um pouquinho mais para além daquele incentivo do pai que dizia estas palavras, que vocês têm que estudar que o mundo amanhã será diferente, não quero que vocês passem pelo que eu passei, tinha mais alguma coisa que vos motivava enquanto criança, enquanto adolescentes para ir para escola. Assim da tua parte nesse caso, alguma outra coisa alguma coisa que você identificava, que fazia ter aquela vontade de ir para a escola na altura?*

AUGUSTO: *De facto eu tive uma emoção talvez foi minha vocação, foi meu dom porque eu a minha intenção era de ser padre. Eu há momentos que eu pegava panos da mãe e me equipava como se fosse padre e fazia aqueles sermões de padre. Então eu estava naquela emoção se não for padre então tenho de ser jornalista, se não for jornalista então tenho de ser electricista, mas, infelizmente que nenhuma das opções foi sujeito*

ALBERTINA: *foi feliz, não é?*

AUGUSTO: *exatamente, fui insatisfeito naquilo que eu estava a propor, mas o incentivo além dos pais quer dizer que foi mesmo de minha parte também, porque eu já estava com aquele ânimo de querer ser padre ou jornalista ou electricista, estava comigo.*

ALBERTINA: *Querias ser algo diferente do seu pai.*

AUGUSTO: *Exatamente*

ALBERTINA: *Não queria passar pela experiência de ir para o campo... e como é que surgiu então esse lado do professorado. Disse-me que já está no professorado há dezessete anos.*

AUGUSTO: *E exatamente.*

ALBERTINA: *E as inspirações anteriores eram para ser Padre, jornalista ou electricista. Então, o que é que aconteceu que fez você mudar as suas inspirações para ser professor?*

AUGUSTO: *O primeiro ponto que criou essa desvinculação diria assim, é de regressarmos, porque se continuasse mais ou menos lá no ensino zairense, claro que uma das opções iria ser satisfeita. Mas em contrapartida depois de regressarmos em 92 depois de terminar. Porque eu comecei a trabalhar já com a nona classe. Depois de frequentar a nona classe ali já não havia mais outra saída a não ser que tinha de arranjar ou tinha de me ingressar a uma profissão. Bem tentei uma profissão ser carpinteiro saí insatisfeito.*

ALBERTINA: *Com dezanove anos?*

AUGUSTO: *com dezanove anos. Sai insatisfeito, não foi bem-sucedido. Então havia aliás há um primo lá na aldeia e disse não você com a nona classe já podes ser professor na altura não havia*

concurso público, já pode ser professor. Então vai na sala de aulas, é por isso que eu perdi dois anos. Portanto fui para a sala de aula ele próprio fez tudo eu comecei a trabalhar quase um mês sem guia de colocação, então dali julgo que a desvinculação foi mesmo ali porque faltava da boa orientação, não tive boa orientação não tive acompanhamento.

ALBERTINA: então a princípio entrou no professorado como uma técnica para conseguir emprego, a princípio?

AUGUSTO: exatamente. Mais mesmo assim eu depois de continuar o ensino médio, eu disse que não eu vou fazer biologia química, porque a qualquer momento posso ser engenheiro dos petróleos.

ALBERTINA: tinha sempre uma outra motivação fora do professorado?

AUGUSTO: tinha sempre outra inspiração, exata.

ALBERTINA: ok.

AUGUSTO: daí terminei o ensino médio, tentei fazer alguns contatos por falta mesmo de apoio, mas prontos tive de permanecer no professorado.

ALBERTINA: permaneceu no professorado.

AUGUSTO: Exatamente.

ALBERTINA: começou a trabalhar aos dezanove anos? E porquê? Porque é que teve a necessidade de começar a trabalhar aos dezanove anos? Qual é a necessidade que tinha na família que lhe fez trabalhar aos dezanove anos?

AUGUSTO: até como tal necessidade na família não, porque eu queria sustentar os meus estudos. Porque praticamente depender da mãe que coitada ... E o pai já é falecido. Depender do esforço da mãe depois é fazer chicuanga, ela própria para sustentar os estudos foi mesmo impossível, então daí...

ALBERTINA: tinha de arranjar uma forma de continuar a sustentar os estudos...

AUGUSTO: de sustentar os meus estudos.

ALBERTINA: então teve de arranjar uma profissão e a primeira que apareceu foi a de professorado?

AUGUSTO: exatamente

ALBERTINA: e o que é que eu queria mais compreender. As outras tuas irmãs, porque é que só pararam no médio?

AUGUSTO: bem um dos obstáculos, são emantizadas e já fora da cidade. Estão nas áreas que não lhes permite abandonar os lares e para poderem continuar os seus estudos. Mas pelo menos a minha menor que me seguiu, possivelmente que próximo ano vai poder continuar.

ALBERTINA: muito bem Francisco, tem outra questão que eu queria fazer vamos passar mais para o nosso nível superior. Fez o ensino médio de biologia e química, isto é, no IMNE como professor...

AUGUSTO: exatamente.

ALBERTINA: mas até ali sempre teve a inspiração de ser um engenheiro de petróleos?

AUGUSTO: exatamente.

ALBERTINA: então e o ISCED, como aparece o ISCED na vossa vida?

AUGUSTO: Bem, o ISCED aparece na minha vida no seguinte: antes do ISCED, lá na escola onde eu trabalho aqui na sagrada esperança fui selecionado para participar no curso dos formadores dos professores da sexta classe, já no âmbito da reforma educativa. Então fui para Luanda durante dois meses, depois no regresso houve sessões de seminários começamos a formar outros professores para trabalhar com a quinta e sexta classe na mono docência e três meses depois fui selecionado para participar num outro curso de supervisores de professores do ensino primário. Então dali analisei isto para criar mais impacto ou criar mais equilíbrio na minha profissão pessoa tinha que seguir o ramo das ciências pedagógicas, o ramo das ciências pedagógicas que é no ISCED. Dali analisei na opção pedagogia, aliás analisei não podia continuar na biologia que já era uma pequena desvinculação porque já estava quase minimamente formado na área pedagógica então tinha que aprofundar os meus conhecimentos lá no ensino superior. Então dali optei para o curso de pedagogia na opção gestão e inspeção porque aí já há um casamento com a minha realidade.

*ALBERTINA: e escolheu gestão e inspeção como podia ter escolhido ensino primário, porque é que escolheu essa opção de gestão e inspeção?*

*AUGUSTO: é aquilo que eu dizia no início. Eu já tinha já bases no âmbito da formação pedagógica. Já fui selecionado para formar outros professores já participei num seminário da supervisão então para aprofundar esses conhecimentos tinha que pegar a área de gestão e inspeção, onde estamos a ver disciplinas relacionadas com a supervisão e ali estou tendo mais visão ampla.*

*ALBERTINA: e essa mobilização que se dá que eu verifiquei na sala de aula, dentre os colegas dentre os estudantes, não são, se for só pá ir muitos de nós vamos para a faculdade para consolidar nossos conhecimentos. Mas eu notei nesse grupo de estudantes, podiam ser muitos mais, eu não digo que são só vocês, mas vocês são os que mais eu denotei como que apresentavam uma mobilização para com os estudos, para com a relação com o saber diferente. Podias falar um pouquinho mais dessa mobilização?*

*AUGUSTO: bem essa mobilização surge porque nós fomos para o ISCED cada um com o seu destino, mas depois de chegarmos ali já criamos amizade e nós determinamos que viemos aqui com um tempo recorde, são 4 anos já não podemos passar dos 4 anos. Então dali tipo que nos abraçamos todos nos engajamos nos estudos, mais aplicação, criamos grupo de trabalho, grupo de trocas de experiência, aí para concretizarmos o nosso tempo recorde porque são 4 anos de formação no ensino superior, na licenciatura.*

*ALBERTINA: o que é que você deixa de fazer para se aplicar aos estudos na tua vida pessoal, enquanto estás na universidade?*

*AUGUSTO: Não entendi.*

*ALBERTINA: o que é que deixas de fazer, por exemplo quando estás numa situação de que tens de aplicar mais o seu tempo para os estudos, o que é que você consegue deixar de lado, o que é que você fala não isso posso deixar de lado, isso pode ficar para amanhã posso fazer para se engajar aos estudos? O que é que você diz não isso aqui não tem prioridade tem prioridade os meus estudos então vou estudar um pouquinho mais. Quais são as coisas que você consegue pôr de lado para pôr em primeiro lugar os estudos.*

*AUGUSTO: existe prioridades e prioridades de facto não me deixa mentir. Eu antes do ISCED mesmo assim no primeiro e segundo ano eu gostava de cerveja mesmo amanhã tenho prova mas eu tenho de empurrar pelo menos umas duas ou três cervejas, há momentos que saía da sala de aula vou na lanchonete empurro uma cerveja e depois volto para a sala de aula, isto foi no primeiro ano, segundo ano mas depois no terceiro ano já tive outra maturidade, talvez que é uma das prioridades que eu descartei a possibilidade até nesse momento, não digo que não consumo uma cervejinha mas quando estou num momento livre mas concretamente quando tenho os meus programas de estudo o que eu descarto mesmo a possibilidade é o passeio. Todo o dia inteiro estou mesmo em casa, onde estou a fazer os meus trabalhos eu como não tenho muitos filhos que fazem muito barulho então fico mesmo em casa então ali, mobilizo a mulher, não estou aqui aparece alguém diz não está, enquanto estou a fazer meus preparativos.*

*ALBERTINA: é pai de família já?*

*AUGUSTO: tenho dois filhos*

*ALBERTINA: ok, tem dois filhos e vive com a esposa?*

*AUGUSTO: exatamente*

*ALBERTINA: como é que é professor, pai de família é estudante universitário e tem outros grupos, pertence a uma religião também....*

*AUGUSTO: sim, sim sou católico.*

*ALBERTINA: é católico tem outros grupos sociais que frequenta. Dada a tanta responsabilidade como é que encontra tempo para dedicar ao estudo? Como é que planeja isso?*

*AUGUSTO: Sempre há tempo para tudo desde que a pessoa sabe planificar consegue colocar cada assunto no seu devido plano e no seu devido tempo. Pelo menos o problema da igreja só frequento muito mais aos fins de semana, aos sábados e como pai de família, todo que é pai sempre assume responsabilidade sempre encontrou momentos especiais para resolver questões da família.*

*ALBERTINA: não tem sido difícil para você conciliar estas atividades todas professor, estudante universitário, pai de família e ainda pertencente a outros grupos, tem havido dificuldades?*

*AUGUSTO: sim, há momentos que eu encontro barreiras. É como se diz é difícil servir a dois senhores sempre há uma parte que vai na falência. Dali tentamos dar prioridades das prioridades. Eu por exemplo da minha parte dentro das prioridades, dou prioridade a formação. Muitas vezes falto ao serviço para dar prioridade aos estudos.*

*ALBERTINA: quais são as estratégias que você adota para se dedicar muito aos estudos e para se denotar como eu denotei em sala de aula, como estudante aplicado que tem um saber diferenciado. Que estratégias você faz para se manter atualizado, quais são as táticas que você usa como estudante universitário para que mantenha um nível bom de relação com o saber?*

*AUGUSTO: bem para mim próprio primeiro dizia naturalmente que primeiro descartei a possibilidade de consumir o álcool por excesso, segundo descartei a possibilidade de ambientes desnecessários sem passeios de baixo para cima descartei e mais a mais abracei muito mais ao material escolar eu passo mais tempo em fazer leituras, em fazer pesquisas daquilo que é necessário que é o tempo do passeio mesmo. E aos fins de semana se não me encontra a ler então estou a preparar atividade laboral atividade do serviço.*

*ALBERTINA: Obrigada Francisco acho que tenho muito boa informação da vossa parte. Só queria que você frisasse um pouquinho mais essa vossa mobilização para com a formação superior. Já disse que por um lado você está o facto de você ter participado em alguns cursos de supervisão e o curso de gestão vem consolidar um pouquinho os conhecimentos que você necessita para que se saia bem na sua profissão. Mas como professor, como estudante do ISCED do curso de pedagogia, que outras mobilizações o Francisco tem para se manter na universidade com essa motivação. Tem outras motivações existe outros elementos?*

*AUGUSTO: Elementos como tal, primeiro inserido na família, dentro da família tem de haver pessoas que sobressai isto é uma das motivações isto é para sairmos na classe baixa para ir pela classe média, isto é uma das motivações. A segunda motivação é para sustentar a minha própria profissão e terceira motivação é para me edificar porque o mundo atual já precisa de homens formados e se esse alguém não está formado é complicado, mesmo os teus contemporâneos esse tal fulano, ah esse não estudou, não fez nada logo já há uma pequena discriminação, então estamos todos em pé de igualdade, onde chega um ao outro também pode chegar, isso tudo são N fatores que me levam ou que motivam sobre a minha formação no superior.*

*ALBERTINA: Só para insistir mesmo... eu gosto muito dessa questão que estamos a falar aqui no momento, só p insistir como sabe dentro de uma turma temos muitos estudantes e como eu disse vocês se que se denotaram vocês mostraram comportamentos relativamente a vossa formação, relativamente a relação com o saber, que vos faz diferentes dos outros. Tal e qual como você vai sair formado esses outros também vão sair formados, não é? Independentemente de mostrar um pouco ou não interesse com relação ao saber, mas também saem formados e para a sociedade é formado e têm o vosso nível. O que eu quero saber da vossa parte é desse vosso interesse nessa relação com o saber diferente. O que é que vos interessa, ter essa relação com o saber diferente? Porque é que por exemplo da tua parte eu notei que você tem algum interesse a mais não só pelo nível porquê de qualquer forma vamos sair do ISCED formados, mas pelos conhecimentos que cada professor traz por exemplo na minha disciplina, naquela discussão que nós tínhamos em sala de aula você intervia fazia perguntas. A que se deve essa demonstração que você está realmente interessado nos conhecimentos, pelo menos eu notei que por esse andar não é só a formação que nós estamos a ir buscar senão estaríamos em pé de igualdade com os outros. Então esse interesse de demonstrar essa relação com o saber diferenciada, de demonstrar que em termos de qualidade, você pode demonstrar muito mais daquilo que o professor esperava, então de onde é que sai esse interesse, essa mobilização para essa demonstração em relação ao saber diferenciada dos outros? Tem alguma importância para você não tem, como é que se explica isso?*

*AUGUSTO: Da minha parte digo assim: tudo depende da vocação de cada um primeiro ponto, o segundo depende da força e vontade desse indivíduo, porque quem deseja atingir, quem deseja saber sempre se aplicou. Agora uma coisa que é diferente do outro é aquilo que nós vimos que depende do grau de assimilação de cada elemento, há quem tem a capacidade de reter a informação muito rápida e processar já imediatamente, há outro não, outros até que têm aquela chance de reter a informação muito rápida e processar imediatamente. Então isto também depende não só da vontade*

*mas depende do grau de assimilação também quem tem uma assimilação um pouquinho rápida. Logo que ele recebe a informação consegue aplicar.*

*ALBERTINA: muito obrigada Francisco pelo tempo cedido em suma são estas as questões espero que esteja disponível quem sabe você é o meu primeiro entrevistado não é, eu vou transcrever essa tua entrevista e passar para a minha orientadora. Espero que você.... Necessidade de u voltar a contata-lo eu consiga fazer com alguma facilidade espero que esteja disponível se eu necessitar de voltar a contata-lo, mas a princípio as questões são essas.... a depender dela eu gostaria de voltar a contatar ou não.*

*AUGUSTO: Está bem Dra. É minha professora além de ser minha professora eu sempre estou disponível a qualquer momento poderá contatar-me e eu poderei fornecer... porque só é assim que podemos construir a ciência.*

### **Entrevista realizada com o estudante: CASIMIRO**

*ALBERTINA: Muito bom dia Bamóquina.*

*CASIMIRO: Bom dia.*

*ALBERTINA: Vamos começar a nossa entrevista, depois de um longo período de vai e vem, eu acho que esse tom de voz está bom para a nossa gravação. Como sabes eu estou a trabalhar com estudantes da turma de pedagogia que ao meu ver e, a nível de outros professores mostraram um desempenho diferenciado dos restantes estudantes da turma. Eu selecionei dez estudantes para o questionário, mas, como o universo era muito grande a minha orientadora pediu-me que eu selecionasse apenas cinco estudantes, para fazermos esta entrevista onde eu possa recolher alguns dados da vossa trajetória estudantil, trajetória de vida que tem relação com esse desempenho. Nós achamos, eu e minha orientadora que tem grande relação com o desempenho, que vocês mostraram em sala de aula. Então essa nossa entrevista vai se basear praticamente em entender e compreender, quais são os “n” motivos que podem estar por detrás dessa vossa motivação, desse vosso desempenho, desse vosso diferencial em detrimento dos outros colegas em sala de aula. Para apurarmos isso eu gostaria que você falasse um pouquinho mais sobre a sua trajetória de vida, primeiros anos de vida, relação com a família, pai – escola, irmãos, falasse da sua trajetória escolar e para nós chegarmos até ao limite do que eu observei em sala de aula e, que outros professores que entrevistei também, observaram em sala de aula. Então a princípio eu gostaria que se apresentasse, dissesse o vosso nome completo, profissão, idade, estado civil, por aí uma apresentação assim bem recheada o quanto você poder fazer de si.*

*CASIMIRO: Muito obrigado. Meu nome completo é Daniel Sorez Muela Bamóquina. Portanto já tenho 28 anos de idade, sou natural de Belize e eu não cresci muito aqui na província de Cabinda. Em relação a família bem meu pai é casado, nós somos sete no total, três meninas e quatro rapazes. Portanto o pai é professor, até cá continua a trabalhar e a mãe é médica. O incentivo para a área de orientação escolar partiu desde já com os meus tios, porque eu vivi muito com os tios em relação ao pai e a mãe. Eu estive mais dedicado com os tios e todos os tios na sua maioria tenho três tios, são mestrados e doutorados. Então naquela mesma base da realidade passada deles academicamente então foram incentivando, apertando a gente até ganhar a motivação de estudar. E eu comecei meus estudos em Libreville. Naquela altura já tinha parece quando eu fui em Libreville tinha dez anos e o tio era embaixador naquele país, representando Angola.*

*ALBERTINA: Foi para Libreville com os tios quando tinha apenas dez anos idade?*

*CASIMIRO: Dez anos só e quando cheguei lá tinha algumas dificuldades em me expressar em fiote porque eu falava em fiote e língua materna e falava também português então tinha que me adaptar na realidade francesa e não foi muito difícil porque todos em casa, todos na residência, os amigos todos falavam francês e eu me enquadrei facilmente. Então a partir daí começou-se o estudo em Libreville. Agora tudo o que nós aprendemos lá era tudo em francês. Começamos a estudar no sistema francófono até atingir a décima classe. Naquele momento eu já tinha muita saudade de casa, dos pais então eu pedi, tio eu já não vou poder ficar aqui. Eu quero recuar, estar em Cabinda. Então passei p Luanda onde fiz dois anos, não consegui me enquadrar com a realidade de Luanda, quase comecei a ser desviado com os primos-irmãos que eu encontrei lá.*



ALBERTINA: *E lá em Luanda vivia com tios também?*

CASIMIRO: *Com tios também. Houve mudança de um tutor para outro então eu vi a vantagem era mais com o tutor anterior.*

ALBERTINA: *porque é que viu essa mudança? O que é que observou em termos de tutor de um tio e de outro?*

CASIMIRO: *Pude notar que, a base que eu tive em Libreville foi realmente afundada. Ali não se bebia tudo era controlado e agendado, hora da escola, hora do descanso, hora de exercício de casa e hora de oração e o tio se empenhava pessoalmente em supervisionar, agora do outro lado aqui, em Luanda eu encontrei um tutor que não controlava praticamente ninguém havia um *laissez fer*, quem vai à escola pode ir, quem não quiser pode ficar, então não havia um rigor em termos de orientação escolar e eu não consegui me adaptar muito naquele ritmo eu sempre fui diferente de todos primos que eu encontrei lá. E aí eu vi aqui não dá pra mim eu pedi pra recuar nas mãos dos pais e eu vim pra Cabinda. Isso já era em 2005.*

ALBERTINA: *Quando chegou em Cabinda veio com que classe?*

CASIMIRO: *eu cheguei aqui já com 12<sup>a</sup> feita, mas na realidade francófona. Então quando chego aqui a equivalência estava a tardar muito para ser estabelecida, então me deram a proposta de fazer o IMNE e eu fui para a ADDP em Lândana, em 2006. Quando estive em Lândana a vida de internato praticamente eu me adaptei com toda a facilidade porque eu já tinha a dedicação, vontade de estudar, de ser formado, mas não era o meu sonho seguir o curso de pedagogia, em ser profissional em pedagogia mas eu só queria ter uma formação. E quando chegamos na ADPP, fizemos lá praticamente três anos e houve mesmo muito incentivo, com o ritmo da ADPP e eu comecei a ganhar muita inspiração e fui acabar gostando da profissão de ser professor.*

ALBERTINA: *E para ir para a ADPP, porque é que não foi para outra instituição foi para ADPP, na altura não existia muitas outras instituições de ensino médio ou o que é que te levou a seguir a ADPP?*

CASIMIRO: *o primeiro ponto que me levou a estar na ADPP é o problema dos anos. Portanto eu queria um curso que não levasse muito tempo, porque eu tinha já o título de bacharel então já não queria mas queimar o tempo. E segundo eu queria uma formação muito forte. Porque aqui o que eu comecei a acompanhar no IMNE E PUNIV, eu não vi nada que podia me aproveitar porque os estudantes já sabem no fim de ano o que é que fazem para passar de classe praticamente nunca houve muita aprendizagem naqueles tempos. Então para mim eu gosto já de estudar, exercitar, formar grupos e aqui eu não vou aguentar depois não tenho tanto dinheiro p estar a andar atrás dos docentes e naquele momento era mesmo um fator muito relevante corrupção, comprar notas. Por isso é que eu fui para a ADPP, também o outro aspecto que eu não vou esquecer era para aperfeiçoar a língua porque já falava mais francês do que a língua portuguesa, então eu queria um convívio, uma convivência onde só se fala português constantemente.*

ALBERTINA: *e lá em Lândana ficou naquele internato?*

CASIMIRO: *sim fiquei no internato, eu só saía nos finais de semana, mas nem todos os finais de semana era depois de um mês vem aqui três dias e sempre assim.*

ALBERTINA: *Muito bem e aí depois de entrar na ADPP aquela falta de vontade de ser professor começou a se fazer sentir, depois de começar a fazer a formação de professorado.*

CASIMIRO: *De facto foi muito bonito porque tivemos um ano com a formação teórica muitos conteúdos que tem a ver com a pedagogia aspectos de psicologia da criança, psicologia profissional, depois logo a seguir fomos colocados nas turmas para leccionar práticas pedagógicas e nas práticas houve muitas dificuldades nós fomos superando a cada vez mais a cada dia que praticávamos havia melhoria. Logo com aquele carinho que as crianças apresentavam eu acabei me apaixonando pela profissão até hoje mesmo não sei eu talvez seja mesmo a única profissão para mim.*

ALBERTINA: *Recuando um bocadinho Bamóquina, fala um pouquinho mais sobre a família, teus irmãos, pai e mãe, nível, como é que era a relação dos irmãos se bem que cresceu fora dos irmãos, mas podia falar dos primos, em termos de motivação para o estudo. Colhia alguma coisa dentro dos primos e irmãos que servia de motivação para os estudos. Como é que era essa vontade para os estudos enquanto formação tanto dos pais, já falou um pouquinho, mas eu queria que reforçasse um pouco mais sobre os níveis dos pais, níveis dos irmãos, todos estão no mesmo nível não, como é que está isso?*

*CASIMIRO: Sobre este aspecto para dizer que todos os irmãos sabem escrever e ler têm bom nível, são técnicos médios, todos eles. O nosso primeiro irmão fez industrial ele, não posso dizer que é engenheiro mas trabalha na ENE e é na área que ele foi formado e nunca mais pensou em estudar. A outra irmã que me puxou, ela começou bem fez economia depois de terminar economia quando ela defendeu e parou até hoje nunca trabalhou também, só faz os seus negócios. E eu estou a tentar continuar a estudar para pelo menos marcar uma diferença porque não podemos ser todos técnicos médios, queria também me inspirar muito sobre os tios uns são doutores, outros mestrados então eu analisei em relação os filhos conforme nascemos pelo menos um tinha que forçar mais na vida académica e eu como estou aqui a fazer a licenciatura o nosso caçulé o irmão mais novo de todos ele já está a fazer o mestrado porque ele ficou em Libreville e continuou lá ele já está a fazer o mestrado, me passou mesmo.*

*ALBERTINA: Você teve aquela fase que teve que recomeçar na ADPP e atrasou um pouquinho em relação ao teu irmão mais novo que ficou com os tios lá em Libreville. Então o nível dos tios foi uma forma de incentivo para que você continuasse e tomasse gosto pelos estudos.*

*CASIMIRO: Na verdade esse vai ser a única base que eu tenho, porque naquele momento na aldeia havia muita confusão muita luta nós não podíamos nada aproveitar nada sobre as condições e os conflitos que assolaram a área por isso é que nós fomos confiados nos tios e conseguimos estar mais ou menos equilibrados na área académica.*

*ALBERTINA: Como é que a tua família nesse momento vê, como é que a tua família relaciona-se com a tua formação nesse momento? A tua formação superior por exemplo, os teus pais apoiam-te o que é que eles dizem, quais são as opiniões dos irmãos o que é que eles dizem acerca disso, como é que está, como é a relação deles com a tua formação?*

*CASIMIRO: bem falar dessa relação posso dizer praticamente que o apoio deles é mais moral e psicológico. Eles sempre ligam, incentivam que você é que tem que tirar a vergonha da gente. Em termos materiais pouco, porque eu já sou funcionário também trabalho eu não gosto mais de estar toda a hora a pedir, mas eu tentei fazer alguns apelos nos tios, para a questão que tem a ver com os livros e sempre me apoiaram. E quando eles apoiam eles também querem ver os resultados, então é por isso que eu sempre lutei para conseguir os meus objetivos.*

*ALBERTINA: Está clara na tua explicação que você depois de começar a fazer o curso de formação de professores na ADPP viu que queria dar continuidade à formação superior e nesse caso em Pedagogia. O facto de escolher pedagogia tem tudo a ver com o curso que fez no ensino médio?*

*CASIMIRO: Sim há uma continuação porque a ADPP é uma instituição de formação média então não basta para ser um professor completo não basta tinha que continuar a estudar, aliás tem atores que vêm a defender isso temos que estar constantemente na atualização. E eu creio que esses conhecimentos que já aprofundamos no ISCED eu acho que foram tão valiosos e continuarão a ser valiosos.*

*ALBERTINA: quando é que começou a trabalhar? Com que idade é que começou a trabalhar, em que altura começou a trabalhar?*

*CASIMIRO: Bem comecei a trabalhar com 21 anos. Naquela altura quando fui para o estágio porque a ADPP tem um ciclo dividido em três períodos. O primeiro período tudo é teórico, no segundo período ali vamos fazer práticas pedagógicas e no terceiro período vamos para os estágios. Além das práticas tem mais um ano de estágio. Quando fomos para o estágio os nossos nomes já foram selecionados e começamos a vencer o subsídio. Depois do estágio que se organizou em 2007, fomos colocados definitivamente na educação. Não concorremos, portanto, a ADPP tinha um contrato já ligado com o Ministério da Educação. Quantos são cinquenta e tal lançaram os nomes e começamos já a trabalhar.*

*ALBERTINA: Então não foi por necessidade ou coisa parecida, foi por imperativo já daquele convénio que a ADPP tinha com o Ministério que foste colocado e daí continuaste em frente. Fale um pouquinho da tua profissão como é que é? Há quanto tempo trabalha?*

*CASIMIRO: Desde 2007 até 2013 acho que são sete anos.*

*ALBERTINA: E trabalha com que nível?*

*CASIMIRO: Eu trabalhei com o primeiro ciclo que é o ensino secundário, neste caso de sétima até nona.*

ALBERTINA: e como é que tem sido isso?

CASIMIRO: Bem na escola onde fui colocado é uma escola que está numa zona rural a 15 km da província. Naquela escola quando lá chegamos não havia professores, havia carência total de docentes. Então nós éramos 4 oriundos da ADPP. Quando chegamos lá e assumimos a escola. Dividimos cada um pegou duas disciplinas e eu peguei naquela turma a língua inglesa e a língua francesa, mesmo assim fui colaborando mais nas atividades extraescolares. No primeiro ano, foi o ano mais difícil por causa da adaptação porque a ADPP forma para o ensino primário. Nós chegamos lá fomos colocados havia somente a vaga para o primeiro ciclo e não podíamos abandonar porque é mesmo assim a docência. Então tivemos uma fase de adaptação e essa fase só durou um mês, depois de um mês já não se sabia quem era antigo quem era novo. Mergulhamos bem e conseguimos na verdade adaptar e levar a bom cabo a nossa área profissional. Isso porque também não fomos tão orgulhosos. Viemos pedindo a informação os programas, havia sempre aquele diálogo com os veteranos que trabalham nas outras escolas e eu trabalhei com professores que lecionavam inglês na escola IMNE mister Kenedi e é ele que me dava até os planos de aula. Aqui tem que ser assim, aqui tem de ser assim, e ali na aldeia poucos alunos cada a turma com 30 alunos e eu conseguia estabelecer o diálogo com eles prática da língua, ajuda-los em tudo vamos ter o primeiro tempo de teoria e o segundo tempo prática. Temos de conversar e alguns alunos até hoje recordam os bons momentos. Agora outros anos, eu vou dizer que houve sucesso porque a gente ficou competentes porque a cada fase de aula recuávamos para analisar as nossas falhas. Aqui fiz até esse limite não, vou investigar mais para ver se melhora essa parte e com sete anos que eu já tenho há matérias que eu não preciso de plano para leccionar já se acostumou comigo, mas, por organização e questão de lógica profissional eu sempre estabeleço o plano as vezes incorporo as novidades, portanto na área profissional até nesse momento posso concluir que, eu estou bem enquadrado eu sei o que faço e gosto do que faço.

ALBERTINA: Antes de entrarmos um pouquinho no campo universitário podíamos recuar um pouquinho para a tua vida pessoal não sei se disse e eu não captei. É casado, vive maritalmente, como é que é essa parte?

CASIMIRO: ah essa parte até que eu tentei esquecer um bocadinho. Bem eu sou solteiro, mas já estou aqui a ter uma noiva, porque não dá para ficar só, então encontrei uma diva na minha paróquia a Paz de Deus ali uma menina que na verdade irá fazer, partilhar comigo essa vida. E ela nesse momento também está a esperar uma criança. Então há uma necessidade de eu assumir e acho que futuramente até o próximo ano, porque nesse ano já não vai dar para fazer o ato pois segundo a tradição no mês Dezembro não dá para unir a minha família dar o noivado então até o próximo ano serei noivo.

ALBERTINA: é solteiro, não é?

CASIMIRO: sim.

ALBERTINA: eu fiz esta questão pois era para entrar no campo superior queria fazer uma relação da profissão, a vida pessoal e a universidade e juntarmos os factos. Então é solteiro. Em termos do ensino superior, como é que foi a tua adaptação no ensino superior? Notou muitas diferenças ou não? Como é que é foi fácil, foi difícil como é que foi essa adaptação com um outro nível de ensino?

CASIMIRO: No ensino superior, a princípio eu queria fazer o curso de história então eu fiz o teste para as duas opções e consegui então fiquei no barulho já não sabia vou fazer história ou vou fazer pedagogia comecei a analisar.

ALBERTINA: e porque que queria fazer história?

CASIMIRO: Porque eu fiz ciências humanas em Libreville e eu tinha muita paixão em filosofia e história então queria dar seguimento aquela área para ser um dia professor de história. Agora depois quando analisei os currículos eu tive que conversar com alguns colegas lá para dar as vantagens e desvantagens e todos os colegas estavam a optar por pedagogia e diziam não você aqui fez pedagogia então consolida para ter uma formação superior na área de atuação. Então no mestrado tenta agora desviar. Então mesmo assim tinha ainda algumas dúvidas eu fui pessoalmente lá ter com o DAAC para pedir um pouco o programa de cada curso ver as cadeiras e quando eu vi aquelas cadeiras disse ah não, então vou fazer pedagogia. Porque a pedagogia tem conteúdos, tem disciplinas completas para qualquer professor poderia leccionar história mesmo não tendo o curso de história. Então eu vi que não, a pedagogia está no centro, vale a pena continuar com pedagogia.

ALBERTINA: Então o primeiro ano foi fácil da adaptar...?

*CASIMIRO: Bem o primeiro quanto a adaptação, não houve dificuldades talvez posso sublinhar o caso só de MIC metodologia de investigação científica, esses são conteúdos que não tivemos no médio. Anteriormente nunca tivemos, é uma das disciplinas que tentou um pouco dificultar, mas, na verdade foi bom valeu a pena porque depois de familiarizarmos com os conteúdos acabamos por entender na verdade como se faz a investigação, então foi válida é a única disciplina. A pedagogia não foi tão difícil tivemos um bom professor com bons métodos, psicologia não se fala foi tão bonito, psicopedagogia e anatomia foi só revisão porque tem a ver com biologia isso não foi tão difícil. E outro ponto que eu queria sublinhar sobre o primeiro ano é a informática. A informática parecia ser uma disciplina difícil enquanto que não era porque houve algumas limitações, só tínhamos até uma sala de informática completa com computadores e eu não tinha computador pessoal e foi dificultando, mas, com o tempo adaptamos.*

*ALBERTINA: Muito bem adaptaram-se ao primeiro ano foram seguindo os anos seguintes.....*

*CASIMIRO: O ritmo do primeiro ano determinou o progresso para os outros anos. No primeiro ano fui a recurso à informática não é por não saber, mas por falhar alguns passos que o professor tinha orientado e eu como tinha já umas noções anteriores eu não seguia mais os passos dele ele orientava e eu já sabia não mesmo sem esses passos eu vou saber inserir os dados, vou saber digitar e ele quando avaliava segundo o que ele ensinou, dizia você está a acertar, mas não é isso que eu ensinei, então me mete no recurso. Ele disse que eu estou a orientar, você sabe, mas eu estou a orientar então e eu tive que aprender de novo todos os passos os apanhados que ele orientou e na prova de recurso fiz conforme ele orientou e sai bem. Essa foi uma única dificuldade e no segundo ano não houve dificuldade foi simplesmente excesso de leitura porque já tínhamos aquele ânimo de lermos se acostumamos com a cultura universitária pela primeira vez. No segundo ano foi mais fácil encontramos a didática que consolidou e essa facilidade melhorava automaticamente o nosso desempenho profissional. Você aprende do modelo de um docente leva na turma está melhorando aí, quer dizer em cada aula que lecionava havia sempre mudanças e eu comecei a gostar do trabalho, até de todas as cadeiras segundo ano não houve dificuldades.*

*ALBERTINA: quais eram as estratégias que o Bamóquina usava, pessoalmente ou em grupo, para dar resposta as exigências do ensino superior?*

*CASIMIRO: Na verdade a nossa promoção, a nossa turma começamos do primeiro ano até o quarto ano eles não param de me agradecer. A cada momento ligam querem dar saldo as vezes eu nego porque houve muito trabalho logo no primeiro ano, quer dizer que eu formava os grupos na turma, formava os grupos quando eu encontrava um livro ou um texto vou fazer o resumo vou fornecer a todos os colegas e a gente estava sempre lá a trabalhar em grupo. Mesmo assim, eu fui quase o supervisor eu ia de casa a casa as vezes há colegas que desistiam, mas eu puxava com a ajuda do pastor Malonda que é o nosso delegado, também meu pai espiritual ele sempre me incentivava. Nós íamos com ele casa a casa, colega aqui qual é o problema superávamos e cada vez que eu explicava aos grupos os tópicos eu quase consolidava mais, eu já não estudava meu trabalho só era já mesmo de ser monitor. Quando nos apegamos todos principalmente quando havia recurso, colega foi a recurso todos os que tinham recurso naquela disciplina vamos nos encontrar enquanto é cedo para superar, trabalhar e ler e eu conseguia as vezes ter intuição nas disciplinas e dizia colega essa parte não lê, leia essa parte e eles vão na prova e é mesmo aquilo, quer dizer é uma parte que eu as vezes não consigo entender.*

*ALBERTINA: como é que se explica, como é que você consegue dar uma explicação para esse interesse em impulsionar tanto a você mesmo como para os outros, o que é que está por trás dessa tua força de vontade para com os estudos? Nós sabemos que você que no ensino superior todo o mundo vem para aumentar o nível, aumentar os conhecimentos, mas nós verificamos em sala por isso é que estou agora a te entrevistar que um ou outro se diferencia. Então como é que você consegue me passar me explicar essa tua, esse teu interesse pelos estudos, ao puxar os outros para o grupo de estudo, o que é que está por detrás disso exatamente?*

*CASIMIRO: Bem eu acho que é a base o tio que me orientou é que obrigava, quer dizer nos ocupava nós vivíamos com agenda e aquilo foi se acostumando já ficou uma natureza, um hábito e eu até hoje sem ler uma página de um livro não posso dormir, quer dizer aquilo ficou já condicionalmente nos meus comportamentos eu devo ler e quando eu fazia os grupos de estudo eu determinava você é que vai explicar hoje e o irmão vai explicar amanhã é meu dia. mesmo assim na palavra de Deus e aquilo cresceu já conosco esses hábitos .quando fui para a ADPP era o mesmo ali têm outros tipos de métodos, departamentos mesmo modernos os professores mesmo vêm e orientam, você lá partilha e ele só vem no dia de prova quer dizer o estudante é livre mas aquilo era uma oficina pedagógica e*

nós quase crescemos com aqueles hábitos e quando chegamos no ISCED encontramos um grupo de colegas preguiçosos e outros atentos, outro grupo de colegas não são professores mas querem se formar então eles tinham muita preguiça e com a confiança que depositaram em mim com a motivação que eu tinha além da base também em querer terminar os meus objetivos porque eu quando começo uma atividade eu não gosto de falhar eu tenho que chegar ao fim para saber o que eu é que já sei, o que é que já se adquiriu com essa atividade. Então quando eu entrei no ISCED eu já lhes dizia que quatro anos eu devo ser já licenciado, tracei o meu objetivo para não decepcionar o meu pai que queria tanto ver um filho também formado, todos são técnicos médios, ele queria pelo menos um ou dois atingir esse nível de licenciatura ou ensino superior. Então eu tracei já esse objetivo, defini um voto a mim mesmo, eu disse não daqui a quatro anos tem que haver solução, devo terminar já prever os passos. E quando entramos então com aquela motivação que eu tinha e os colegas aqueles que perceberam não queriam também ficar de trás nós servimos de modelos para eles se inspirarem. E outro lado também o que mais nos puxava são os comportamentos dos nossos docentes que nós temos no ISCED, eles empurravam responsabilidade eu posso referenciar o professor Miguel Boa, que ele dá um tópico e orienta o jovem faz isso e nós estávamos a fazer ele ficava a coordenar então aquela confiança toda já não podia ser afastado de um dia para noite, então ficou já aquela motivação e que marcou passo até hoje.

ALBERTINA: Bem Bamóquina muito obrigada pela atenção, eu acho que eu tenho os dados que eu preciso, e queria saber se poderá estar disponível.....se se notar que uma das informações dadas precisa ser mais aprofundada, gostaria de saber se poderíamos voltar a contactá-lo.

CASIMIRO: A Dra. Pode contar comigo, não é facto de ser minha professora, mas sim porque estamos no campo da ciência eu estarei sempre disponível porque o conhecimento deve ser partilhado e quando se está a fazer algo bonito que poderá servir de inspiração para outros, estou disponível sim.

### **Entrevista realizada com a estudante: FILOMENA.**

ALBERTINA: Filomena muito bom dia.

FILOMENA: Bom dia

ALBERTINA: A nossa entrevista é mais uma conversa que eu quero ter com os estudantes. Como sabe e estou trabalhando com a relação com o saber e este meu tema, surge a partir das observações que eu fiz em sala de aula, enquanto vossa professora e foi aprofundado pelos contatos com os professores, as orientações que eu tive foi que obtive o tema desta maneira. Então o que eu quero dos meus entrevistados é compreender, entender a partir da explanação da vossa vida né, assim vamos fazer uma conversa sobre a vossa trajetória de vida a vossa trajetória infantil, estudantil, relação que a família tem sobre a vossa formação, tudo o que poder me falar sobre a tua vida que tem relação com a tua formação é o que nós vamos aqui abordar. Então vai ser uma entrevista não estruturada, onde a partir dos depoimentos que você me fizer poderão surgir outras e outras questões. Então na primeira, numa primeira fase gostaria que a Natália se apresentasse, nome idade, estado civil, profissão se trabalha ou não, numa primeira fase era isso que eu queria que a Natália me dissesse.

FILOMENA: obrigada. Chamo-me Natália Domingos Mabuba Yoba, moro no bairro primeiro de maio, estudante do quarto ano do ISCED- Cabinda, curso de pedagogia. É o primeiro ano que que trabalhei como professora no colégio Audi.

ALBERTINA: É emantizada, casada...?

FILOMENA: Vinte e quatro anos de idade, mãe de um filho, sou emantizada (viver maritalmente).

ALBERTINA: ah vive com o marido, não é?

FILOMENA: Sim, sim.

ALBERTINA: É única filha?

FILOMENA: Não, os meus pais têm nove filhos e dentro desses nove sou a quinta. A relação com os pais graças a Deus é positiva os pais são pastores e vivem no bairro Amílcar Cabral. Toda a infância passei com os pais, retirei-me deles quando fui emantizar.

ALBERTINA: *Há quanto tempo é casada?*

FILOMENA: *Há dois anos.*

ALBERTINA: *Portanto está há dois anos fora da casa dos pais*

FILOMENA: *Sim.*

ALBERTINA: *Com o seu esposo, muito bem. Qual é a trajetória que teve assim, fala um pouquinho da tua trajetória familiar. Sempre cresceu com os pais, como é a relação com a família, como é a relação com os pais. Um pouquinho sobre a tua vida familiar antes de tudo.*

FILOMENA: *Sim. A trajetória familiar graças a Deus até agora tem sido positiva porque, desde a infância até agora a relação foi sempre com a igreja, desde pequena comecei a cantar no grupo coral e a relação com os irmãos e irmãs graças a Deus é positiva. Na altura que vivia como os pais ele sempre teve um espaço para passar uma mensagem bíblica aos filhos e indicasse alguém para orar, aquilo foi muito positivo.*

ALBERTINA: *E com os irmãos, também...*

FILOMENA: *É a mesma coisa estávamos sempre reunidos ....*

ALBERTINA: *A relação sempre foi muito boa.*

FILOMENA: *Graças a Deus.*

ALBERTINA: *Na parte familiar como é a situação dos estudos?*

FILOMENA: *Na parte familiar o pai sempre apoiou, tanto faz na parte financeira como, financeira ou económica, social sempre deu apoio.*

ALBERTINA: *O pai sempre foi pastor?*

FILOMENA: *Sim*

ALBERTINA: *A mãe também?*

FILOMENA: *Sim. Já estão nesta carreira há dez anos.*

ALBERTINA: *Como é que eles incentivavam para os estudos? O que é que eles diziam aos filhos, a Natália particularmente relativamente a formação, a escola.*

FILOMENA: *Graças a Deus, o incentivo foi sempre positivo. Que tinha de continuar a estudar, e sempre que precisasse algo se não estivesse ao alcance, ele fazia de tudo, ele te mandava aguardar enquanto ele não estivesse ao alcance as vezes eu mesma ia nos tios mais próximo, para ajudar porque nem sempre ele se disponibilizava em dar-me os valores monetários que precisasse para satisfazer algumas necessidades escolares.*

ALBERTINA: *E os irmãos todos têm o mesmo nível ou como é que é isso, em termos de formação?*

FILOMENA: *Em termos de formação até agora ainda tenho irmãos menores, a caçulinha ainda está com oito anos, o mais velho vive em Luanda também está na faculdade, os que estão adiante de mim todos terminaram o médio, a outra está no curso de pedagogia pós laborais a mais velha também terminou o médio, mas está sempre a tentar na faculdade, está sempre a tentar mas até agora ainda não conseguiu mas não para de insistir.*

ALBERTINA: *O que é que os pais dizem relativamente a formação? Como é que eles justificavam o porquê é que vocês têm de estudar uma vez que na nossa realidade as meninas tendem a casar-se, não é? Porque é que incentivavam aos estudos a você, as tuas irmãs. Como é que eles justificavam para vocês continuarem a estudar o que é que eles diziam?*

FILOMENA: *Sim que temos que estudar para vivermos bem na sociedade, se nós não estudarmos é complicado. A sociedade precisa e não somente a sociedade a família os pais em si precisam de nós, uma vez que eles estão indo na velhice então os filhos...e nós angolanos então, os filhos aguentam a velhice dos pais sustentar os pais, mas não somente a eles nós também não podemos confiar somente nos maridos porque nesta vida nem todos têm a sorte de ter marido e mesmo com o marido o teu pão sempre é importante para equilibrar as situações de casa.*

ALBERTINA: *e quando era pequenina assim em casa qual era as perspectivas que você pessoalmente tinha, o que é que você pensava, como você justificava que você tinha que estudar? Como é que você explica aquela tua vontade de estudar na altura?*

*FILOMENA: Quando era pequena, desde pequena quis sempre ser professora. Eu me esforçava fiz muito para ser professora. Fui lutando, fui lutando e depois quando entrei no ensino médio batalhei tanto, mas foi impossível não consegui entrar no IMNE então como não queria ficar sem estudar tive que ir ao PUNIV não foi de livre vontade porque, o meu sonho sempre era de ser professora, desde pequena.*

*ALBERTINA: E de onde é que surgiu este sonho, ser professora. Quais são as motivações?*

*FILOMENA: Tem uma professora que eu tanto gostava desde pequena o jeito dela de dar aula, era muito atenciosa e a partir daí criou-me essa paixão e, eu pensava em ser como ela, também estar aí a frente a explicar os outros, a dar a .... Sim essa motivação partiu mesmo desde pequena.*

*ALBERTINA: Mas como não foi possível entrar no IMNE...*

*FILOMENA: Lutei muito eu chorei. Fiquei triste, abatida, mas foi impossível. Fiz muito para estudar no IMNE porque eu sabia que depois de estudar no IMNE eu aí poderia concretizar o meu sonho de ser professora, porque na altura eu ainda não pensava muito em ir para a faculdade por exemplo no ISCED, eu queria mesmo vincular na minha área, é o que eu sempre sonhei.*

*ALBERTINA: e porque é que na altura não pensava em ir para a faculdade?*

*FILOMENA: Talvez tinha ainda pouca visão. Não tinha sonhado ainda tão alto.*

*ALBERTINA: Via aquilo como ponto muito alto para você.*

*FILOMENA: Sim, contando também com as possibilidades eu via que talvez aí eu não iria aguentar então de preferência lutar ainda para o ensino médio as possibilidades também estavam em volta. Não pensava ainda porque segundo o que as pessoas dizem que a faculdade é uma coisa muito difícil, exige muitos gastos e controlando a minha situação económica não sonhava ainda tanto chegar aí por causa dos meios financeiros, principalmente.*

*ALBERTINA: E como é que está hoje a tua vida. É casada como é que está a tua relação com o marido? Qual é a relação que tem a tua vida social, meio social com a tua formação? Vamos só recuar deixa te fazer entender. O meio social, escola igreja, onde vivia como é que influenciou para que você tivesse essa vontade de estudar? Teve alguma influência ou não, os amigos, os irmãos da igreja para você estudar e a ter vontade de continuar a estudar?*

*FILOMENA: Graças a Deus quando foi concorrer para o ensino superior na altura era namorado, o meu atual esposo incentivou-me muito. Mesmo a tratar documentos para ir concorrer não posso mentir graças a ele, se dependesse de mim eu estava sempre naquela coisa que não vou conseguir, não tenho possibilidades, mas ele deu-me muito incentivo estava sempre de par e passo comigo ajudando-me a tratar documentos para ir concorrer e graças a Deus fui deixar os documentos e consegui. Então é um esposo muito atencioso está sempre de par e passo comigo a encorajar-me para que eu estudo. E mesmo assim vivendo nos quintais dos sogros é uma sogra também boas graças a Deus é uma sogra muito atenciosa, disponibiliza ela, dispensa os seus trabalhos só para ficar com o meu filho para eu ter como ir à escola. Graças a Deus desde que tive o bebé, não tive motivos eu ainda não tive de deixar de ir à escola por não ter onde deixar a criança, nunca encontrei esses motivos. Ela disponibilizou-se, ela praticamente passa mais tempo com a criança em relação a mim.*

*ALBERTINA: para ver se você continua a estudar...*

*FILOMENA: Sim, porque o sonho dela é mesmo de me ver a terminar porque eu qual era a trajetória principalmente do ano passado e deste ano, eu saía 5 horas de casa tinha que ir ao ISCED e depois daí eu tinha que ir direto para o colégio só chegava em casa 18 ou 19 horas, era difícil para mim.*

*ALBERTINA: quanto tempo trabalhou no colégio?*

*FILOMENA: É um (1) ano, este ano.*

*ALBERTINA: ah começou a trabalhar este ano apenas, quando entrou no ISCED ainda não trabalhava?*

*FILOMENA: Ainda não trabalhava não tinha bebé.*

*ALBERTINA: Era só dedicação exclusiva para os estudos?*

*FILOMENA: Sim.*

ALBERTINA: *E quem apoiava a tua formação na altura? Como é que era? Qual era a tua ...*

FILOMENA: *Aí como já estava grande ia lutando. Ia fazendo um bocado de negócio ia em Ponta Negra as vezes em Luanda buscar algumas coisas, embora que já estava grande o pai uma vez a outra também apoiava mesmo o namorado sempre que tivesse apoiava e assim fui conseguindo sustentar os meus estudos até praticamente neste preciso momento.*

ALBERTINA: *Na nossa sociedade a situação da mulher é um pouquinho desfavorecida. Nós temos a consciência de que mulher é para casar e ter filhos... como é que se vê como mulher estando a frequentar este nível?*

FILOMENA: *Muito positivo devemos mudar essa mentalidade de que a mulher depois de casar já não pode fazer nada não pode trabalhar, isso é naqueles tempos, nos tempos remotos não tinha muita visão. Agora a mulher deve ir à luta, a mulher luta pelos seus filhos e tanto o esposo. Não podemos mais aceitar nos ultrapassar, não podemos aceitar nos inculcar aquela cultura de que o nosso trabalho era somente os trabalhos domésticos, ir a lavara etc. hoje em dia a mulher é capaz de qualquer coisa. Tudo os que os homens fazem as mulheres também estão em condições de fazer, então temos de ir à luta mesmo o Senhor disse com o seu suor é que viveremos, então se nós não irmos à luta como é que viveremos, é difícil.*

ALBERTINA: *O que é que te fez mudar de pensamento relativamente a ... tipo nós antes achávamos que os nossos maridos podiam sustentar-nos, mas hoje já estamos com aquele pensamento que nós mulheres podemos ir à luta. o que é que te fez mudar de pensamento que aspecto da tua vida pessoal estão ligados a essa tua mudança de pensamento como mulher, para atingir outros níveis, dar sustento para a família, que elementos estão na base dessa tua mudança de pensamento, pois nós sabemos que existe muitas mulheres que ainda têm o pensamento de que o Mário vai à luta e nos sustenta, não é. então que elementos são esses que te fizeram mudar de pensamento, ir à luta, querer fazer a Universidade o que é que te motivou a querer ser diferente como mulher?*

FILOMENA: *A sociedade é dinâmica, sabendo que é dinâmica nós os homens devemos acompanhar esse movimento. Se não acompanharmos paramos ficando praticamente ultrapassada. Depois de terminar o ensino médio aí comecei a sonhar com a faculdade. Na altura que estava no ensino básico praticamente não estava a ter esta visão, mas depois de entra no ensino médio eu já estava a pensar mais alto que tinha de ir a faculdade e com o incentivo de pessoas que me rodeiam consegui chegar até ao nível estou a até agora, tudo por graças do Nosso Senhor. Agora as mulheres devem ir à luta isto porquê para minimizar os problemas e os conflitos em casa e na sociedade, esperar somente do marido ou do irmão é muito complicado, você com o seu próprio pão já consegue minimizar os problemas ao seu redor, praticamente quando a pessoa é dependente sofre muito, mesmo estando na casa do marido por mais que o marido ter muito dinheiro sempre não estará disponível em qualquer hora e qualquer momento em satisfazer as suas necessidades. Cada um de nós tem as suas necessidades, os maridos têm as suas, a esposa também tem as suas. A tendência é de satisfazer as necessidades. Estamos numa sociedade e a sociedade é dinâmica hoje temos isso e amanhã já não quer e é preciso trocar e então é assim, não ir à luta é complicado mesmo sem trabalhar não podemos ficar a parar temos pequenos empreendimentos, inventa uma bancada qualquer, uma coisinha qualquer só para não faltar um dez Kwanza no bolso porque senão é muito complicado.*

ALBERTINA: *Falou-me que tinha o sonho de ser professora, pequenina, mas não pode fazer o IMNE fez PUNIV e daí poderia ter optado por outro curso qualquer economia, direito... por que optou por ISCED?*

FILOMENA: *Optei pelo ISCED porque esse curso é que iria fazer-me concretizar o meu sonho uma vez que era a metade da formação de professores*

ALBERTINA: *Não desistiu do sonho de ser professora?*

FILOMENA: *Não, não. Não desisti, sem consegui eu não desisti. A princípio no IMNE não consegui porquê, fomos deixar os documentos, mas mesmo assim os nomes não foram, segundo as informações é que os nomes passaram para a industrial porque eles já não tinham vagas, nem o teste nos deixaram fazer, pelo menos lutássemos no teste. Saímos daí fui para a industrial eles também como haviam candidatado, outras pessoas outros processos disseram que não nós aqui já temos muitos processos não temos a necessidade de recrutar os processos que estão noutras escolas, então fiquei nesta encrenca e mais tarde o nome saiu para o PUNIV. como tratava-se de uma tentativa tínhamos de deixar os documentos praticamente em todas as instituições só pra não*



ficar sem estudar e vi que já estava perder no IMNE já não havia oportunidade, já não havia chance para mim e na industrial estava a vacilar disseram que não talvez se houver vaga nós poderíamos vos chamar e no PUNIV as matrículas já estavam a ser encerradas porque eles foram os primeiros a publicar as listas e nesta situação toda não podia continuar a ficar assim, imagine que eu perdesse no PUNIV e na industrial o nome não saísse e eu ficaria em casa sem estudar. Então nessa esperança pego os processos vou fazer a matrícula no PUNIV já não foi controlar se o nome saiu na industrial eu já havia me matriculado no PUNIV. Mesmo assim fui frequentando o curso em dois mil e dez consigo terminar o ensino médio. Logo que termino, com o namorado o incentivo que ele foi me dando fui logo concorrer no ISCED e graças a Deus, Deus me abriu as portas no mesmo ano, que eu fui concorrer eu consigo, exatamente no curso que eu queria que foi pedagogia, então pelo menos até agora me sinto realizada. Realizada como tal não porque ainda tenho metas a atingir mais pelo menos até agora, já que sinto que consegui concretizar o meu sonho de professor. O ano passado ou este ano dei aulas, isso é sempre o que eu quis, estar numa turma em frente aos alunos a dar aulas. É um curso mesmo que eu fiz com amor e carinho tive que prestar muita atenção neste curso e graças a Deus sai com êxitos. Só me resta um exame mais do que fiz durante o ano letivo até agora não terei dificuldades naquele exame.

**ALBERTINA:** Para além de querer ser professora tem algum outro elemento que te motivou a entrar no ensino superior para além do sonho de ser professora? Tem algum outro aspecto que está na base da tua motivação de entrar no ensino superior?

**FILOMENA:** Para além de ser professora o nível académico também estava à frente disso era necessário elevar o nível académico. Porque antigamente o ensino médio tinha muito peso e hoje em dia praticamente está a se notar uma debilidade, debilidade como tal não, mas o ensino médio está perdendo o seu peso praticamente está se levar mais a avante a universidade, as faculdades. Então era necessário ir acompanhar. Mesmo depois de terminar a licenciatura, não sonho parar por aí logo que as outras portas se abrirem tenho de continuar a seguir.

**ALBERTINA:** para não se sentir desatualizada...

**FILOMENA:** Sim para não se sentir ultrapassada, desatualizada, essas situações todas.

**ALBERTINA:** ok. Agora vamos falar um pouquinho do facto de você ser mulher e está no grosso dos elementos que eu achei que se diferenciavam. Se dermos conta você foi uma das meninas que eu achei com destaque na sala de aula. As outras também não vou dizer que não têm algum destaque, algum interesse, mas a que eu notei esse... o que é que está na base desse teu interesse como mulher. Eu quero que você fale mais como mulher, não como uma estudante qualquer, mas como mulher, porque a nossa sociedade é um pouquinho ainda... tem a mente um pouquinho fechada para a mulher. Como mulher como é que você se sente estando no meio dos estudantes que se destacam em sala?

**FILOMENA:** Como mulher senti-me bem graças a Deus. Em tudo devemos dar graças a Deus. Senti-me bem à vontade e tudo parte da força de vontade. Tanto aqueles que se destacaram, mas, não na totalidade faltou-lhes a força de vontade, o empenho. São capazes de tudo eu consegui perceber isso. Eu sempre tive aquela coisa de dizer dentro de mim sempre que eu visse outras pessoas a fazer eu dizia, não se tal fulano conseguiu eu também posso conseguir e com a força de vontade graças a Deus quando eu planejo algo quase sempre consigo. Mesmo na turma foi assim eu dizia não, mas se tem pessoas que já terminaram as pessoas depois dizem é muito difícil, é muito difícil, mas eu parava e dizia assim, não, se tal fulano conseguiu terminar eu também vou conseguir terminar e me esforçava, redobrava os meus esforços fazia tudo que estivesse ao alcance para conseguir vencer todas as dificuldades e com a força de vontade, tudo parte pela força de vontade.

**ALBERTINA:** Fale um pouquinho mais sobre esse tudo que estivesse ao seu alcance para você fazer. O que é isso tudo para você fazer? Quais são as estratégias que você usava para se superar, para superar as disciplinas, para superar as dificuldades pessoalmente ou com os colegas. Que estratégias, que tipo de técnicas é que você usava para poder superar as dificuldades que encontrou no ensino superior?

**FILOMENA:** Para superar as dificuldades, tudo partiu da força de vontade era necessário disponibilizar tempo, tudo tem seu tempo, mas nós achamos que essa situação é mais importante devemos disponibilizar mais tempo. Porque é que nós estávamos sempre a estudar em grupos, além do grupo geral havia outros subgrupos nas turmas e além daquele subgrupo tinha um outro pequeno grupo de duas pessoas. Eu e uma outra colega a tia Ana, por causa de situações de visibilidade não consegui estar no quarto ano e ficou no terceiro ano, mas, era muito corajosa ficava sempre comigo

*nós perdíamos noites ficávamos a elaborar fichas de estudo, íamos fazendo resumos confrontando, fazendo apanhados na turma e confrontar com o material e não somente com o material navegávamos íamos a biblioteca fazer leituras de alguns livros aquilo nos ajudou bastante. grupos de estudo porque tem conteúdos as vezes que durante a turma ou no decorrer da aula, não conseguíamos entender mas se formos ao grupo de estudo na medida que os colegas iam explicando esse fala esse vai dando os seus pontos de vista acabávamos por compreender os conteúdos foi muito positivo, principalmente trabalhar em sintonia com o grupo de estudo, troca de experiência foi muito, muito positivo, conseguimos vencer praticamente por causa da união foi uma turma muito unida desde o primeiro ano, uma turma dinâmica muito unida, estávamos sempre em sintonia aquilo nos ajudou a vencer.*

**ALBERTINA:** *é jovem, você tem vinte e quatro anos agora, não é?*

**FILOMENA:** *Sim.*

**ALBERTINA:** *E jovem tem muitas necessidades, muitas outras questões de vida por ver. o que é que você principalmente deixava de fazer para dedicar-se aos estudos? Que coisas você abdicou, que coisas você deixou de lado para se dedicar aos estudos?*

**FILOMENA:** *Graças a Deus na qualidade de ser jovem não sou uma jovem muito dedicada ao ambiente. Não gosto muito de ambientes de festa, ambientes de .....praticamente de estar em grupo com amigas aquelas amizades do bairro apesar de ser importantes, mas não cresci com esta cultura. A minha vida foi sempre igreja-casa, igreja -casa então praticamente para me dedicar muito a.... pra me vincular muito e fazer vencer os meus estudos a única coisa que eu praticamente, parar na totalidade não senti-me um pouco débil é a participação que eu tive na igreja porque eu estava sempre na igreja mas, por causa do tempo eu já não estava par e passo mas eu ia uma vez a outra na igreja. Durante a infância essa coisa de ir para festas, nas amizades, ah não fui muito disso. Por isso não tive muitas dificuldades, não estava muito vinculada ao ambiente, tive uma juventude e infância muito diferente.*

**ALBERTINA:** *me fala um pouquinho do que é que te mobiliza. Nós sabemos que é uma turma grande e muitos podemos passar, podemos ter as nossas notas e passar mesmo sem ter esse empenho, não é? É uma turma grande uns se destacam outros não, mas todos nós acabamos por passar. Então o que é que te motiva, qual é a motivação que está por detrás da tua aplicação para a escola? Quais são os elementos ou os aspectos que te levam a se dedicar com as disciplinas, com os trabalhos de casa, os trabalhos de grupo, porquê? Tem alguma coisa pessoal, psicológica porque é que você se mobiliza tanto para com os estudos?*

**FILOMENA:** *Gosto de estudar, gosto muito de estudar. Tudo parte do empenho, não sei se consegui entender bem a questão, está na base da mobilização. os conteúdos que nós recebemos são conteúdos muito positivo se se nós fazermos brincadeira nós não vamos conseguir vincular na prática vincular na prática tudo quanto já aprendemos aí, devemos levar a sério é um conteúdo, o currículo é positivo é um currículo praticamente enquadrado porque se nós fazermos brincadeira se nós levarmos as coisas em brincadeira não vamos conseguir coadunar com as exigências que a sociedade espera de nós, por isso é que devemos prestar muita atenção devemos estar sempre .a consolidar os conteúdos para irmos aplicar no momento certo, na hora da atuação. Se fazermos brincadeira levarmos as coisas a brincar, muitos estão aí só à espera da nota para transitar, mas não é somente nota. Devemos ter o domínio, devemos beber algo positivo algo bom, que nos ajuda a minimiza é difícil acabar, mas a minimizar as dificuldades que vamos encontrar nas nossas turmas ou com as turmas que vão trabalhar conosco.*

**ALBERTINA:** *Fale-me um pouquinho de como é que está a ser a tua, como é que você consegue combinar o facto de ser casada, o facto de ser mulher com a formação. Como é que você consegue combinar isso?*

**FILOMENA:** *Realmente é muito difícil é muito difícil porque na altura que eu vivia na casa dos pais era mais fácil não tinha muita sobrecarga, mas depois de ir emantizar eu já tinha filho, já tinha marido tinha que estudar e eu já tinha emprego foi exatamente neste ano que eu consegui emprego no colégio, foi muito, muito difícil, mas sempre consegui coadunar as coisas. Antes de sair em casa sei que vou sair as cinco, quatro horas três e tal eu tinha que descer da cama preparar qualquer coisa, tinha que deixar mata-bicho (pequeno almoço) para a criança se bem que ficará com a mãe mas o primeiro biberon eu tenho que deixar, deixar arrumada algumas coisinhas para a casa não ficar assim dispersa porque fica mal deixar a o facto de estudar então a casa fica dispersa, não dá não iria dar certo. Então fazia de tudo sempre arrumava a casa antes de sair arrumava, sempre que pudesse eu*

*fazia não deixava todos os dias mas o marido era compreensível ou seja compreensível ele dizia não se preocupa comigo, mesmo que eu não estou ele entra na cozinha pega o que tiver prepara qualquer coisa e lhe aguenta o dia quando eu chegar as de vez em quando fazia o jantar mas, realmente foi difícil contudo é necessário força de vontade e empenho, quando nós precisamos de algo, nós devemos traçar estratégias para atingir os nossos objetivos. São objetivos que eu quero que eu queria atingir eu tinha de fazer de tudo para atingir esses objetivos.*

*ALBERTINA: Natália muito obrigada, é natural de cabinda mesmo?*

*FILOMENA: Sim.*

*ALBERTINA: Sempre cresceu aqui na cidade de Cabinda?*

*FILOMENA: Sim.*

*ALBERTINA: Muito obrigada pela entrevista desculpe o transtorno eu e minha orientadora estamos agradecendo a vossa atenção.....*

### **Entrevista realizada com o estudante: JOÃO.**

*ALBERTINA: Muito bom dia Wilson.*

*JOÃO: bom dia sim.*

*ALBERTINA: obrigada pela presença, por me ceder a entrevista, como eu disse a nossa entrevista vai ser com base a minha pesquisa que estou a desenvolver no momento e a princípio queria que fizesses uma apresentação breve de si, quem é o Wilson, profissão idade, estado civil para depois partimos para nas questões mais profundas do nosso tema.*

*Wilson Eu sou o Manuel Matias Wilson, natural de Cabinda município de Lândana, estou agora com 40 anos e a concluir, portanto a licenciatura em pedagogia, opção gestão e inspeção escolar. Portanto eu estou de livre e espontânea vontade para ceder a esta entrevista de formas a facilitar o trabalho e atividade da minha querida professora.*

*ALBERTINA: O Wilson é casado, separado é solteiro como é que é?*

*JOÃO: Bem eu sou solteiro.*

*ALBERTINA: Tem filhos?*

*JOÃO: sim dois filhos.*

*ALBERTINA: Vive com eles, ou...?*

*JOÃO: Sim vivo com um e o outro vive com a minha mãe?*

*ALBERTINA: Então solteiro, não vive com a mulher?*

*JOÃO: não, não vivo com mulher. Já estava a viver com mulher, mas como existiram algumas situações que não adianta estar aqui a mencionar então ela está neste preciso momento separada, mas brevemente já estaremos a viver juntos.*

*ALBERTINA: Está bem Wilson e profissão, o que é que faz?*

*JOÃO: eu sou professor de carreira, fiz o ensino médio em cuba terminei o ensino médio em 94, na ilha da juventude e depois voltei para Angola. Em Angola comecei a trabalhar certamente nesta escola onde estamos a fazer a entrevista, isto foi em 1996 não é, eu comecei a lecionar a disciplina de matemática, isto porque na formação fiz o magistério ensino primário. Portanto depois de sair desta escola tive um percurso muito, muito grande nesta área de educação. Eu sai daqui da escola Ho-Chi-Mim que atualmente é a nossa universidade.*

*ALBERTINA: E dava que nível naquela altura?*

*JOÃO: eu dava 2º nível disciplina de matemática e depois fomos para a Barão Puna inauguramos está escola em 96/97 e ali fiquei até 2001. Em 2001 fui enviado para o município do interior que é no Cacongo lá trabalhei 5 anos e depois retomei ao município sede que é a cidade fui para a escola do*

Chiweca como professor de matemática sempre e depois da escola do Chiweca voltei para barão puna onde estou neste preciso momento a dar aulas de educação laboral.

ALBERTINA: Está a dar aulas a quanto tempo?

JOÃO: Eu já dou aulas a 16 anos

ALBERTINA: há 16 anos. Deu aulas sempre no mesmo nível ou níveis alternados?

JOÃO: níveis alternados.

ALBERTINA: fale um pouquinho mais de si. Família constituição da família, é primeiro filho quantos irmão tens pai e mãe...

JOÃO: É assim nós temos uma forma de viver cá em África um bocado contraditório né mas vamos tentar minimamente especificar o meu caso para ver se podemos, portanto, ter mais condimentos na nossa entrevista. Portanto é assim meu pai, teve apenas um filho com a minha mãe que sou eu depois separaram-se pelo mau comportamento do meu pai, não foi transparente não quero deixar dúvidas pelo mau comportamento do meu pai, separou-se com a minha mãe e de parte materna eu tenho quatro irmãos. Dos três estão fora curso lá fora, dois estão a fazer os cursos superiores na Inglaterra, certamente na Oxford e tenho cá em Cabinda por parte paterna somos doze e dos irmãos tem um que já é licenciado, um trabalha no tribunal é juiz no tribunal provincial de cá de Cabinda, o outro licenciou-se também em gestão e tem os outros que ainda não defenderam e que são menores também estão a frequentar a universidade.

ALBERTINA: a maior parte dos irmãos estão nesta senda do ensino superior, nesse caso é caso de.....

JOÃO: Todos agora já estão na senda do ensino superior.

ALBERTINA: ah que bom. E o pai e a mãe, qual é a formação?

JOÃO: O pai é professor também a mãe é professora também.

ALBERTINA: oh, é filho de pais professores.

JOÃO: sim, sim.

ALBERTINA: Não tem como, tem que ter alguém que segue a veia dos pais. E os níveis dos pais? Ou o pai é...

JOÃO: bem o pai é só fez o como é que se chama o 4º ano, agora a mãe também já é licenciada em pedagogia, e por sinal diretora de uma escola em Luanda.

ALBERTINA: Que bom mãe licenciada e pai que foi até sexto nível né?

JOÃO. Sexto ano ou eu agora não sei como fazer uma equivalência. Mas acredito que era um nível aceitável naquela altura.

ALBERTINA: dava acesso a sala de aula. Muito bem muito obrigada. Podia falar um pouquinho mais da sua trajetória escolar. Já abordou um pouquinho, mas eu queria que aprofundasse mais um pouco. Como é que foi a sua trajetória estudantil, desde a primária até surgir o ensino médio depois para passar para o ensino superior, conta-me um pouquinho mais desta tua trajetória.

JOÃO: é um percurso muito longo. Eu fiz o ensino primário na comuna de Malemo onde eu vivi com os meus avós queridos, já falecidos infelizmente e depois dos meus avós terem falecido eu fui à Lândana onde fui fazer a 5ª. No entanto, na altura adoptou-se uma política isto foi em 87 que os melhores estudantes de cada escola beneficiava de uma bolsa, então foi de formas que beneficiei está bolsa para cuba e praticamente fui concluir o ensino primário com a transição para o ensino secundário em cuba na ilha da juventude e lá fiquei fiz a 6ª, fiz 7ª, 8ª a 9ª, numa mesma escola que é designada escola nº 47 Hermenegildo Ramiro Baptista e que muitos lá passaram. E depois dali fui para o instituto médio que era chamada de auxiliar pedagógica Carlos Manuel na ilha da juventude onde passaram vários professores que trabalharam conosco, como é o caso do professor Marciano o caso do Decano que é o Dr. Bondoso eles todos passaram por ali o Dr. Luemba, muitos passaram por ali só que estavam a fazer a licenciatura e eu estava na altura a frequentar o ensino médio nós éramos afiliados a essa universidade e depois dali depois de termos terminado o ensino médio eu pensei em frequentar o ensino superior, só que na altura o país estava a viver situações políticas muito complicadas de formas que já havia uma crise nesse país que já não estava ...

ALBERTINA: Neste caso cuba, não é?

JOÃO: Sim, nesse caso cuba, já não estava a facilitar tanto a estadia naquele país, de formas que tive de regressar para Angola já só com o ensino médio e posto aqui quando abriram a universidade em Cabinda, na altura se não me engano foi em 96 ou em 97 com o ISCED eu me incorporei logo na universidade mas como eu estava a trabalhar no Cacongo não é, se não me engano, não estava ainda na barão puna depois é que eu fui para Lândana foi aí quando inauguramos a Barão Puna e depois essa passou a ser universidade então aquela transição do ano 96 para 97 eu depois fui para Lândana e então ali tornou-se contraditório a deslocação de Lândana para vir a universidade e então eu tive que anular a matrícula se não me engano em 96 ou 97 para dar sequência no ano 2009 ou 2010 só assim é que eu retomei a universidade e graças a Deus não tive constrangimentos, não tive complicações tudo foi favorável, graças a Deus até deixa aproveitar agradecer a doutora que comigo trabalhou, é louvável o vosso esforço eu não esperava realmente ter estes resultados satisfatórios a nível do ensino superior e estão de parabéns eu espero que continuem assim e tenham sucessos. Portanto não deixo de agradecer aproveito nesta entrevista para agradecer o esforço que têm feito para nós. A minha formação foi muito boa realmente é de reconhecer que eu tive frutos positivos bons lucros, bons resultados e espero até dar sequência um dia fazer o meu mestrado também é por aí.

ALBERTINA: JOÃO: obrigada. Vamos só recuar um pouquinho, quero entender mais o teu seio familiar.

JOÃO: ok, até acredito que eu fugi um bocado da questão

ALBERTINA: é mais não faz mal podemos recuar um pouquinho.

JOÃO: Vamos tentar adequar um pouco não tem problema nenhum. É assim conforme eu disse no princípio que os pais são separados. Quando se vive nesta situação de pais separados realmente os sacrificados são os filhos, não é, depende muito da nova relação do pai ou da mãe mas de qualquer das formas, o filho é que tem de adaptar-se nessas situações porque não tem como, se vais viver com o pai tens de adaptar a situação de viver com madrasta se vais viver com a mãe tens que adaptar a situação de viver com o padrasto, tudo passa pela consciência do próprio filho independentemente da idade e do convívio que já teve antes, depende eu tenho o meu dia-a-dia é muito complicado. Complicado, porque primeiro eu dou prioridade aos estudos. Neste preciso momento eu estou de férias, portanto não vou falar deste momento, eu vou falar do meu cotidiano como tem sido normalmente, portanto conciliando a minha profissão e os estudos. Bem eu deveria primeiramente dar prioridade ao trabalho não é, mas houve um momento em que eu preferi dar prioridade aos estudos, e eu realmente tive constrangimentos, tive complicações com o meu trabalho e fiz um ano sem trabalhar tive que pedir um ano de repouso só para me dedicar aos estudos porque eu estou disposto a terminar a licenciatura e seguir, portanto, o nível mais além. O meu dia-a-dia é um bocadinho complicado....

ALBERTINA: o que eu quero saber mais deste teu dia a dia, quero ouvir mais sobre as influências. Fala um pouquinho de ti, de onde você teve as influências. Já sei que são todos irmãos com espírito de ensino superior continuar a formação, mais as influências, que influências é que teve da parte do pai, da mãe ou do padrasto para ter essa motivação pelos estudos, teve influência da mãe dos irmãos do meio social, dos amigos como é que é isso? De onde é que você tirava essa força para permanecer nos estudos firme e continuar até no ensino superior.

JOÃO: o incentivo não partiu muito bem da parte do pai, é mais por parte da mãe - a mãe já me dizia que ela já tem a formação superior e também como filho já devia ter é o meu primeiro filho, mas não é muito por aí porque eu nunca vivi com a minha mãe. O maior incentivo foi mesmo de saber que os meus irmãos menores já estavam a fazer o ensino superior e eu ainda tinha o ensino médio, então eu não queria ficar para a traz. O meu irmão o meu primeiro irmão menor de mim já fechou o direito e depois veio outro a fechar a gestão e eu não queria ficar de trás aquilo foi um grande incentivo sem querer eu já estava sem querer ter aquele espírito de... a tendência era de invejar ou de tentar ignorar portanto a única coisa porque o bom homem é aquele que imita boas coisas, não é, o grande desafio para o homem é fazer as boas coisas para se viver na sociedade, e é assim que eu achei por bem também seguir a licenciatura, porque eu estava a ver que os meus irmãos menores já estavam adiantados e eu estava sempre a ficar atrás já estava a ser ultrapassado quando fui o primeiro a me inserir no mercado de trabalho no mercado da formação e então eu achei por bem fazer melhor fazer aquilo que os meus irmãos estavam a fazer e não só a nível do trabalho também no nosso sector, hoje no nosso sector de educação hoje em dia já ninguém quer ser chamado apenas de técnico

médio porque se ontem, quem tivesse a 8ª era considerado depois considerou-se o técnico médio acho que daqui mais alguns anos o técnico médio também vai ficar ultrapassado então eu não quero ser ultrapassado eu quero inovações, não é. Eu fui sensibilizando a mim próprio que o ensino superior faz falta e como já estou a ter ambição agora de dar sequência porque não é suficiente então quem tem quer mais, então é por aí mas o maior incentivo também partiu por parte dos colegas também é por causa disso eu fui vendo os colegas ali eu quero deixar transparecer, não é que eu só falei por falar é assim eu gosto de ser objetivo e transparente. É a questão de salário também, essa parte aqui não deixo de dizer hoje em dia sabe-se que ganha-se mais no nosso ministério quem tem mais nível, não é então se ganha-se mais quem tem mais nível então porque é que eu também não posso ter esse nível para ganhar o que dá para o meu auto sustento e então posso fazer o mesmo porque realmente o salário que tenho agora são setenta e cinco mil Kwanzas e eu posso revelar não tem problema não é suficiente para as minhas atividades e minhas necessidades não é, não consigo satisfazer todas, eu por exemplo tenho agora o rapazito que tenho de pagar sempre o colégio não é, preciso sustentar uma viatura que eu tenho, pagar a renda porque só agora é que eu já entrei em obras, preciso pagar a renda e depois temos outras coisas que são pagamentos de sinal, saldo e estas coisas todas e então o meu salário não é compatível eu tenho que me virar para ver qual é a forma que eu consigo inverter a situação e quando digo me virar estou a falar de garimpo eu vi que havia necessidade de ter uma outra formação que tivesse a ver com a sala de aula que não foge muito a sala de aula mas que seria num outro ramo. É assim que eu vou para Luanda fazer um curso de instrutor auto e assim eu colaboro numa escola de condução onde eu tiro qualquer coisa para ver se adiciono naquilo que eu recebo na educação para tentar inverter o quadro, é por aí.

ALBERTINA: e quanto à questão da profissão, é professor. Como é que foi a tua inserção no mercado de trabalho no campo do professorado? E devido à formação teve a única opção existe algum outro motivo que lhe fez inserir na profissão docente ou qual é a explicação que me dá relativamente a profissão que escolheu e que está a exercer até hoje?

JOÃO: Bem, tudo passou por uma questão de preferência, gosto de e... como é que eu posso até dizer, quer dizer vendo aquilo que os professores fazem eu ganhei um carinho por este trabalho, ganhei uma... Foi uma escolha muito sei lá eu não pensei em outra coisa. Eu sempre pensei em ser professor já desde a oitava classe não é, mas eu não tive esta oportunidade porque a idade não era suficiente para ir... então na minha formação no ensino médio é onde partiu esse incentivo de ser professor. Fui formado no ensino primário aliás no ensino médio fui fazer o ensino primário e logo no primeiro ano tivemos uma prática era designada ou designada prática de familiarização então essa prática de familiarização era uma prática que tínhamos que nos familiarizar com os alunos e a sala de aula, porque era o primeiro ano de formação e aquela prática realmente incentivou-me bastante para ser professor, nunca, nunca desde aquela data pensei em outra profissão, era apenas em ser professor porque estava dentro de mim porque gostei e gosto disso até agora e realmente eu tenho amor a camisola e a esta profissão. Meu incentivo partiu mesmo a partir do primeiro ano desta prática de familiarização que eu convivi com meninos, convivi, conviver até aquele conviver porque nos países de fora tens que conviver com o aluno até desasseis horas. Então eu normalmente passava o dia com os educandos e só ia para a escola de noite. Então, eu ganhei um carinho pelos alunos e vi que a melhor coisa para mim era conviver com os alunos o meu eu não era nada sem os alunos e então acho por bem dar sequência a esta formação e que entrou até no sangue não consigo tirar isso de mim. Então isto está em mim e eu quero continuar sempre assim como professor e eu tenho muita ambição de ser sempre professor, é por aí.

ALBERTINA: JOÃO: vamos passar um pouquinho para outros elementos, vamos entrar mais no ensino superior que é o nosso foco, não é, como é que se deu, fez o ensino médio ou seja dá para perceber se fez o ensino médio na opção de professorado também né?

JOÃO: Sim, Sim.

ALBERTINA: Então dá para perceber mais ou menos ou fazer já uma ligação de que a opção para o ISCED tem a ver com a Formação que teve anteriormente. É só isso ou tem outros elementos que te fez ingressar por o ISCED?

JOÃO: não, realmente só foi mesmo a minha formação no ensino médio a minha profissão que faço, é ligada a esse ramo onde eu fui ... o ensino superior.

ALBERTINA: o certo seria o ISCED para dar continuidade não é, muito bem. E como é que surgiu a necessidade de entrar... já explicou um pouquinho essa necessidade de entrar para a universidade, é dada ao facto de veres os teus irmãos, estava a se sentir ultrapassado.

*ALBERTINA: e essa escolha de gestão e inspeção porquê? Escolheu gestão como podia ter escolhido história, ...*

*JOÃO: a escolha de gestão e inspeção porque já tenho bagagem concernente a este curso de pedagogia, mas eu queria, é curiosidade queria saber mais de.... Mais conteúdos ou queria ter mais bagagem que tem a ver com a pedagogia. Eu gostaria até de terminar gestão e inspeção escolar e frequentar mais uma outra área que tem a ver com pedagogia, mas eu acho que o tempo não é suficiente ... Portanto eu queria é ambição minha, conhecer mais aspectos que tem a ver com a pedagogia é assim então que eu me inclinei por gestão e inspeção escolar porque já tenho noções do ensino primário desde o ensino médio.*

*ALBERTINA: que bom João. É já disse que está vinculada a profissão não é, mas eu gostaria mexer um pouquinho mais contigo e queria que você me dissesse aqui o que você, por exemplo no teu dia a dia, dentro do ensino superior para ultrapassar estes três anos com êxitos por exemplo da forma como eu notei e não só eu como outros professores que eu tive contato com outros professores da turma que passaram no mesmo ano como eu para apurar que os estudantes eles achavam que tinha esse diferenciamento que eu notei na minha sala de aula, na minha disciplina por exemplo. Então eu queria que você me falasse um pouquinho que outros elementos estariam na base dessa vossa diferenciação em turma? Porque fazer o ISCED nós podemos fazer sem grande esforço em termos de estudantes, eu já fui estudante você.... Temos colegas que vão passando de ano em ano mais que de certa forma não se denotam, não têm essa diferenciação entre os colegas bem que eu notei e outros professores também notaram, então que outros elementos estariam na base dessa vossa... No teu caso por exemplo? Que outros interesses, que outros aspectos, que outros elementos estariam no fundo da vossa forma de relação com o saber, da vossa forma de posicionar-se quanto a disciplina, quanto a estar no ISCED, quanto a ser estudante universitário? O que é que está na base dessa vossa relação com o saber, no vosso estar no ensino superior?*

*ALBERTINA: ok, o meu ponto de vista acredito que essa diferença está na base de vários fatores que eu posso até tentar não é descrever. Um dos fatores acho até que são as condições sociais primeiro, segundo é próprio de cada um isso passa pelo interesse de cada um a quem dedica-se mais a quem dedica-se menos, mas também a dedicação depende muito de "n" fatores e a maior parte destes fatores que me refiro, são fatores sociais porque há quem mora distante e que para chegar a escola precisa de dois ou três táxis. Eu tive colegas que vivem no Cacongó, no município de Cacongó e que tinham de sacrificar para vir para aqui mas olha o que Deus fez exitosamente foram brilhantes estudantes, os dois que temos lá na sala, foram brilhantes então só para verem que as condições sociais interferem também mas depende muito da dedicação. Porque esses colegas que me refiro viviam no Cacongó é porque dificultava a deslocação para a escola, para a instituição mais em contrapartida como dedicavam-se eles tiveram bons resultados então tudo isso passa por n fatores que se formos a revelar pode haver até... vamos roubar muito tempo mais é assim acredito que sejam esses as condições financeiras ou sociais e o empenho de cada um, o desempenho de cada um a dedicação de cada um, por exemplo no meu caso eu realmente não deixo dizer que não fui péssimo mas também não fui excelente devo estar por aí entre o bom e muito bom e prá chegar a esta classificação ou a este nível de ser um dos bons estudantes eu digo assim, não sei mas acho que sou mesmo bom porque tive de me dedicar muito eu perdia noites prá ler, era melhor perder noites lendo do que perder noites na cama e depois não ter êxitos naquilo que a pessoa deseja ser. para mim eu queria uma boa formação, uma formação com muita bagagem e então eu não podia só esperar dos orientadores eu tinha que fazer também a minha parte e essa minha parte depende muito de mim porque para trabalhar, para fazer um trabalho excelente tem de ter uma boa formação e para ter uma boa formação depende muito da minha dedicação não posso só depender dos orientadores não é então é assim que eu achei que tinha que me dedicar muito mesmo para não comprometer a minha profissão portanto eu não podia de formas nenhuma deixar de me dedicar porque senão não teria êxitos como tenho agora.*

*ALBERTINA: fala um pouquinho das vossas estratégias, digo da tua nesse caso como estudantes para manter-se atualizado, poder responder as expectativas dos professores ou da maioria dos professores, pode ser que numa ou outra cadeira.... Que estratégias vocês usavam, você usava para se dedicar como estudante? Quais são as técnicas que você usava para ultrapassar e poder responder as diversas situações que os ensino superior lhes impunha?*

*JOÃO: bem eu fazia uma espécie de um cronograma da minha vida diária não é, das horas x às horas x eu vou fazer isso. Das horas x às horas x eu vou fazer aquilo das horas x às horas X vou para o trabalho. E então dentro do meu programa não podia faltar horas de estudos independentes e todos os dias eu tinha que me alimentar de um livro qualquer que seja ou que fosse da minha opção ou que*

tivesse a ver com a minha formação. No entanto eu gosto muito de inovações por isso eu nunca parei de ler, no entanto dentro do meu cronograma diário eu tinha que anexar horas de estudos independentes, eu gosto de leituras, eu sempre tinha que pegar num material da escola ou das aulas que eu ia tendo ou ia ter no dia a seguir para não comprometer a minha aula do dia seguinte então eu gostava de fazer leituras um dia antes prá na aula poder participar de forma positiva porque realmente eu sinto-me muito mal quando eu não consigo participar de forma satisfatória então eu tenho esta estratégia de fazer sempre estas leituras nas noite antes de me deitar e depois de acordar antes de pegar em qualquer coisa eu volto a reler aquilo que li a noite e normalmente eu ia para a escola com noção da cadeira que vou receber ou seja da matéria que vou receber e desta eu tinha facilidade de participar de uma ou de outra forma porque já tinha noção daquilo que vou abordar no dia seguinte, então é por ai que eu minimamente tentava dar respostas a situações surgidas em aula.

ALBERTINA: Muito bem João. Para tentar capturar os mínimos detalhes que parecem serem insignificantes, mas que são de alguma importância, já referenciou aqui que deixa de .... Para singrar né, para ter uma formação mais consistente muitas vezes deixa de dormir as noites, já referenciou que pediu um ano sem trabalho para se dedicar aos estudos, que outras coisas deixam de fazer para se dedicar ou que outras coisas deixam de fazer para ... formação...

JOÃO: passear por exemplo, deixei de passear muito só para me dedicar aos estudos. Uma das coisas que eu mais gostava de fazer era passear, mas eu vi que não adiantava nada passear. é assim a vida é um sacrifício e então se já tenho filhos eu não vou sacrificar os meus filhos porque gosto de passear, não vou sacrificar os meus filhos porque sou preguiçoso então o caminho correto que eu achei para não sacrificar os meus filhos era estudar e então os tempos livres que eu achei para não me comprometer com os meus filhos era continuar os meus estudos e então os tempos que inclusive livres que eu tinha antes de me inserir no ensino superior são os tempos que ocupei para formação. deixei de passear realmente eu gostava de curtir a vida, eu curtia muito a vida inclusive deixei de consumir o álcool só por causa da formação, eu deixei de consumir o álcool em 2010, logo que me inseri na faculdade eu deixei de consumir o álcool para ter mais tempo para me dedicar aos estudos então eu me divorciei do consumir o álcool, deixei das passeatas, deixei de curtir a vida normalmente como era só por causa da minha formação, já não vou a discoteca, já não gosto de discoteca, eu gostava muito eu amava a discoteca eu gostava de passear normalmente eu ocupava os meus tempos para passear então eu tive de retirar tudo isso de mim prá ajustar o meu tempo meu dos estudos com o meu trabalho.

ALBERTINA: tudo bem João, só fechando já me fala um pouquinho mais do que vos leva a mobilizar-se para esse empenho nos estudos principalmente para a formação superior, já falou mais eu quero apurar um pouquinho mais da vossa parte. Que importância tem para você essa dedicação para com a tua formação coesa, tem importância porquê?

JOÃO: bem essa minha formação tem importância, veja que agora temos novas gerações eu diria muita globalização e então eu quero fazer parte daquelas pessoas que vão contribuir de uma forma ou outra a inovar as novas gerações ou as gerações vindouras. Então se estão a vir muitas gerações essas gerações precisam de orientadores e então quais são estes orientadores, esses orientadores devem ser nós de certa forma e então eu quero ser um daqueles orientadores, mas não é só orientador um dos bons orientadores das novas gerações, por isso eu me apostei na minha formação.

ALBERTINA: obrigada João, dou por terminada a nossa entrevista agradecendo sempre a vossa atenção o vosso tempo disponível para mim e dar seguimento ao trabalho.

### **Entrevista realizada com a estudante: EDGAR.**

ALBERTINA: é só falar num tom de voz um pouquinho mais alto para o som entrar bem no equipamento. Obrigada por me ceder o vosso tempo para uma entrevista que vai beneficiar o meu trabalho de mestrado. A entrevista parte da minha orientadora que ela pediu muito para que agradecesse a vossa disponibilidade e a princípio eu gostaria que o Malonda fizesse uma apresentação de si. Quem é o Malonda, nome idade profissão, a quanto tempo está a trabalhar .....

EDGAR: Sou o Pedro Antônio Malonda sou professor da escola Barão de puna e já sou professor há aproximadamente 20 anos e outra parte do trabalho que tenho feito sou pastor da igreja evangélica eu trabalho como vocacionado, fiz o curso de teologia e tenho vindo a fazer os trabalhos pastorais.



ALBERTINA: e a quanto tempo trabalha... qual é o nível que trabalhou sempre no mesmo nível ou diferenciado nestes vinte anos de trabalho como professor?

EDGAR: os vinte anos de professor foi diferenciado os níveis, trabalhei com o primeiro nível eu trabalhei com a 1ª classe, trabalhei com a 2ª classe trabalhei com a 4ª classe trabalhei com 3ª classe trabalhei com a quinta trabalhei com a sexta trabalhei com a sétima trabalhei com a oitava neste momento estou a trabalhar com a nona classe.

ALBERTINA: foi um andamento pelos níveis?

EDGAR: Exato, foi um andamento pelos níveis porque o nosso trabalho de princípio andou a exigir que a gente diferenciara os níveis porque, há momentos a gente ia nas aldeias onde não há classes elevadas e nós vamos trabalhar com as crianças.

ALBERTINA: a idade, não me disse a vossa idade, se está casado, solteiro queria saber um pouquinho de você...

EDGAR: eu sou pastor, sou casado tenho 44 anos tenho 6 filhos e neste momento estou com a minha querida esposa de nome Mônica que tanto eu amo tanto.

ALBERTINA: Há quanto tempo está casado?

EDGAR: Diga?

ALBERTINA: há quanto tempo está casado?

EDGAR: Já estamos a 23 anos. O nosso primeiro filho até estuda aqui.

ALBERTINA: ok, muito bom.

EDGAR: estou a 23 anos de casado.

ALBERTINA: Me fala mais um pouquinho mais da vossa vida pessoal? Familiar, é filho único? Se não for quantos irmãos tens? Quem é o pai? O que é que fez o pai? O que é que fez a mãe?

EDGAR: A vida particular, a vida social que nós crescemos numa família de camponeses.

ALBERTINA: é natural daqui, de cá de cabinda mesmo?

EDGAR: Sou natural de Cabinda, comuna de Tando Zinze, e a mãe foi camponesa o pai também foi camponês e geralmente tivemos uma educação da aldeia e sempre que nós tivemos uma linhada da palavra de Deus e fomos crescendo e com a idade certa o pai chegou de nos colocar na escola. Geralmente nos anos 77 e 78 geralmente chegamos de iniciar os nossos estudos no ensino primário e chegamos de fazer alguma coisa e quando atingimos a idade certa chegamos aqui e começamos a estudar mas posso dizer que na parte do ensino primário naquela altura você saísse da escola você tinha que seguir o pai na lavra o pai até recomendava, você termina as aulas tem que me seguir na lavra a fim de prosseguir os trabalhos. E foi sempre assim termina acaba de sair da escola com a primeira classe 2ª 3ª você tem que seguir o pai na lavra e se você não ir na lavra naquele dia você tem problemas, e prontos isso nos ajudava muito uma parte estamos na escola e ao pôr do sol vamos na lavra a seguir o pai e a mãe aquilo nos ajudava bastante, até neste momento temos uma vida que nos permite viver devidamente sem qualquer problema onde quer que a gente estiver aprendemos lavrar a terra também o pai chegou de nos colocar na escola. Todos nós uns prosseguiram no estudo outros não prosseguiram, devido à guerra isso prejudicou muita gente.

ALBERTINA: e quantos irmãos?

EDGAR: nós neste momento somos três irmãos e na parte das irmãs são 5. Quer dizer que nós estivemos 8.

ALBERTINA: Oito filhos.

EDGAR: 8 filhos.

ALBERTINA: e como é que é isso, explica-me um pouquinho. O pai era camponês a mãe era também camponesa. Como é que eles tiveram a iniciativa o que é que eles falavam relativamente a escola aos filhos, para eles os porem a frequentar a escola uma vez que eles não frequentaram a escola é isso que eu entendi. Então que argumentos eles usavam para vos pôr na escola?

EDGAR: Evidentemente que naquela altura já havia um certo desenvolvimento aparecia pessoas professores que davam, e geralmente explicavam a importância de colocar pessoas na escola e

sabiam que alguém estudando é que poderão segurar este país, não estudando é difícil e compromete a vida e geralmente tiveram aquela concepção dos pais de que colocar o filho na escola é como se fosse alguém que está cultivar algo que ele poderá produzir no futuro e este como se fosse alguém que está semear uma semente está semente e está vai germinar e depois no fim dará frutos. Foi sempre isso e nós tivemos essa exigência de entrarmos na escola e quando você não fosse a escola o pai quando viesse você tinha que apanhar se você não fosse a escola você apanha mesmo, porque é que você não foi a escola? E graças a Deus aquilo nos rendeu bastante. Aquela era a concepção que eles tinham que estudando um dia você poderá ser alguém no futuro esses são sempre os conselhos que eles nos davam

ALBERTINA: Tanto o pai como a mãe, não é?

EDGAR: tanto o pai como a mãe.

ALBERTINA: influenciavam na vossa ida para a escola.

EDGAR: esta é a razão que nós temos quase todos os irmãos quase todos sabem escrever. agora há irmão que saem sempre malandros que o pai pode falar naquela altura você ia a escola o ensino era autoritário o professor ficava aí se você não souber você tinha que apanhar, vara aí soava na sala aquilo era decorar sempre a tabuada, você tinha que decorar certas lições e se você não decorar a tabuada, não decorar as lições, a matemática e se ... há momentos que eu sai pela janela, varras, alguns paus que chamavam de pau fere Lubota, pegava aquilo e aquilo as vezes cortava-se no corpo e através daquilo levava certos alunos a fugirem da escola evidentemente alguns alunos fugiam mas aqueles que perseveravam terminavam o ano que fosse mesmo que evitavam as brincadeiras acabavam por transitar.

ALBERTINA: entre os irmãos, todos neste momento estão com o nível superior ou como é que é isso?

EDGAR: Neste momento temos um irmão que é médico estava no ensino superior e as outras irmãs uma que é professora também, a outra também fez o ensino médio e por razões do casamento o marido proibiu que não pudesse estudar ficou aí, prontos isso é próprio e as outras por razões da guerra não conseguiram prosseguir os seus estudos sobretudo aqueles que abrangeram o momento da guerra, não foi possível esse esteve na tropa e acabou por ficar assim e não teve um nível muito aceitável, acabo por ficar com a quarta classe. E as outras duas irmãs não tiveram acesso de estudo, porque é aquela coisa quando refugiávamos para o Zaire, RDC e ficaram aquela coisa de não tiveram o acesso de continuar a estudar e arranjaram seus maridos casaram-se a acabaram por ficar assim.

ALBERTINA: então fez o ensino primário lá na aldeia?

EDGAR: sim.

ALBERTINA: e quando é que vieram para cá. Veio para cá para a cidade de cabinda em que circunstância?

EDGAR: Circunstância mesmo para estudar. Depois de terminar naquela você tinha que fazer a 4 classes, fazer a 4 classes ou você tinha que ir para o Zenze do Lucula ou você tinha que vir para a cidade. Na cidade também ficar na missão evangélica e estava aí a missão católica, onde estavam aí jovens que não tinham parentes na cidade essa missões acudiam os alunos ou os encarregados de pessoas que viam das aldeias, ficavam ali e eles atendiam as pessoa e a partir dali nós ali tínhamos acesso a estudar

ALBERTINA: com quantos anos é que veio para cá?

EDGAR: Eu fui com 12 anos. Com 12 anos eu vim para cá e depois no primeiro ano não aguentei tive que voltar para a aldeia depois do pai ter falecido já não aguentei as coisas, depois do pai ter falecido já não aguentei tive de voltar para a aldeia, fiquei catorze anos a mãe disse tinha que ir viemos para a missão evangélica onde começamos naquela altura já era com sexta classe na transição de 79 para 80, naquela transição 81, naquela altura saiu a barão puna chamava-se de novo de Eurico Gonçalves onde terminamos o ensino secundário depois fomos para o terceiro nível, esse terceiro nível funcionava aqui na escola hoje em dia chama-se escola industrial mas, naquele tempo chamava-se polivalente. Depois de terminar o terceiro nível veio a guerra não foi possível de prosseguir os estudos tivemos que interromper para cumprimos a outra parte. Depois de cumprimos a outra parte ficamos aí e demos sequencia nos estudos nos anos 88 e terminamos nos anos 93 terminei o ensino médio no IMNE, depois de terminar o ensino médio prontos ficamos fui para o curso pastoral, fiz aí 4 anos e depois de terminar os 4 anos casei-me com a minha esposa em 87 para ... 88 que eu casei

*legitimamente e começamos a viver. Comecei a trabalhar na educação a partir de 89, em 89 comecei a trabalhar na educação. Em 88 trabalhei um ano como colaborador e 89 fiz uma reciclagem um curso e depois de ter feito então fui enquadrado como homem do pessoal da educação e comecei a trabalhar e fui para efetividade a partir dos anos 88, não em 87 fiz o ano colaborando e 88 comecei trabalhando na educação.*

*ALBERTINA: ok, eu estou a notar que na tua trajetória teve assim cortes momentos de cortes relativamente a formação, relativamente aos estudos. Para além do que os pais diziam, da importância dos estudos que outros motivos o faziam voltar a escola. Porque nós sabemos que por causa destas interrupções, é o que suponho, muita gente por causa das interrupções não retomando a escola ficam pelo caminho. Uns começam a 4 classe, terminam a 4 classe porque tem de mudar de província ou tem que mudar de localidade acabam por interromper os estudos e nem voltam mais a escola. Então na parte do Malonda que outras motivações estão na base que o Malonda tem aquela força aquela vontade de retomar sempre mesmo com os cortes que houve na trajetória de estudo.*

*EDGAR: Aliás eu não tive muitos cortes o primeiro corte quando transitei da 4 classe para a 5 classe. Quando cheguei aqui havia problema de residir-se e também como familiarizar-se tinha outro ambiente cheguei aqui tinha outro ambiente e o pai falece e fiquei um pouco abalado tive de regressar ainda. Depois de regressar fiz dois anos e tornei a voltar e consegui de terminar a parte que precisava até a 8 classe. Ao término foram as razões da vida militar já era abrangido com maior de 18 anos você deve cumprir a vida militar essa é uma das razões que nos levou a interromper tive uma interrupção maior essa interrupção maior foi a razão de cumprir a vida militar, foi essa a razão.*

*ALBERTINA: eu quero entender o que lhe fazia voltar a escola. Interrompeu os estudos nós sabemos que é muito vulgar, interrompe os estudos e depois quando voltam da vida militar, não volta mais as carteiras não tem mais paciência, não tem mais vontade aquele desejo. E da vossa parte, ou seja, da tua parte o que é que lhe fazia voltar. Teve aquela interrupção de dois anos teve que voltar na aldeia não é, mas mesma assim quando voltou ainda retomou aos estudos, teve a interrupção da vida militar mais quando voltou da vida militar mesmo assim ainda retomou aos estudos e estamos no grau que estamos hoje. Hoje estamos no ensino superior então o que é que lá dentro lhe fazia voltar aos estudos?*

*ALBERTINA: Não, aqui aí isso para mim, eu tinha mesmo aquele sonho de querer terminar os estudos porque não me sentia bem à vontade, isso eu me recordo foi em 2 e cinco que eu estava para ir em Cuba. Os processos foram tratados e chegou aí tive uma interrupção uma situação da parte da mãe que negou que não fosse mais eu ficava com aquela situação que tinha de terminar os estudos, então foi uma motivação por nossa parte, uma motivação minha, porque eu me sentia que o nível que eu tenho não é rentável para enfrentar os desafios desta sociedade não era necessário que alguém .... Não por mim próprio pretendi terminar os estudos.*

*ALBERTINA: Já falou dos níveis dos irmãos, já falou da relação da família com a formação disse que teve um impacto muito grande para a escola agora vamos pular um pouquinho para outros elementos que fazem parte da vossa relação. Porque é que tinha essa motivação própria, qual é a importância que dava aos estudos, tem outros fatores no meio que levavam a querer atingir o nível mais alto. Que outros elementos podiam estar a influenciar essa vossa decisão de continuar na formação estudantil?*

*EDGAR: sim a princípio nós captamos os conselhos dos pais. Os pais diziam filhos estudam amanhã vocês poderão ser elementos da sociedade. Estudando vocês vão conseguir de enfrentar e nos ajudar no trabalho porque, até eles diziam tinham uma visão são pessoas que não estudaram mais eles sabiam que o país era liderado por pessoas que estudaram, você pode ficar se não estudar você não ascender um cargo dentro da sociedade, se não estudar você não assume nada, mas eles tinham aquela visão e eles nos diziam devem estudar não podem ficar assim porque é assim que vocês serão elementos na sociedade. nós somos camponeses eu costume trepar, nós lavramos a terra mas vocês não vão continuar a viver assim porque o que vem no futuro nós não sabemos muita coisa há-de mudar, muita coisa há de mudar e nós tínhamos aquela coisa que não quando éramos putos de dizer eu também serei professor, não eu também serei motorista, eu também serei médico, eu também... então aquelas coisas de vocação de criança que a gente dizia e então você a ascender aquela categoria você tinha que estudar e nós descobrimos que afinal de conta estudar é algo que leva uma pessoa a poder assumir certa categoria.*

*ALBERTINA: Malonda fez o ensino médio de que formação. Qual é o ensino médio que fez?*

*EDGAR: eu fiz o ensino médio na área de pedagogia*

ALBERTINA: *pedagogia. Fez o ensino médio no ADPP ou IMNE?*

EDGAR: *fiz IMNE no curso de geo-história.*

ALBERTINA: *Geo-história quando é que surgiu então a necessidade de ... já falou um pouquinho aqui, mas eu quero saber depois o IMNE é que fez o pastoral ou antes do IMNE fez o pastoral?*

EDGAR: *bem é isso que eu dizia primeiro eu fiz o pastoral, quer dizer fiz primeiro, comecei o IMNE mas tive de interromper por razões que eu dizia de vida militar eu já estava numa idade abrangida e quantas vezes fui capturado não poderia continuar a estudar então tive que cortar. a partir dali cortando e comecei a frequentar a igreja e senti a minha vocação, depois de sentir a minha vocação fiz o curso pastoral durante 4 anos e assim tive que continuar a fazer os estudos no ensino médio, terminei os meus estudos no ensino médio é aí que pensei não como naquela altura com você dando aulas com a sexta classe já estava apto para estar dentro da sala a dar aulas e até eu me recordo nós fomos tirado de dentro da sala a terminar a sexta classe fomos já selecionados para sermos monitores para poderem ajudar na área de educação, fomos assim. Depois enquadrados assim até que nós fizemos a oitava classe. Completando a oitava classe éramos já quadros da educação dando assim aulas, fizemos uma reciclagem na escola de formação profissional e fomos dando aulas ligeiramente, eu fazia o curso pastoral, mas era já professor, já dava aulas, mas eu já tinha geralmente a décima classe feita quando eu faço essa interrupção por questões da guerra e, ficamos assim depois de terminarmos o curso pastoral então conclui o ensino médio.*

ALBERTINA: *e depois de concluir o ensino médio entrou imediatamente para a universidade ou....*

EDGAR: *Não.*

ALBERTINA: *Ainda não, não é.*

EDGAR: *passaram ainda muitos anos porque o nosso trabalho em si também pastoral nos levou algum tempo até que cumprimos ainda os anos que eu estava a trabalhar no Maiombe, onde lá no Maiombe não havia a universidade em 2007 fui transferido para Cabinda trabalhando na área pastoral onde fui convencionado, também dando aulas como professor e em 2010 eu disse não eu tenho que continuar a fazer o superior.*

ALBERTINA: *é disso que eu quero que me fale. Quando é que surgiu essa necessidade de entrar no ensino superior como é que surgiu aquela necessidade de que o ensino superior está a me fazer falta vou lá uma vez que tem o ensino superior aqui na província.*

EDGAR: *primeiramente o que me colocou em causa são os conhecimentos, porque o homem cada vez tem que ter conhecimentos ele tem que saber porque o saber não está limitado o saber cada dia cresce é no saber que o homem vai descobrir mais outros factos e outra coisa para você exercer devidamente a sua atividade profissional você tem que estudar você tem que ser homem do saber. Sendo homem do saber isso vai permitir o homem também progredir o seu crescimento, atingir patamares na área intelectual. Portanto isto eu tenho tido, tive sempre esse sonho de não limitar por isso é que eu dizia.... mas por questões da vocação o trabalho pastoral, na área em que nós estávamos, não poderíamos fazer nada nós tínhamos que cumprir ainda, depois de terminar a formação, aliás onde fomos eu já tinha esta visão que tinha que continuar a fazer o ensino superior. Mesmo aqui onde estou tem também a visão que, terminando o ensino superior eu tenho que continuar isto porque o saber é muito importante para o homem, indo de encontro de acordo a área onde nós estamos, estamos a lidar com o povo, você pastor está a lidar com o povo, você é professor está a lidar com alunos com crianças você tem que ter conhecimentos avançados. Então neste caso eu tendo esses conhecimentos você vai saber enquadrar o povo que você está a lidar, a criança que você está a lidar. Há crianças sabem investigar, há crianças que vem já com conhecimento já muito construído e a partir dali você sabe também terás aquele acesso poder conversar e saber enquadrar as coisas no seu devido lugar. Nós temos crianças mais rápias, crianças já sabe que com a formação profissional psicopedagógica que você tiver já sabes como enquadrar o.. para evitar levar aquela violência simbólica não é, nas crianças.... Há certos professores por não terem conhecimentos, o saber consegue de levar esses tratos porquê ele não sabe não é formado isso é uma coisa muito importante. E a nossa formação própria, nós lidamos com doutores, lidamos com pessoas de extratos sociais diferentes então você deve saber que quando está num extrato social elevado como aplicar, no entanto, quando você estiver num nível muito baixo terá dificuldade de poder enquadrar quando está num nível muito elevado agora este é o nosso desafio.*

ALBERTINA: *então da explanação que fez eu posso concluir, não sei se me permite, que a escolha para o curso de pedagogia tem a ver com o vosso trabalho com a vossa profissão. Porque é que*

escolheu o curso de pedagogia. É ISCED formação de professores mas podia ter escolhido o curso de história, matemática podia ter escolhido biologia... escolheu especificamente o curso de pedagogia porquê?

EDGAR: bem quando eu fiz o ensino médio eu não queria me desviar. Não queria me desviar da base porque a minha base eu já tive já pedagogia em geo-história, mas a princípio quando eu fiz o ensino médio eu queria fazer matemática e física eu não posso esconder isso tem um professor que me aborreceu. Um docente me aborreceu quando estávamos a fazer décima primeira para transição para a décima segunda, naquela altura começamos na décima classe. A nona e décima onde a partir da décima primeira começa a especialidade e um professor que me aborreceu, professor de matemática me aborreceu eu fazia as minhas coisas, mas como não tinha gasosa para dar e eu fiquei um pouco comprometido teve que me levar para o recurso. E eu disse, mas eu trabalhei bem e ele disse não vai para recurso. Fui para recurso e não fiquei à vontade porque fui a recurso com nove virgula cinco e eu disse mas vendo o trabalho que eu fiz e o comportamento do aluno você podia dar muito bem dez porquê me levou ao recurso. Dali fiquei desmotivado e tive de decidir e isso foi na décima e tive de decidir para geo-história. Eu disse epá já que é assim neste curso como estou a começar assim eu se ir ali vou ter problemas então decidi mudar para geo-história e fui desse sentido que eu fui para geo-história. Graças a deus também tive bom proveito e agora no curso de pedagogia eu sendo já professor, escolhi a pedagogia porque é o curso que eu gosto, amo e especialidade em pedagogia e ao concorrer no ISCED eu concorri para a psicologia e pedagogia e então tive êxitos na pedagogia e estou a fazer a pedagogia

ALBERTINA: Vamos entrar agora, ou seja, já estamos dentro do nosso ensino superior como deu conta vamos falar um pouco da vossa vida no ensino superior. Como é que foi a adaptação dentro do ensino superior foi fácil, foi difícil teve dificuldade como é que é isso?

EDGAR: nós sabemos que quando há uma determinada situação de um lugar para outro lugar, uma variação sempre há dificuldades. As dificuldades não faltam de transitar de um nível para outro nível, as dificuldades não faltam. As dificuldades nós tivemos é como se fosse alguém que saiu do ensino de base a nona classe para a décima classe. A forma de como vai proceder em termos dos professores e conteúdos, você vai ver uma diferença e de maneira nós vamos também para o ensino superior. Quando a nós, tivemos anos sem estudar, isto não foi fácil passamos aproximadamente uns 15 anos sem você estudar, então tivemos uma dificuldade logo na entrada mas graças a Deus nós tivemos que adaptar mostramos a motivação e aquilo que nos levou a ir lá as nossas capacidades e no primeiro ano tivemos dificuldades sobretudo em trabalhos investigativos porque cada professor que vem diz investiga tudo isso faz isso, faz aquilo tivemos estas dificuldades mas valeu a pena aqueles trabalhos pois nos abriu a visão em como nós íamos encontrar mais coisas difíceis mas graças a Deus o empenho que tivemos no primeiro ano aquilo foi valioso e foi benéfico, foi um pouco difícil no primeiro ano, foi um pouco difícil sobretudo a forma que nós já conhecíamos no ensino médio e a forma que fomos encontrar no ensino superior. Naquela altura que nós fizemos o ensino médio não havia trabalhos investigativos eu confesso isso não havia trabalhos investigativos, tudo havia a base de apontamentos. E fomos para o ensino superior estamos a encontrar trabalhos investigativos. Isso era um pouco difícil mas com a forma dos nossos docentes e mostrando o que é que devem fazer isso foi-nos benéfico e também nos incentivou no primeiro ano a familiarizar-se com os apontamentos não de maneira como nós víamos, porque aí você tem que cumprir deve conhecer e sobretudo quando tínhamos pedagogia geral você tem que conhecer os autores, cada autor quem diz isto, isto quem o Sócrates, quem é o Aristóteles, quem é o Roger ... Mais outros saber o seu ponto de vista tem que defender, isto nos abriu a visão isto nos foi interessante. Depois foi uma abertura de ligação que nos levou até quarto ano. Chegando no quarto ano, nós agora vamos ver que comparado com aquilo que vimos no primeiro ano é uma sequência, é uma sequência lógica e aquilo casa então vejo uma formação completa e aí nós nos sentimos já formados.

ALBERTINA: podia dizer que teve dificuldades que muita gente apresenta, todo mundo apresenta quando passa de um nível para outro, não é?

EDGAR: Sim.

ALBERTINA: e para suprir estas dificuldades muitas vezes temos que fazer algum sacrifício mas temos de arranjar formas de ultrapassar as dificuldades. O que é que você deixaria de fazer para ter êxitos para ultrapassar essas dificuldades o que é que você fazia ponham de lado, que sacrifício fazia para conseguir dar resposta à nova realidade que você encontrou para conseguir ultrapassar a realidade que você estava a encontrar ali, o que é que você fazia?

EDGAR: *Dra. eu dizia que isso ali é sacrifício mesmo porque é que eu digo uma expressão que o Dr. Luemba tem usado nunca tem sido fácil e nunca foi fácil portanto para fazer o ensino superior nunca tem sido fácil e nunca foi fácil. Bem tivemos, temos tido para termos êxitos tivemos que nos sacrificar há momentos tínhamos que dormir duas horas da madrugada você está a acordar você foi ali a estudar tem que familiarizar-se com a leitura sobretudo a leitura, você tem que ser amigo da leitura e tem que ser também amigo de investigar conhecer os conteúdos e não só também amigo de procurar saber explorar o colega, você não pode dizer que eu... e sobretudo estudos em grupo sobretudo estudos em grupo, estudos em grupo nos valeu muito nós somos já jovens que já numa idade avançada mas temos jovens que saíram no ensino médio e ligou o ensinou médio diretamente para o ensino superior jovens ainda e em tudo ainda é jovem e estes jovens nós temos que classificar que eles têm ainda memória fresca e eles transportam consigo conhecimentos ainda frescos e assim nós trabalhamos com estes jovens e os jovens também mostraram interesse quando debatíamos um trabalho que nós estamos a debater e os grupos de estudo um vai explicar o que é que ele entendeu naquela cadeira e alguém vai explicar como o professor explicou, tinha sobretudo alguns colegas que vieram da ADPP com a formação de metodologia e eles explicavam e agente interessado em saber compartilhar com outros colegas chegamos de enquadrar e dar resposta, bem isso não foi fácil, sobretudo para darmos resposta, estudarmos em grupo, não procurar estudar sozinho, sacrificar o tempo na leitura, na investigação nos trabalhos e logo e fazer uma agenda nós tínhamos um programa de grupo de estudo fazer uma agenda está agenda nós sabemos hoje vamos estudar a disciplina X disciplina X nas horas X vamos ao grupo sabemos quantas cadeiras nós vamos estudar e as horas a que horas. Nós sabíamos que você está a fazer outro trabalho tem que suspender para dar a resposta naquilo que foi planificado, isto foi mesmo assim. Se a gente não responder na hora planificada temos que procurar uma outra hora para podermos estar no nosso encontro para planificar, tínhamos que perder o sono, muitas vezes você vai dormir uma hora de madrugada tem que acordar três horas, quatro horas você está a acordar e ao acordar você está a ler aquelas horas é já uma leitura daquilo que vocês treinaram, começa a ler, começa a ver aquela hora tudo está calmo a memória também está calma e você começa a estudar à vontade. Ao ir à escola fazer prova, começa a corresponder você dá respostas bem aplicada. Então neste momento foi mesmo, eu até posso recordar que na fase de fazer o ensino superior não foi fácil havia momentos a minha esposa me dizia eu já não te entendo o nosso caçulé um dia disse-me olha eu dormi cedo porque estava doente, dormi cedo vinte horas estava na cama a dormir e o meu filho foi, mas o papa está a dormir esta hora? Perguntou na mãe o que é que se passa com o pai? A mãe disse não o pai está doente. Ah eu sei o pai só tem de estar doente a dormir a essa hora, porque o filho já estava acostumado não me ver e mesmo quando estiver acordado eu saia de cama isto é mesmo assim sacrificar-se um pouco e nós chegamos de dar as respostas. Se gostamos da preguiça não podemos dar as respostas porque a preguiça é o inimigo do saber, quando mostrar a preguiça os outros estão a ver você não via conseguir de fazer nada para ser universitário chegar de dar resposta você tem que planificar o tempo. Tem que ter tudo planificado.*

ALBERTINA: *Muito bem Malonda para fechar eu queria que me falasse um pouquinho mais da tua parte pessoal para a mobilização aos estudos. Porque nós sabemos não é que para fazer o ensino superior digamos que de certa forma faz-se. Tem muita gente que faz o ensino superior, mas não diferencia tanto. Para mim selecionar o grupo de estudantes que trabalha comigo eu fiz as minhas observações em sala, estão a trabalhar comigo neste projeto, fiz as minhas observações em sala e conversei com professores da turma que me indicaram na maior parte quase os mesmos nomes que se diferenciam em sala de aula em termos de dar resposta em termos de motivação para os estudos, em termos de comportamento relativamente ao saber, a ciência não é, a investigação. Eu queria saber da vossa parte o que é que está na base desta motivação? O que é que te mobiliza para dar resposta ao que o ensino superior vos pede?*

EDGAR: *Eu dizia que isso é relativo, primeiro ser humano vive numa sociedade e que transforma essa sociedade é o ser humano e, vai para o ISCED e você sair motivado você primeiramente tem que saber o que é que você. Se matriculou e porque é que eu preciso ser um quadro superior. Tem que ter, tenho que indagar tenho que levantar algumas indagações, o que é que eu vou dar resposta para a sociedade. Uns vão para o ISCED porque querem adquirir o diploma para conseguir ascender de categoria na empresa onde ele trabalha prontos já tem diploma eu agora tenho que concorrer para subir de categoria, para ganhar bem. Uns optam por isso para fazer essa diferença com aquele que já vive. Enquanto os outros vão para mostrar as competências e dar resposta a sociedade porque somos nós que estamos na sociedade e temos que dar resposta a sociedade. Que resposta vamos dar a sociedade, nós vamos enfrentar vamos trabalhar para mostrar as capacidades intelectuais e para dar respostas as... porque uns têm competências comunicativas, têm competências que o*

*homem apresenta. Então essas competências que o homem apresenta competências comunicativas, investigativa e mais competências tem a ver no enquadramento da vontade, da motivação daquilo que levou o homem a se enquadrar, a estudar. Sabemos que estamos num mundo de muito desafio, um mundo problemático, globalizado, de constantes mudanças e assim nós temos que ser, você como quadro superior nós temos que saber algo para dar resposta a qualquer momento. Por exemplo este foi o meu desafio, vou para o ensino superior não para conseguir um diploma e ser chamado como um quadro superior, talvez ser chamado de Dr, talvez também subir de categoria. Isso pode ser, mas é a última coisa, mas o que está conosco é o jogo das competências, para ser conotado quem é que une essas qualidades, quem é que une essas competências de acordo o interesse que cada indivíduo mostrava no processo de ensino e aprendizagem isso desperta o interesse, não este está capacitado de poder ocupar este lugar, isto porque na parte do envolvimento nos estudos. Nas investigações, nas intervenções eu falei na comunicação isso desperta muito interesse nos outros. Agora quando vamos ver falar dos alunos destacados há quem optou pela lei máxima há quem optou pela lei mínima. Quando falamos da lei máxima aquele que opta para ter notas elevadas, mas, temos que ter muita atenção... elevada porque temos muitas maneiras para adquirir notas elevadas porque temos muitas vezes aquele que nós vamos ver que tem uma nota mínima ele tem uma competência comunicativa, ele tem uma competência investigativa, ele tem outras competências ... Mas não chegou de ter uma nota máxima porque não entrou numa via de cábulas mas outras vias que alguns entram. Portanto isto é que eu dizia que uns optaram pela lei máxima e outros pela lei mínima, mas aquilo que a Dra, dizia que é nas competências onde vamos descobrir quem dá para ficar aqui e quem não dá para ficar aqui isto foi na opção da Dra. procurando saber porque nós nos conhecemos, conhecemos quem pode dar uma resposta adequada a um dado momento. É ali que nós conseguimos dar as respostas.*

*ALBERTINA: Muito obrigada Malonda.*

## **Apêndice D – Transcrição dos contatos feitos com os professores para a definição dos estudantes.**

### **Contato realizado com o Pascoal e Pedro**

ALBERTINA: Boa tarde professor Lourenço Puindi, professor do Instituto Superior de Ciências de Educação (ISCED) no curso de Pedagogia. Em que disciplina professor?

LOURENÇO PUINDI: Filosofia da Educação.

ALBERTINA: Filosofia da Educação. Professor de acordo ao tema que lhe apresentei gostaria que o professor se pudesse mencionasse nomes de alguns estudantes que o professor verificou que apresentaram durante o ano letivo passado um desempenho académico diferenciado dentro da turma de pedagogia. O professor poderia citar alguns nomes de alguns estudantes que podem ser potenciais para o meu grupo de estudantes selecionados para o meu trabalho de pesquisa?

LOURENÇO PUINDI: Bem obrigado pela questão pela colocação. Na qualidade de professor de filosofia da Educação desde o início do primeiro semestre até ao fim de facto verifiquei várias, digamos avanços do ponto de vista de investigação científica por parte de alguns estudantes e também uma certa debilidade do ponto de vista de investigação por parte de outros. Trabalhei justamente com estudantes do curso de pedagogia III ano, isto é, nas opções de ensino primário (E.P) e gestão e inspeção escolar (G.I.E). O que pude verificar é que ambas as turmas, primeiro é que a primeira diferença que eu notei é no âmbito da escolha das opções dentro do curso de pedagogia. Os que iam mais pelo E.P tinham aquela tendência de estudar por causa de um determinado fim, diploma, verifiquei isto em contrário com os estudantes de G.I.E e, parece-me que até agora há uma prossecução daqueles, porque também sou professor do IV ano e vejo que há maior empenho por parte daqueles que optam pela G.I.E. Tem um grupo de estudantes que de facto se destacaram mais a sua maior parte, fazem parte do curso de G.I.E.

Portanto os estudantes Edgar, o Casimiro, uma tal de Filomena uma das únicas que também engrossam este grupo, é de grosso modo, são esses que percebi que ao longo das discussões que tivemos, das investigações, do estímulo que davam a nível da Filosofia da Educação pareciam-me que estavam interessados com o saber. Os outros estavam preocupados em trabalhar, quer dizer estão mais para um dia trabalhar, ter uma colocação a nível do Ministério da Educação. E até porque sucedia a questão de muitos pela opção E.P., são aqueles que fizeram o Ensino Pré-universitário (PUNIV) então, são obrigados a fazer o E.P. só porque querem garantir o próprio emprego mas, no âmbito daquilo que é a investigação é mas para os estudantes da G.I.E. É praticamente em linhas básicas o que eu pude ter como ideia fundamental daquilo que é capacidade de procura do saber entre os alunos, dentro dos alunos de pedagogia nos cursos E.P e G.I.E.

ALBERTINA: Em termos de desempenho escolar e académico o professor Lourenço, citou o Edgar, Casimiro, Joana e Augusto, mas, em termos gerais o professor tem mais um ou outro nome que poderia engrossar neste grupo que demonstraram um melhor desempenho escolar na turma de pedagogia?

LOURENÇO PUINDI: sim tenho, mas ...

ALBERTINA: Escapa aqui os nomes, não é?

LOURENÇO PUINDI: Conheço as pessoas, mas os nomes é que me fogem como é o caso dos dois delegados (delegados das duas opções) bem eu conheço as pessoas, mas....

ALBERTINA: Mas os nomes é que escapam neste momento, não é?



LOURENÇO PUINDI: Mas na sua maioria estão no curso de G.I.E, porque são neles que de facto notei um certo empenho e uma certa dedicação naquilo que é investigação científica. Do resto estava ali por causa de uma garantia de um dia trabalhar, não por aquilo que é investigação. Não há muita iniciativa por parte desses que optam pelo E.P. dentro do curso de pedagogia III ano.

ALBERTINA: Muito obrigada professor. Podia de alguma forma detalhar melhor a que chama isso de melhor desempenho destes estudantes. Identificou um grupo de estudantes principalmente no curso de G.I.E que ao seu ver farão parte ou que deverão constituir o meu grupo de pesquisa. Mas a que chama isso de melhor desempenho escolar? O que verificou nestes estudantes que pode identificá-los como os estudantes com melhor desempenho escolar ou académico?

LOURENÇO PUINDI: Verifiquei exatamente essa atitude por causa da própria iniciativa destes estudantes, por causa da procura de um alvo bibliográfico fora daquilo que apresentava a nível das aulas, tinham um espírito de criatividade e de investigação, notava-se neles e faziam questões concretas e muito pontuais naquilo que é ciências de educação no âmbito da própria formação em ciências de educação. Acho que a criatividade, a própria iniciativa, a própria socialização destes estudantes é que de facto fazem deles bons académicos até e profissionais no âmbito de ciências da educação. É mais ou menos isso que notei quer dizer não se cingem apenas no saber por causa da nota ou da passagem de ano, mas, noto nesses alunos uma tendência, uma capacidade de querer conhecer também para a vida.

ALBERTINA: Muito obrigada professor Pascoal, tenho os dados que preciso e se for necessário voltarei a contactá-lo e espero poder contar com a vossa disponibilidade.

LOURENÇO PUINDI: Obrigado.

### **Contato feito com o professor: Pedro David.**

ALBERTINA: Boa tarde professor Pedro David.

PEDRO DAVID: Boa tarde.

ALBERTINA: Conforme havíamos combinado, este nosso encontro serve para abordamos sobre uma questão que é pertinente para o meu projeto de pesquisa. Segundo o que lhe enviei o meu tema está em torno das concepções dos estudantes universitários sobre a universidade. Um olhar sobre a relação com o saber dos estudantes do IV ano de pedagogia. Ele está voltado ao relacionamento que os estudantes de pedagogia atualmente no IV ano, outrora no III ano, que foi o ano passado tiveram face ao saber científico e académico. Minha questão é saber se o que observei em sala com os estudantes na minha disciplina, o professor Lando também observou. Eu observei que alguns estudantes se denotavam em função ao seu comportamento, em função a sua forma de relacionar-se com o saber em detrimento dos outros. Será que acontecia o mesmo com o professor na sua disciplina ou não. E se aconteceu que estudantes são esses que mostraram um melhor desempenho em relação aos outros. Poderia citá-los?

PEDRO DAVID: Bem de partida alguns que me aparecem agora em mente é o caso do estudante Augusto, Casimiro, Ndoqui, está também a Filomena e o outro o João.

ALBERTINA: Professor estes são os que a princípio o professor L. acha que tiveram melhor desempenho a partir da sua apreciação e a partir da observação que teve em sala de aula no decorrer da vossa disciplina. Professor desculpe podíamos recuar um pouquinho é professor do ISCED nas disciplinas de?

PEDRO DAVID: Nas disciplinas de Desenvolvimento curricular e também acompanho as práticas pedagógicas. Também já fui monitor de Pedagogia geral, Educação comparada e Documentação e informação.

ALBERTINA: A que está atribuindo melhor desempenho nos estudantes, ou seja, que características o professor verificou nestes estudantes que lhe dá a possibilidade de dizer que estes tiveram melhor desempenho em sala de aula relativamente a tua disciplina? Que aspectos são estes?

PEDRO DAVID: Bem o primeiro critério que nós temos que ter em conta para o sucesso académico dos estudantes é a capacidade de adaptação ou a capacidade de reajustamento. O estudante ao longo do curso ele vai desenvolver certas habilidades e que lhe vai permitir se ajustar em função a cada metodologia ou procedimento didático de cada professor e, acima de tudo nos melhores estudantes que eu notei uma tendência muito forte do perfil de entrada, o percurso de formação, ter influenciado muito no seu aproveitamento, no seu rendimento escolar como também na questão de engajamento do próprio estudante como é o caso do Casimiro, João, Augusto e Comprido. Eles têm um perfil de entrada proveniente das escolas de formação de professores e certamente que alguns assuntos que são abordados nestas instituições do ensino superior são assuntos que nestas escolas de base de professores já tem sido tratados, naturalmente que aparecem com um pé de avanço em relação por exemplo do caso da Natália que fez PUNIV mas, que conseguiu entrar no ISCED, que em termos de seleção da própria instituição, a política é para as escolas de formação, têm maior percentagem as escolas de formação de professores e menor percentagem para as escolas técnicas e sociais etc. então vê-se que há uma questão de perfil de entrada. E também há outra questão da Natália que é vontade e adaptação. Ela tem vocação para o professorado, mas não tem uma formação inicial nas escolas de formação de professores ela adaptou-se. Claro que ela teve por exemplo, não só ela como todos os que estiveram aqui, tiveram desafios institucionais. Desafios ligados ao curso, desafios ligados ao relacionamento com os professores, mas, eles souberam em função do próprio contexto souberam se reajustar, se readaptar face as novas exigências do ensino superior. E outra questão que lhes leva a se destacarem na minha disciplina é o interesse que o próprio estudante tem para superar as suas dificuldades, superar os seus tabus acima de tudo e ter um engajamento forte em termo de relacionamento com o professor-conteúdo-objetivo e associar aquilo que não se fala, não se lê e não se ouve falar em sala de aula com leituras na livraria, na biblioteca, etc.

ALBERTINA: Muito obrigada professor Lando. Tenho as informações necessárias para determinar o meu grupo de estudantes. Agradeço a atenção dispensada e qualquer coisa eu volto a contactá-lo.